



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Letras – IL  
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas – LIP  
Programa de Pós-graduação em Lingüística – PPGL

## **RELEXIFICAÇÃO FONOLÓGICA NO TOK PISIN**

Celeste Garcia Ribeiro Novaga

Brasília – DF  
2013



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Letras – IL  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP  
Programa de Pós-graduação em Linguística – PPGL

## **RELEXIFICAÇÃO FONOLÓGICA NO TOK PISIN**

Celeste Garcia Ribeiro Novaga

Tese apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Linguística.

**Orientador: Dr. Hildo H. do Couto**

Brasília – DF  
2013

Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Letras – IL  
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas – LIP  
Programa de Pós-graduação em Lingüística – PPGL

## **RELEXIFICAÇÃO FONOLÓGICA NO TOK PISIN**

Celeste Garcia Ribeiro Novaga

Banca Examinadora

*Prof. Dr. Hildo Honório do Couto*  
(presidente)

*Prof.<sup>a</sup> Dr. Antônio Augusto Mello*  
(membro)

*Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniele Marcelle Grannier*  
(membro)

*Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elza Kioko N. N. do Couto*  
(membro)

*Prof.<sup>a</sup> Dr. Mark Ridd*  
(membro)

*Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Orlene Saboia*  
(suplente)

Às minhas filhas **Ana Carolina e Mariana**.

Ao meu esposo **Elielcio**, pelo carinho, amor e compreensão.

À minha mãe **Arlete**, pelo apoio incondicional.

Ao meu pai **Emanoel** (*in memoriam*), o meu maior incentivador...

## **AGRADECIMENTOS**

A eterna busca pelo conhecimento exige força, dedicação, comprometimento e nos faz perceber que os sonhos são possíveis quando acreditamos neles.

Nesta caminhada, tive a grande felicidade de encontrar e contar com pessoas maravilhosas, que merecem o meu agradecimento, sobretudo:

**Elza e Gilberto**, pela amizade e pelo apoio.

**Hildo**, um nobre amigo e mestre, sempre pronto para ajudar. A você, professor, o meu eterno e sincero agradecimento, pelas preciosas sugestões e pela incansável atenção dada a este trabalho.

*Muito obrigada!*

## RESUMO

O tok pisin (TP) é uma língua crioula de base inglesa utilizada por milhões de pessoas na Papua Nova Guiné. É uma língua relativamente nova, em pleno processo de estruturação. No campo das línguas crioulas, é uma das mais bem documentadas, especialmente em relação a sua história e desenvolvimento. Este estudo está pautado na hipótese de que o equivalente ao aspecto gramatical da fonologia (padrões silábicos) do tok pisin tende a se aproximar do inglês, enquanto o equivalente ao aspecto lexical (inventário de fonemas) permanece mais próximo das línguas de substrato. Para isso, foi realizado um estudo do sistema fonológico, especialmente da sílaba do tok pisin, a fim de esclarecer o fato, observado anteriormente de essa língua ter estruturas silábicas mais próximas da língua lexificadora do que das línguas de substrato, caracterizando uma situação oposta ao que ocorre na hipótese da relexificação, proposta por Claire Lefebvre. A comparação dos quadros das consoantes, vogais e dos padrões silábicos do tok pisin, das línguas de substrato (motu, enga e tolai) e do inglês, mostra claramente os padrões do TP muito mais complexos, assemelhando-se aos padrões do inglês, enquanto as consoantes e vogais permanecem mais próximas das línguas de substrato.

Palavras-chave: tok pisin; fonologia; relexificação.

## **ABSTRACT**

The Tok Pisin (TP) is the most important language for almost six million people in Papua New Guinea. It is one of three official languages in that country, together with Hiri Motu and English. It is one of the most well-documented creole languages, especially in relation to its history and development. This study is based on the assumption that the equivalent of the grammatical aspect of phonology (syllable patterns) of Tok Pisin tends to approximate to that of English, while the equivalent lexical aspect (inventory of phonemes) remains closer to the substrate languages. For this end, a study was undertaken of the phonological system, especially the syllable of Tok Pisin in order to clarify the fact observed a priori that this language has a syllabic structure closer to the lexifier language than the substrate language, characterizing a situation opposite to that described in the relexification hypothesis proposed by Claire Lefebvre. The possible relevance of this study is the emergence of a new reading of the phonological grammar of Tok Pisin. The results show that the equivalent of the grammatical aspect of phonology (syllable patterns) of Tok Pisin tends toward that of English, while the equivalent of the lexical aspect of inventory phonemes remains closer to the substrate languages. This argument is based on basilectal data of Tok Pisin which show that the phoneme inventory of Tok Pisin is closer to the motu, enga and tolai languages, while the syllabic patterns are similar to those found in the English language. Concerning acrolectal data of Tok Pisin, this research has identified a high degree of English influence in its phonology.

Key words: tok pisin; phonology; relexification

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Classificações das línguas protopidgin inglês, por Hall (1961).....	18
Figura 2: Classificações das línguas protopidgin inglês por Wurm (1971).....	19
Figura 3: Classificação das línguas protopidgin inglês por Hancock (1971).....	20
Figura 4: Mapa da Melanésia.....	21
Figura 5: Mapa da Papua Nova Guiné.....	27



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Padrões silábicos do tok pisin.....	15
Quadro 2: Fonemas vocálicos do inglês.....	61
Quadro 3: Fonemas consonantais do inglês.....	62
Quadro 4: Distribuição dos fonemas consonantais do inglês.....	63
Quadro 5: Fonemas vocálicos do tok pisin.....	65
Quadro 6: Distribuição dos fonemas vocálicos do tok pisin.....	66
Quadro 7: Distribuição dos fonemas vocálicos do tok pisin.....	68
Quadro 8: Fonemas consonantais do tok pisin por Romaine (1992: 179).....	68
Quadro 9: Fonemas consoantais do tok pisin por Mühlhäusler (1986: 179).....	69
Quadro 10: Fonemas consoantes do tok pisin.....	71
Quadro 11: Distribuição de fonemas consonantais do tok pisin.....	72
Quadro 12: Padrões silábicos do tok pisin e do inglês.....	79
Quadro 13: Exemplos de padrões silábicos do tok pisin.....	81
Quadro 14: Padrões V e VC do tok pisin.....	83
Quadro 15: Exemlos de padrões silábicos do tok pisin.....	84
Quadro 16: Ditongos do tok pisin.....	85
Quadro 17: Fonemas consonantais do motu.....	87
Quadro 18: Distrubuição dos fonemas consonantais do motu.....	88
Quadro 19: Fonemas vocálicos do motu.....	89
Quadro 20: Distrubuição dos fonemas vocálicos do motu.....	89
Quadro 21: Padrões silábicos do motu.....	90
Quadro 22: Fonemas consonantais do enga.....	90
Quadro 23: Distrubuição dos fonemas consonantais do enga.....	91
Quadro 24: Fonemas vocálicos do enga.....	92

Quadro 25: Distribuição dos fonemas vocálicos do enga.....	92
Quadro 26: Padrões silábicos do enga.....	92
Quadro 27: Fonemas consonantais do tolai.....	93
Quadro 28: Distribuição dos fonemas consonantais do tolai.....	93
Quadro 29: Fonemas vocálicos do tolai.....	95
Quadro 30: Distribuição dos fonemas vocálicos do tolai.....	96
Quadro 31: Padrões silábicos do tolai.....	96
Quadro 32: Quadro comparativo dos padrões silábicos.....	98
Quadro 33: Quadro comparativo dos fonemas consonantais.....	100
Quadro 34: Quadro comparativo dos fonemas vocálicos.....	101
Quadro 35: Exemplos de ensurdecimento de oclusiva no tok pisin.....	101
Quadro 36: Exemplos de fonemas incorporados ao tok pisin.....	102
Quadro 37: Exemplos de variação no uso de oclusivas surda e sonora.....	103
Quadro 38: Exemplos do uso de <i>from</i> e <i>long</i> por falante do tok pisin.....	104
Quadro 39: Exemplos de sequência de três consonantes em final de sílaba.....	105

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. O TOK PISIN: CONTEXTO HISTÓRICO E LINGUÍSTICO</b> .....	18
1.1 OS PRIMEIROS CONTATOS E A FORMAÇÃO DO PIDGIN MELANÉSIO.....	18
1.2 PIDGIN NEOMELANÉSIO: ANTECESSOR DO TOK PISIN.....	23
1.3 A PAPUA NOVA GUINÉ.....	26
1.4 A EVOLUÇÃO DO TOK PISIN: DE PIDGIN A CRIOULO.....	28
<b>2. TEORIAS</b> .....	41
2.1 A SÍLABA E SUAS REPRESENTAÇÕES.....	41
2.2 TEORIA DA RELEXIFICAÇÃO.....	52
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	59
<b>4. FONOLOGIA DO INGLÊS E DO TOK PISIN</b> .....	61
4.1 VOGAIS E CONSOANTES DO INGLÊS.....	61
4.2 VOGAIS E CONSOANTES DO TOK PISIN.....	64
4.3 PADRÕES SILÁBICOS DO INGLÊS E DO TOK PISIN.....	73
<b>5. NOTAS SOBRE A FONOLOGIA DE ALGUMAS LÍNGUAS DE SUBSTRATO</b> .....	87
<b>6. ANÁLISE DA TEORIA DA RELEXIFICAÇÃO NA FONOLOGIA DO TOK PISIN</b> .....	98
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	106
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	108
<b>APÊNDICE</b> .....	113

## INTRODUÇÃO

De acordo com o *Language Center* da Universidade de Cambridge o tok pisin (TP)<sup>1</sup> é um crioulo de base inglesa utilizado por cerca de 50.000 pessoas, como primeira língua, e 2.000.000 como segunda língua<sup>2</sup> na Papua Nova Guiné (PNG); uma das três línguas oficiais desse país, juntamente com hiri motu e o inglês. É uma das línguas crioulas mais bem documentadas, especialmente em relação a sua história e desenvolvimento, atraindo atenção de linguistas do mundo todo nos últimos 40 anos (SMITH, 2002: 4).

Entre os estudos mais importantes sobre o TP, Smith (2002) destaca: Mühlhäusler (1983), sobre a origem do TP; Clark (1979 *apud* Smith, 2002), descrição das primeiras estruturas dessa língua; Mosel (1980), sobre a influência do tolai; Holm (1989), sobre a participação dos trabalhadores do estado de Queensland (Austrália) na sua formação; Mihalic<sup>3</sup> (1957; 1971), apresentação preliminar de uma gramática, com o livro *The Jacaranda Dictionary and Grammar of Melanesian Pidgin*, revisado em 1971; Mihalic (1982) com o livro *Tok Pisin: the easy way*, apresentou uma descrição de uma forma “padrão” para a língua, usada como referência na tradução da Constituição da Papua Nova Guiné em 1986.

O *Summer Institute of Linguistics* – SIL – é responsável por muitas das principais publicações sobre o TP, iniciados em 1957. Murphy (1966 *apud* Smith, 2002) produziu o primeiro material pedagógico para ensino do TP; Salisbury (1967 *apud* Smith, 2002) argumentou sobre a aceitação da língua TP como língua franca da PNG; Wolfers (1971): publicou sobre o *status* do TP durante a década de 1960; e Wurm (1975) editou o livro *New Guinea Area Languages and Language Study*, um trabalho volumoso, com 1038 páginas, e a participação de vários pesquisadores da Universidade Nacional da Austrália – *Australia National University*, que trata dos aspectos sócio-culturais de uso das línguas papuanas, contendo muitos textos em tok pisin (SMITH, 2002).

Nos anos de 1970 e 1980, Laycock (1970) produziu um material para o ensino de TP e publicou vários trabalhos sobre a língua em 1979, 1982 e 1985. Wurm e Mühlhäusler (1985) escreveram o *Handbook of Tok Pisin*, importante referência do TP estabilizado;

---

<sup>1</sup> Tok pisin quer dizer ‘talk pidgin’ (falar pidgin).

<sup>2</sup> Fonte: *Language Center* of Cambridge University. Disponível em: [http://www.langcen.cam.ac.uk/resources/lang-no/lang\\_no.php?c=4](http://www.langcen.cam.ac.uk/resources/lang-no/lang_no.php?c=4). Acessado em 22 de fevereiro de 2013. Trecho original: “tok pisin is an English based creole with 50,000 first language, 2,000,000 second language speakers” (tradução minha).

<sup>3</sup> Mihalic foi fundador do *Wantok Niuspepa*, um dos poucos jornais impressos, publicados em *tok pisin* na Papua Nova Guiné e tradutor da Constituição da Papua Nova Guiné para o *tok pisin*.

Woolford (1979) fez uma revisão da gramática do TP; e Holm (1989) realizou uma revisão detalhada das línguas pidgins e crioulas, investigando o TP.

No campo da sociolinguística, Romaine (1992) lançou o livro *Language, Education and Development*, um trabalho produzido com base em mais de 10 anos de estudo (desde 1980), o qual tornou a língua TP conhecida em todo o mundo. E, no campo da literatura, destaca-se Slone (2001 *apud* Smith, 2002), com sua pesquisa sobre contos orais da PNG, com mais de 1000 histórias de todas as regiões do país. *Growing up with Tok Pisin* de Smith (2002) é um dos estudos mais atualizados do TP, em uma visão geral da língua, nos aspectos linguísticos e sociais.

No Brasil, há poucos estudos sobre pidgins e crioulos de base inglesa. Em especial sobre o TP, não se conhece nenhum trabalho importante, exceto minha dissertação de Mestrado em Linguística (doravante Ribeiro, 2005), elaborada em 2005 sob a orientação do Prof. Dr. Hildo Honório do Couto. Entre outros assuntos, apresento na dissertação uma descrição criteriosa e minuciosa da fonologia do TP e a partir da análise das estruturas silábicas deste crioulo, observei que ele tem tendência para o padrão CVC. Encontrei também o vocábulo /strink/ ‘string’ (barbante), com a estrutura CCCVCC e o analisei como a sílaba mais complexa do TP, aproximando-se bastante da sílaba CCCVCCCC do vocábulo inglês /strangst/ ‘the strangest’ (o mais estranho), considerada a mais complexa da língua inglesa. No final dessa pesquisa, concluí que à medida que o TP se firma como língua crioula, seu padrão silábico mais se assemelha ao do inglês, embora seus fonemas continuem mais próximos das línguas de substrato (RIBEIRO, 2005).

Assim, surge a proposta de investigar se, de fato, o equivalente ao aspecto gramatical da fonologia (padrões silábicos) do tok pisin tende a se aproximar do inglês, enquanto o equivalente ao aspecto lexical (inventário de fonemas) permanece mais próximo das línguas de substrato.

Entre as teorias adotadas para este estudo, ressalta-se a teoria da relexificação, proposta em Lefebvre (1998). A autora argumenta que a relexificação é um processo mental que cria entradas lexicais copiando entradas lexicais de um léxico pré-existente, substituindo suas representações fonológicas por representações derivadas de outra língua (LEFEBVRE, 1998).

Em outras palavras, “a hipótese da relexificação prediz que as entradas lexicais dos crioulos (e dos pidgins) terão as propriedades semânticas e sintáticas do substrato e uma representação fonológica derivada da língua de superstrato, também chamada de língua lexificadora” (COUTO, 2002: 228).

Segundo Couto (2002: 230), ao investigar os reflexos da relexificação na fonologia, Lefebvre (1998) constatou, entre outras coisas, que “o inventário de vogais do haitiano é exatamente paralelo ao do fongbe (substrato) e diferente do francês (superstrato). O mesmo vale para o quadro de consoantes, inclusive os processos fonológicos haitianos são semelhantes aos do fongbe”.

Couto (2002: 231) questiona o fato de “pelo menos o crioulo português da Guiné-Bissau e o crioulo inglês da Papua Nova Guiné (tok pisin) parecem ter estruturas silábicas mais próximas da língua lexificadora do que das línguas de substrato”. Nestes casos, teríamos uma situação diametralmente oposta ao que ocorre na relexificação, ou seja, “o equivalente ao aspecto gramatical da fonologia (padrões silábicos) se aproxima do superstrato enquanto que o equivalente ao aspecto lexical (inventário de fonemas) se aproxima do substrato”.

Consideramos, ainda, para esta pesquisa, o conceito proposto pela fonologia autossegmental (GOLDSMITH, 1990) de que a sílaba é “uma unidade fonológica, na qual elementos são organizados em uma hierarquia prosódica”. Assim sendo, a sílaba representa as funções de combinação de consoantes e vogais e de regulação da estrutura segmental pelo do nível CV. Sua representação como um constituinte organizado, em vocábulos de hierarquia (SELKIRK, 1982), contribui para que os elementos que a formam, independentemente da quantidade, sejam dispostos em um nível autônomo na estrutura e possam se relacionar por dependência. Assim, qualquer categoria, exceto o núcleo, pode ser vazia e os modelos silábicos possíveis de uma língua são definidos a partir do preenchimento ou não do aclave e da coda.

Compreender os processos gerais de estruturação da sílaba é útil para algumas observações acerca da constituição silábica dos vocábulos do tok pisin, na tentativa de averiguar se os padrões silábicos dessa língua estão, de fato, mais próximos da língua inglesa.

A hipótese de estudo surge após a análise de 420 palavras do tok pisin basileto<sup>4</sup>, resultando os padrões silábicos que seguem, apresentados na minha dissertação de Mestrado (Ribeiro, 2005). No quadro 1, percebemos que há padrões complexos, tais como CCV; CCCVC; CCCVCC e CCVCC, embora não sejam esperados em línguas crioulas, devido ao entendimento de que essas línguas não possuem sílabas complexas.

---

<sup>4</sup> Basileto – ou basileto – variedade mais “pura”, menos influenciada pela língua lexificadora.

Padrão silábico	Nº. de sílabas encontradas
CV	346
CVC	280
CVVC	35
CCVC	31
CCV	30
CVV	28
V	20
CVCC	19
VC	10
CCVV	9
CCVVC	7
VV	5
CCCV	5
VVC	4
CCCVC	2
CCCVCC	2
CCVCC	2

Quadro 1: Padrões silábicos do tok pisin  
Fonte: RIBEIRO (2005)

Mühlhäusler (1986: 180) relata que, no início da sua formação, o tok pisin apresentava forte tendência ao padrão silábico CV. As palavras com três ou mais sílabas e os encontros consonantais eram raros, característica comum na maioria dos pidgins de que se tem conhecimento. Porém, no estágio de pidgin expandido, o tok pisin apresentou uma violação da condição CV da sílaba, evidenciando a sílaba CVC como uma das preferências entre os seus falantes, indicando proximidade com os padrões silábicos do inglês, que também apresentam a sílaba CVC como uma das preferidas.

Nos registros feitos em 1930, apresentados em Mühlhäusler (1986:180), encontrei como exemplo de sílaba complexa o vocábulo ‘sitiret’ (*straight* ‘reto’) na forma ‘steret’ (CCV, CVC) no primeiro momento e, em ‘stret’ (CCCVC), em seguida, mostrando a evolução do tok pisin em direção aos padrões do inglês.

Nesse sentido, a hipótese desta investigação se resume em: o equivalente ao aspecto gramatical da fonologia (padrões silábicos) do tok pisin tende a se aproximar do inglês, enquanto o equivalente ao aspecto lexical (inventário de fonemas) permanece mais próximo das línguas de substrato.

O objetivo geral deste estudo é realizar uma descrição do sistema fonológico do TP, especialmente da sílaba, a fim de esclarecer se essa língua tem estruturas silábicas mais

próximas da língua lexificadora do que das línguas de substrato, caracterizando uma situação oposta ao que prediz a hipótese da relexificação, proposta por Claire Lefebvre.

A relevância deste estudo enquadra-se na constituição de uma nova leitura sobre a gramática fonológica do tok pisin. No que diz respeito à preferência pelo padrão CV encontrado na maioria dos crioulos, o TP propende a assumir tanto o CV como o CVC como padrões silábicos preferidos.

Nesta perspectiva, estudar os padrões silábicos do TP é uma maneira de mostrar que a tendência à simplificação, ditada por fatores sociolinguísticos, não significa uma língua *simplificada*, como se consideram, no senso comum, as línguas de povos de culturas mais “simples”. Pelo contrário, a redução do número de fonemas ocorrida no TP é acompanhada pela substituição de outros, pelos empréstimos quando oportunos, pela estabilização de regras e, no caso da estrutura silábica, pelo nível de complexidade, aparentemente, semelhante ao do inglês.

Esta pesquisa se justifica por se tratar de uma língua falada por grande número de pessoas, bem como pelo fato de ser relativamente nova, em pleno processo de estruturação, podendo ser estudada sob uma perspectiva diacrônica e sincrônica, apontando novos dados para a reflexão e contribuindo com o desenvolvimento dos estudos crioulisticos no Brasil, especialmente os estudos sobre crioulos de base inglesa.

Esta tese compreende seis capítulos, seguidos das considerações finais. No capítulo 1, abordo a história do tok pisin, considerando os primeiros contatos e a formação dessa língua, a partir de um protopidgin, mostrado em três esquemas, propostos por Hall (1961), Wurm (1971 *apud* Mühlhäusler, 1986) e Hancock (1971 *apud* Mühlhäusler, 1986). Em seguida, relato sobre o pidgin de origem do tok pisin – o inglês melanésio – evidenciando, neste capítulo, que o cenário multilíngue das plantações foi fundamental para que lavradores, ao retornarem as suas casas, levassem esse pidgin como língua de contato, favorecendo a sua difusão como língua franca em toda a Melanésia. Discorro, também, sobre o processo de evolução do tok pisin – de pidgin a crioulo. Sobre isso, mostro que esse crioulo, no período de 1860 em diante, estabeleceu-se na Papua Nova Guiné e, por volta de 1900, avança em direção a sua crioulistização.

No capítulo 2, trato das teorias que sustentam os assuntos deste estudo, a saber: a sílaba e suas representações, segundo as propostas de Kahn (1976), Clements e Keyser (1983); Goldsmith (1990) e Selkirk (1982), bem como a teoria da relexificação no processo de formação de pidgins e crioulos, proposta por Claire Lefebvre (1998 e 2001) e discutida em Couto (2002), Lefebvre; Lumsden (1994) e outros.



No capítulo 3, descrevo a metodologia utilizada, apontando, em um primeiro momento, a coleta dos dados e sua descrição. E, em seguida, exponho os recursos e procedimentos utilizados para a análise.

A seguir, no capítulo 4, relato sobre as consoantes, as vogais e os padrões silábicos presentes no TP e no inglês. E no capítulo 5, as notas sobre a fonologia de algumas línguas de substrato contribuíram para a análise e para o entendimento do fato de o TP apresentar fonemas mais próximos das línguas de substrato. Destacamos neste capítulo as línguas motu, enga e tolai. Informações adicionais sobre a influência do substrato na fonologia do tok pisin podem ser encontradas em Smith (2002).

Argumento, no capítulo 6, em favor da hipótese desta tese. Como base para a argumentação, apresento quadros das consoantes, vogais e dos padrões silábicos do tok pisin, das línguas de substrato (motu, enga e tolai) e do inglês, comparando-os e mostrando claramente as relações que se estabelecem entre eles. Ou seja, os padrões do TP são muito mais complexos, assemelhando-se aos padrões do inglês, enquanto as consoantes e vogais permanecem mais próximas das línguas de substrato.

Finalmente, temos as considerações finais desta pesquisa, expondo comentários sobre a evolução do tok pisin – de pidgin a crioulo – até os dias atuais, pontuando, também, um estudo do seu sistema fonológico, especialmente da sílaba a fim de esclarecer o fato de esta língua ter estruturas silábicas mais próximas da língua lexificadora do que das línguas de substrato. Aponto, ainda, que a inclusão e estabilização de novos vocábulos ao tok pisin são essenciais para enriquecê-lo e, conseqüentemente, diminuir a barreira linguística existente no país.

# 1 O TOK PISIN: CONTEXTO HISTÓRICO E LINGUÍSTICO

## 1.1 OS PRIMEIROS CONTATOS E A FORMAÇÃO DO PIDGIN MELANÉSIO

A exploração do Pacífico pelos europeus, a partir do comércio ligando o sul do Pacífico à China pelos navios australianos, americanos e britânicos, favoreceu a formação de um protopidgin inglês. A partir deste, surgem o pidgin inglês da China e o pidgin inglês dos mares do sul, em razão do encontro de nativos com tripulantes políglotas.

Segundo a proposta de Hall (1961) o pidgin inglês da China ficou restrito ao comércio com a China, não participando na formação de outros pidgins. Já o pidgin inglês dos mares do sul foi amplamente usado pelos tripulantes em outras situações, contribuindo para a formação da maioria das variedades de pidgin inglês, tais como o australiano, o da Nova Zelândia e o melanésio, por interferência das línguas melanésias (ver figura 1).

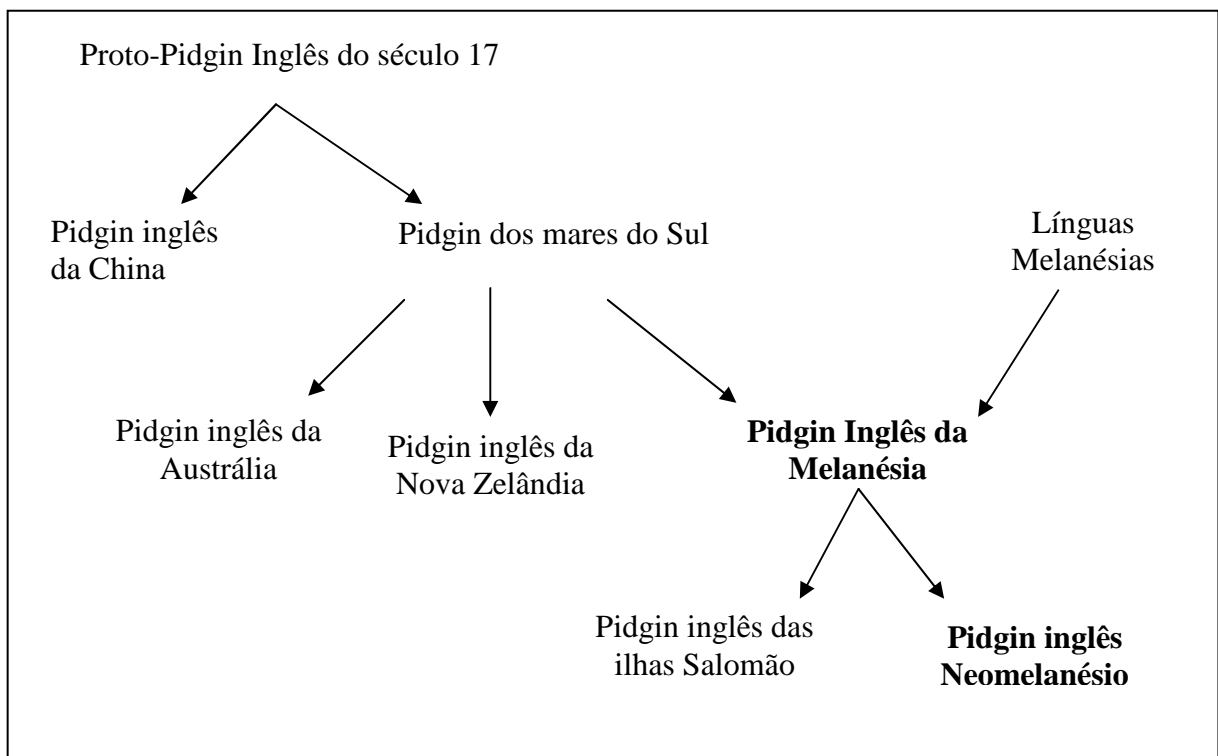


Figura 1: Classificações das línguas protopidgin inglês, por Hall (1961).

Fonte: MÜHLHÄUSLER (1986: 15)

A proposta (figura 1) apresentada por Hall (1961) mostra que o pidgin inglês melanésio dá origem a dois pidgins: o das ilhas Salomão e o neomelanésio. Mühlhäusler (1986: 15) explica que a estrutura gramatical de ambos é bem parecida, no entanto, o vocabulário do pidgin das ilhas Salomão é mais arcaico e mais próximo do inglês.

Pelo contato estabelecido pela extração de sândalo<sup>5</sup> no Pacífico, em especial nas ilhas Fiji, Havaí e Marquesas, surge um tipo de jargão de base inglesa chamado de pidgin inglês sândalo. Outro produto de comércio na Melanésia foi o *beach-la-mar* ou bicho do mar – um tipo de ingrediente usado pelos chineses em sopas, encontrado nos mares desse arquipélago, no Estreito de Torres e na Micronésia. O contato se deu entre os europeus, que já haviam morado em áreas de comércio anteriormente, e os habitantes das ilhas, que pegavam o ingrediente no mar e o conservavam até o embarque. O pidgin desse contato ficou conhecido como *beach-la-mar* (HOLM, 1989: 527).

Wurm (1971 *apud* Mühlhäusler, 1986: 16), conforme figura 2, apresenta uma classificação das línguas protopidgin inglês em que o *beach-la-mar* é originário do pidgin inglês da China.

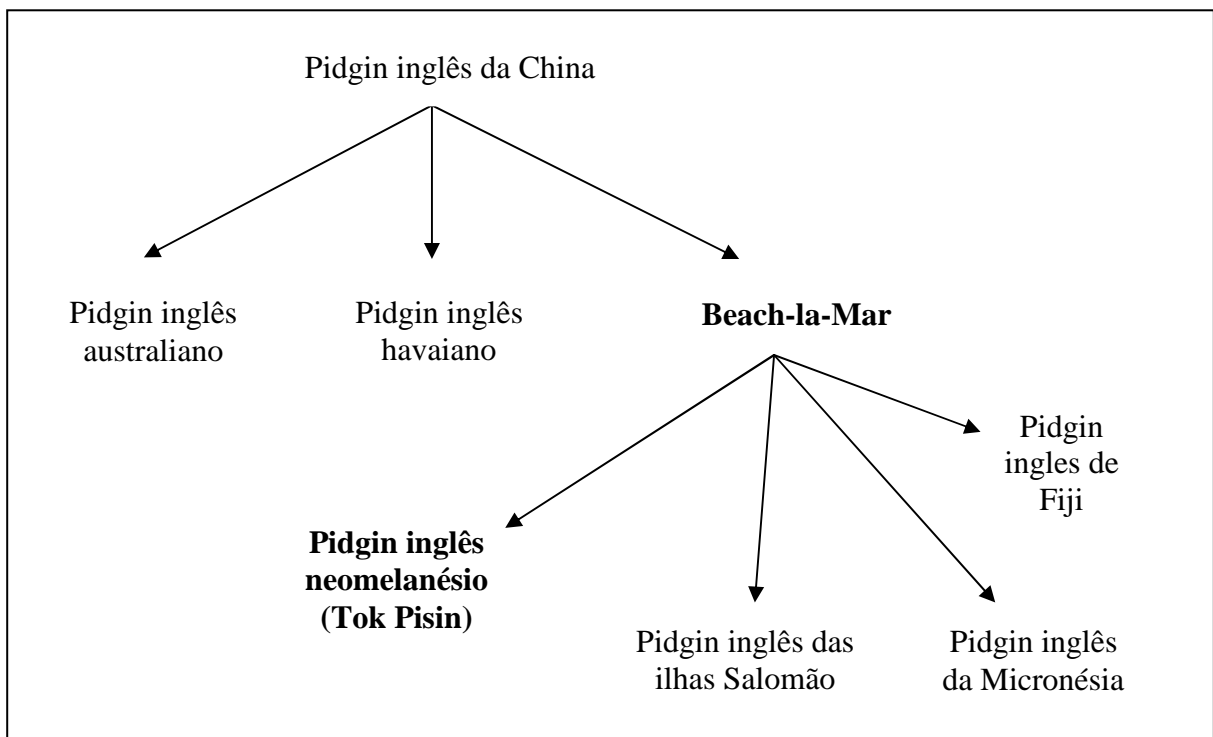


Figura 2: Classificações das línguas protopidgin inglês, por Wurm (1971)  
Fonte: MÜHLHÄUSLER (1986: 16)

<sup>5</sup> Sândalo é uma madeira aromática de espécies da família *Santaleceae*, oriundas do sudeste asiático.

De acordo com esta classificação (figura 2), o pidgin inglês da China tem papel central na formação de algumas variedades de pidgin inglês, em especial do pidgin australiano, havaiano e do beach-la-mar, que, por sua vez, apresenta-se como antecessor do pidgin neomelanésio, das ilhas Salomão, da Micronésia e de Fiji.

Mühlhäusler (1986: 17) aponta que as variedades de pidgin inglês do Pacífico podem ser originárias do pidgin inglês da costa da China, o qual participa na formação dos pidgins ingleses do povo Maori (na Nova Zelândia), Havaiano e protomelanésio. O pidgin inglês protomelanésio é considerado, segundo a proposta de Hancock (1971), o antecessor da maioria das variedades de pidgin inglês: o da Micronésia, da Nova Guiné, das ilhas Salomão e o próprio melanésio, que dá origem ao pidgin neomelanésio – tok pisin (figura 3).

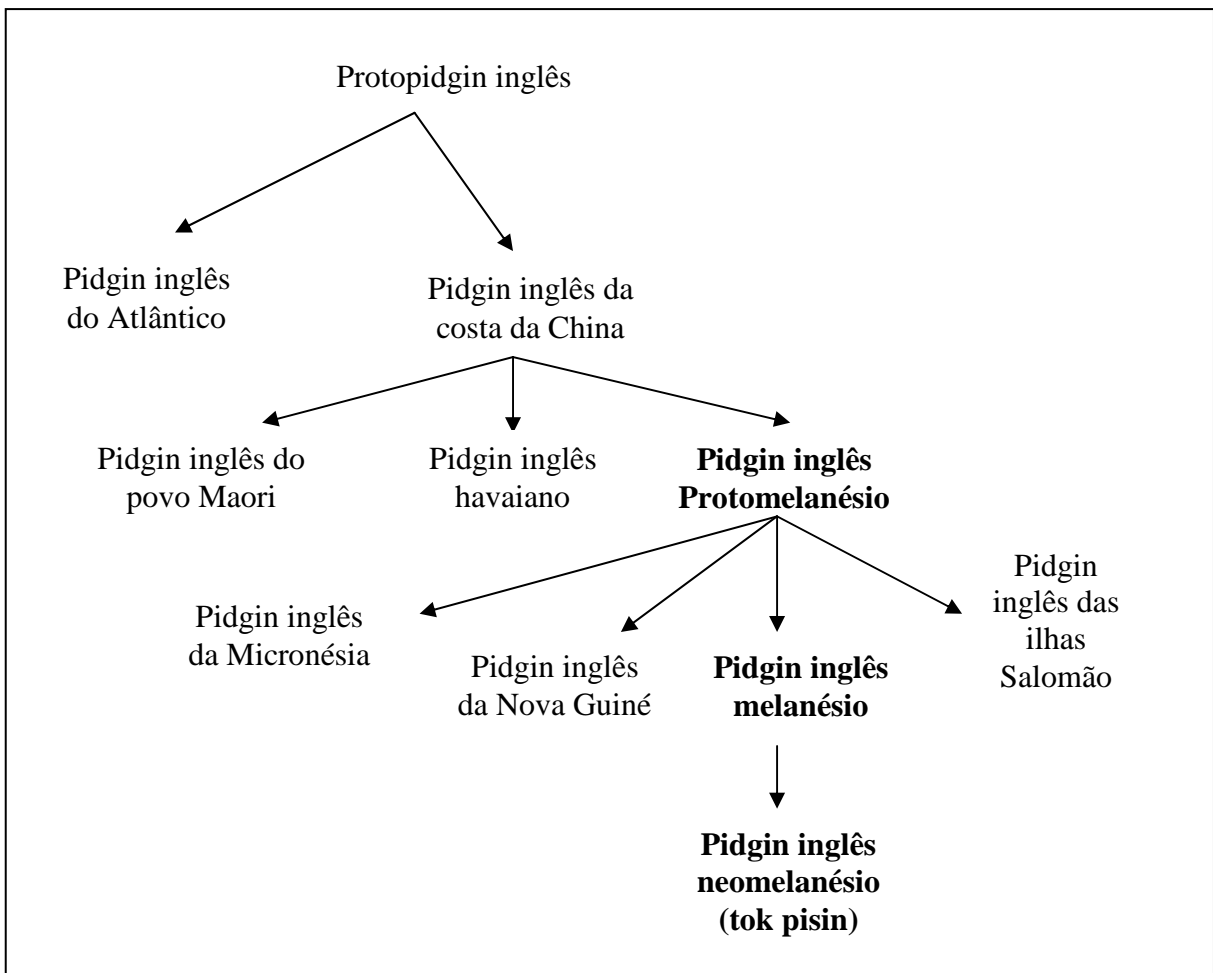


Figura 3: Classificação das línguas protopidgin inglês, por Hancock (1971).

Fonte: MÜHLHÄUSLER (1986: 17)

Após o período de exploração do Pacífico pelos europeus, por volta de 1788, os ingleses estabeleceram a sua primeira colônia na Austrália. No mesmo período, os navegantes da Nova Inglaterra iniciaram uma viagem, a partir da América do Sul, em busca de baleias no

Pacífico. A princípio, eles caçavam apenas no leste do Pacífico, lidando principalmente com polinésios, mas, por volta de 1820, os navegantes também foram atraídos para as ilhas da Melanésia, onde trocavam as suas ferramentas de metal por alimentos e repunham os membros da tripulação.

No século XIX, imigrantes europeus e chefes missionários iniciaram a ocupação da Melanésia. Os holandeses se apossaram do oeste da Nova Guiné em 1828; os franceses, da Nova Caledônia em 1853 e os ingleses, de Fiji em 1874. Alemães e ingleses se dividiram, em 1884, pela Nova Guiné e pelo Arquipélago de Bismarck<sup>6</sup>. As Ilhas Salomão, com exceção de Buka e Bougainville, foram protetoradas pelos ingleses por volta de 1893. A influência anglo-francesa em Vanuatu foi estabelecida em 1906. Os australianos começaram a administrar a Papua em 1909 e, após a Primeira Guerra Mundial, tomaram todo o leste da Nova Guiné.



Figura 4: Mapa da Melanésia

Fonte: [http://www.nationsonline.org/oneworld/map/melanesia\\_map.htm](http://www.nationsonline.org/oneworld/map/melanesia_map.htm)

<sup>6</sup> O Arquipélago de Bismarck é um grupo de ilhas situado ao largo da costa da Nova Guiné no Oceano Pacífico ocidental e sob soberania da Papua-Nova Guiné.

A grande diversidade linguística na Melanésia torna-se favorável à estabilização de uma língua de contato, neste caso o pidgin inglês melanésio, em virtude do grande número de melanésios trazidos de diferentes regiões: Vanuatu, Ilhas Salomão, Nova Caledônia e Nova Guiné, para trabalhar nas lavouras em Queensland<sup>7</sup>, na Austrália e em Samoa, na Polinésia (figura 4).

O panorama dos primeiros contatos na formação do pidgin inglês melanésio tem sido debatido. Reinecke (1937: 737) considera que os primeiros trabalhadores levados para Queensland eram da Nova Caledônia. Isso devido à existência de uma língua de contato de base inglesa usada na Nova Caledônia em 1853. Porém, Holm (1989: 528) afirma que o pidgin utilizado na Nova Caledônia, em 1853, apresenta muito mais traços do pidgin beach-la-mar do que do pidgin melanésio, e o primeiro recrutamento para Queensland foi das Ilhas Loyalty e não da Nova Caledônia.

Para Siegel (2003) quando recrutados para trabalhar nas plantações em Queensland, por volta de 1863, muitos melanésios só tinham como única língua em comum o “inglês simplificado” aprendido nos anos de 1800, e passaram a usá-lo para comunicação com seus companheiros australianos. Com o uso continuado dessa ‘nova’ língua, as normas começaram a emergir e um pidgin estável começava a se desenvolver – o pidgin inglês melanésio.

Outros trabalhadores levados para Samoa (na Polinésia), no período de 1879 a 1912, adotaram o pidgin melanésio como língua de contato com outros que lá estavam – muitos deles já haviam trabalhado em Queensland, na Austrália.

Assim, podemos concluir que o pidgin inglês melanésio originou-se em um cenário multilíngue de plantações, levado pelos lavradores de volta para suas ilhas de origem. Tornou-se, dessa forma, a língua franca da Melanésia, devido à grande diversidade linguística presente nessa região. Nos cenários multilíngues, o pidgin melanésio estabeleceu-se e sofreu alterações sob a influência de línguas dos diferentes regiões por onde se instalou.

Holm (1989: 528) argumenta que as plantações em Queensland foram o berço do pidgin inglês melanésio, embora seu uso tenha sido notado pela primeira vez em Vanuatu. Holm (op cit) considera que o pidgin falado nas plantações de Samoa foi fundamental na formação do pidgin inglês melanésio, principalmente na formação da variedade que, mais tarde, seria chamada de tok pisin.

---

<sup>7</sup> Queensland é um dos seis estados da Austrália, localizado no nordeste do país.

As plantações no oeste de Samoa se estabeleceram por meio de recrutamento de trabalhadores de diversas regiões da Melanésia, no período de 1878 até a Primeira Guerra Mundial. Nunca tiveram mais do que 1.000 trabalhadores, mas o pidgin usado naquela época – chamado de pidgin inglês das plantações de Samoa (agora extinto) – conseguiu promover um importante impacto no pidgin inglês usado no nordeste da Nova Guiné e no Arquipélago de Bismarck, depois que essas regiões passaram ao domínio da Alemanha (1884) e o recrutamento de lavradores para trabalhar em Samoa foi intensificado.

Ambos os pidgins, de Samoa e da Nova Guiné, apresentam características (vocabulário de Samoa, Nova Guiné, ou de origem alemã) que não são encontradas nas outras variedades de pidgin inglês do Pacífico. A primeira plantação estabelecida na Nova Guiné alemã empregou pessoas das ilhas Salomão que tinham trabalhado em Samoa e, certamente, eles proveram um importante modelo linguístico para os recrutados posteriormente.

O pidgin inglês usado pelos lavradores estrangeiros em Samoa, mas não pelos samoanos, foi também usado por muitos lavradores estrangeiros das plantações de Fiji durante a segunda metade do século XIX, mas não pela maioria dos nativos de Fiji (Holm, 1989: 528). Esse pidgin foi trazido, principalmente, pelos lavradores que tinham trabalhado em Queensland, mas eles eventualmente aprenderam a língua de Fiji (o fijiano), contribuindo para a extinção do pidgin inglês.

## 1.2 PIDGIN INGLÊS NEOMELANÉSIO: ANTECESSOR DO TOK PISIN

O pidgin inglês neomelanésio é considerado uma das variedades mais conhecidas de pidgins do Pacífico. Outras variedades são: beach-la-mar, pidgin (inglês), crioulo havaiano, pidgin das Ilhas Salomão e o pidgin das plantações de Samoa (Mühlhäusler, 1983: 28). Entretanto, a questão de como o pidgin neomelanésio surgiu tem sido debatida por diferentes linguistas.

A influência alemã nos pidgins do Pacífico inicia-se a partir da exploração de copra<sup>8</sup> em Samoa, na Polinésia, em 1880. Deste período em diante, os trabalhadores foram trazidos de Samoa para trabalhar nas plantações alemãs na Nova Guiné (Melanésia), os quais estabeleceram um modelo de língua de contato que mais tarde foi usado por outros grupos.

---

<sup>8</sup> A copra é a polpa seca do coco. O nome deriva da palavra em malaio, ‘koppara’ que significa coco seco.

Neste período o uso do alemão tornou-se frequente na Nova Guiné, devido ao fato de os alemães não gostarem de usar o pidgin inglês, por associá-lo aos seus rivais britânicos. Contudo, o pidgin inglês era a variedade que resolvia os problemas de comunicação com os habitantes da região (Arquipélago de Bismarck), favorecendo o uso do pidgin inglês na Nova Guiné alemã – particularmente no Arquipélago de Bismarck (MÜHLHÄUSLER, 1983: 29).

Por volta de 1890, trabalhadores da China, de Cingapura e da Índia Oriental que falavam entre outras línguas o malaio costeiro, foram levados para trabalhar na exploração de copra em Kaiser Wilhelmsland<sup>9</sup>, na Nova Guiné alemã, situada ao sul do Pacífico. Durante esse mesmo período os chineses, falantes de pidgin inglês da China, também vieram como comerciantes para Rabaul – capital administrativa da Nova Guiné alemã. Do contato destes povos surge uma nova variedade de pidgin – o pidgin inglês do sul do Pacífico (HOLM, 1989: 530).

Para Sankoff e Laberge (1974: 73), o pidgin inglês do sul do Pacífico pode ser uma das origens do pidgin inglês neomelanésio. Holm (1989:530) confirma que a Nova Guiné Oriental fora invadida, mas não colonizada, por vários países europeus: Portugal, Espanha, Holanda, Inglaterra e França. O interesse europeu na Nova Guiné cresceu e com isso exploradores, missionários e comerciantes se instalaram na região. A Nova Irlanda, por exemplo, estabeleceu rota marítima da Austrália para a China, fazendo uso de um jargão do Pacífico, o qual foi provavelmente influenciado pelo pidgin inglês do sul do Pacífico.

Mühlhäusler (1983: 29) acredita que os alemães utilizaram o pidgin inglês melanésio para comunicação com os nativos que ocupavam a Nova Guiné. No início os alemães tentaram ensinar os nativos a falar alemão, alegando ser impossível aprender os vários dialetos locais. Mas, como os nativos não puderam aprender o alemão, em especial a pronúncia, e nenhum esforço foi feito para isso, os alemães, que conheciam um pouco de inglês, passaram a utilizar um pidgin inglês para estabelecer contato com aos nativos.

O pidgin inglês neomelanésio é resultado direto da língua dos trabalhadores nativos nas plantações de cana-de-açúcar no norte de Queensland (Austrália), a partir da metade do século XIX até início do XX. Esses nativos, levados para a Austrália pelos “*black-birders*” (marinheiros engajados em contratar nativos para trabalhar), eram originários da região norte da Nova Guiné e das Ilhas Salomão, na Melanésia, e a língua nativa de muitos deles era o tolai (MÜHLHÄUSLER, 1983: 29).

---

<sup>9</sup> Kaiser-Wilhelmsland pertenceu a Nova Guiné Alemã, localizada na parte Sul do Pacífico dominada pelo império Alemão.



Para Smith (2002), um pidgin já estável fora levado para a região da Nova Guiné por comerciantes e pescadores, sofrendo mudanças significativas depois de 1884 sob impacto da língua tolai. Assim, considera-se que muitas características da gramática do pidgin inglês neomelanésio tenham sido desenvolvidas nesse período e que o tolai fora fundamental na formação desse pidgin. Mühlhäusler (1983: 30) acredita que o pidgin das plantações de Samoa também tenha contribuído na formação do neomelanésio, tanto quanto o tolai.

Parte da Melanésia – incluindo Nova Guiné, Arquipélago de Bismarck e Ilhas Salomão – tornou-se importante cenário da diversidade lingüística, em virtude do grande número de pessoas de vários lugares recrutadas para trabalhar nessa região. O pidgin inglês neomelanésio utilizado ganhou prestígio, além de influenciar outros pidgins e de espalhar características do tolai por todas as áreas para onde fora levado. Mühlhäusler (1983: 48) enfatiza que o contexto social de uso desse pidgin na Nova Guiné não ficou restrito às atividades comerciais e plantações, passando a ser usado para comunicação entre as tribos locais, como resultado de uma situação de necessidade comunicativa.

Durante o período de 1879 a 90 uma forma estável do pidgin inglês neomelanésio começa a ganhar força, devido principalmente ao comércio com as companhias alemãs de base samoana e ao recrutamento de trabalhadores de várias regiões da Melanésia e Polinésia para as plantações em Samoa. De 1890 a 1914 o número de neoguineenses recrutados para as plantações na Nova Guiné foi diminuindo enquanto que aqueles recrutados para Samoa permaneciam relativamente constantes.

O contato lingüístico entre membros dos grupos das diversas áreas foi gradualmente crescendo e isso favoreceu o uso do pidgin inglês neomelanésio como língua franca em toda a Melanésia, a ponto de muitos alemães tornarem-se proficientes no pidgin inglês neomelanésio (HOLM, 1989).

A partir da ocupação da Nova Guiné pelos australianos, após a primeira guerra mundial, a situação lingüística dessa região começa a mudar. Como falantes do inglês, os australianos tentaram “repidgnizar” a língua de uma forma “moderna”. Mas, os nativos – maioria serventes domésticos – foram desencorajados a aprender a língua dos senhores (língua inglesa), favorecendo o uso do pidgin neomelanésio.

Com isso, uma variedade do pidgin inglês neomelanésio estabiliza-se na Papua Nova Guiné, e diferente dos outros dialetos devido à forte influência da variedade utilizada em Samoa, de onde a maioria dos seus falantes é proveniente. Esta variedade ficou conhecida por: pidgin inglês, pidgin melanésio, pidgin da Nova Guiné, tok waitman (< talk whiteman

‘falar do homem branco’), tok boi (< talk boy ‘falar do garoto’) e tok pisin, nome mais utilizado nos dias de hoje.

Sumbuk (1993: 309) explica que o tok pisin, no início da sua formação, foi referido como “tok waitman” ou “língua do homem branco”, pois aprender a falá-lo bem significava ter acesso ao “o mundo do homem branco”. Essa situação muda com a introdução do inglês como língua oficial da Papua Nova Guiné, o que faz com que este seja visto como a chave para a educação mais alta, para empregos oficiais, para saúde, etc. Mesmo assim, o tok pisin continuou ganhando força devido a sua boa aceitação por grande parte dos falantes.

Conseqüentemente, o crioulo tok pisin conquista novos domínios: comércio, indústria, navegação e setores administrativos mais baixos do governo. O crioulo passa a ser o “o veículo da nova cultura”, como resultado do contato em centros urbanos em ascensão que (HOLM, 1989: 532). Outro fator importante na expansão social e linguística do tok pisin foi o seu uso por certas missões, interessadas em estudar e padronizar o tok pisin para usá-lo na evangelização.

Apesar de não ter o *status* do inglês de língua oficial da Papua Nova Guiné, o tok pisin é reconhecido, pela constituição desse país, como a sua língua “nacional” junto com o hiri motu, a segunda língua da zona costeira de Port Moresby, capital da Papua Nova Guiné.

### 1.3 A PAPUA-NOVA GUINÉ

A Papua Nova Guiné (PNG) está localizada na Melanésia, cercada pelo Oceano Pacífico. As fronteiras marítimas são: com Palau e os Estados Federados da Micronésia, a norte; com as Ilhas Salomão, a sudeste; com a Austrália, através do mar de Coral, Estreito de Torres e mar de Arafura, a sul. A única fronteira terrestre que possui é com a Indonésia, a oeste. A capital é Port Moresby.

Acredita-se que a PNG tenha sido originalmente habitada pelos imigrantes asiáticos. O primeiro contato com os Europeus foi em 1526-27, com o português Jorge de Meneses, que a nomeou como Ilha dos Papuas. O espanhol Inigo Ortiz de Retes, mais tarde chamou-a de Nova Guiné, devido ao fato de ele considerar o povo dessa região parecido com aqueles da região da Guiné Africana. Outros exploradores vieram, tais como Bougainville, Cook, Stanley e John Moresby.



Figura 5: Mapa da Papua Nova Guiné.  
Fonte: SMITH (1998: 110)

Em 1824, os holandeses se apossaram do lado oeste da ilha. E, em 1884, a Alemanha toma posse do lado norte. Em 1906, a Nova Guiné Britânica se torna Papua, e a sua administração fica a cargo da recém independente Austrália. Em 1920, a Austrália assumiu o controle da Nova Guiné Alemã.

Durante a Segunda Guerra Mundial, as ilhas e a maioria da costa do norte da Papua foram dominadas pelos Japoneses, que avançavam para o sul até perderem o comando dessas terras. Após a guerra, metade do oeste da Nova Guiné passou ao domínio da Austrália novamente e tornou-se o Território da Papua e Nova Guiné. A Indonésia tomou o controle da Nova Guiné Holandesa em 1963 – incorporando-a ao estado da Indonésia como Irian Jaya. À Papua Nova Guiné foi concedido um meio-governo em 1973, e sua independência completa se deu dois anos depois, em 1975. A primeira providência a tomar depois de independente foi estabelecer uma aliança com a Indonésia.

A Papua Nova Guiné apresenta grande diversidade cultural e lingüística. No país, há mais de 700 línguas. Wurm (1977: 336) afirma ter 760, não incluindo as faladas na região de Irian Jaya (sob comando da Indonésia). Grande parte dessas línguas é classificada em dois

grupos distintos, conhecidos como o grupo das línguas austronésias e o grupo das línguas não-austronésias. As línguas austronésias são encontradas, principalmente, na costa sul e norte da PNG, com pequenas diferenças entre elas. As línguas da costa sul são chamadas de oceânicas<sup>10</sup> e são mais conhecidas do que as da costa norte (WURM, 1978: 211).

As línguas não-austronésias são divididas em várias subfamílias diferentes. Entretanto, com a expansão das línguas austronésias nas ilhas perto da Nova Guiné (incluindo o Arquipélago de Bismarck, Bougainville, e Ilhas Salomão) ocorreu a quase extinção dessas línguas na PNG. Atualmente, apenas duas línguas deste grupo não foram extintas: kuot, falada na Nova Irlanda e anem, falada na Nova Britânia do Oeste, devido, provavelmente, à ausência de línguas austronésias nestas áreas.

Apesar da grande diversidade linguística encontrada na PNG, três línguas são consideradas principais: o tok pisin e o hiri motu, como línguas francas, e o inglês como língua oficial. O tok pisin é a primeira língua franca – a mais falada; e o hiri motu a segunda – falada principalmente na região de Port Moresby, capital da PNG.

#### 1.4 EVOLUÇÃO DO TOK PISIN: DE PIDGIN A CRIOULO

Para muitos falantes do tok pisin, o nome de sua língua tem origem no vocábulo *pigeon*, que no inglês significa ‘pombo’, porque foi dado por um humano com característica de pássaro – um conto muito comum com origem nas línguas da Melanésia. Entretanto, Couto (1996: 24) explica que a associação entre pidgin e *pigeon* foi feita por um europeu residente no Havaí com intuítos literários, ao notar uma ‘afinidade fônica’ entre esses dois vocábulos.

A definição de pidgin diverge entre os estudiosos do assunto. Há aqueles que o definem como uma variedade que tem tanto a gramática quanto o vocabulário reduzido e não é língua nativa de ninguém. Ou ainda como a língua que surge do contato entre pessoas de diferentes línguas, com vocabulário principalmente proveniente da língua de superstrato, adaptado por um substrato baseado na gramática e na morfologia das suas línguas originais (MÜHLHÄUSLER, 1986: 03).

A proposta de Hall (1966) é de que, quando duas ou mais pessoas usam uma determinada língua com gramática e vocabulário reduzidos, e não é língua nativa de nenhum

---

<sup>10</sup> Para mais informação sobre as línguas oceânicas, ver Lynch et al (2002).

dos lados, é um pidgin. Mühlhäusler (1986: 04), citando o pidgin inglês, diz que um pidgin é uma ‘mistura’ de línguas, adaptada pela ‘mentalidade’ de um nativo, na qual as palavras tendem a ser simplificadas (quanto à regularidade gramatical).

Mühlhäusler (1986: 05) propõe que:

pidgins são exemplos de aprendizado de segunda língua parcialmente proposital ou não-proposital, desenvolvido a partir de um sistema mais simples para um mais complexo, à medida que os requisitos comunicativos se tornam mais necessários/exigidos. As línguas pidgins, por definição, não apresentam falantes nativos, as soluções comunicativas são mais sociais do que individuais, e são caracterizadas por normas de acessibilidade.

Para Bickerton, pidgin é uma língua auxiliar que desenvolve quando falantes de várias línguas mutualmente inteligíveis estão em contato. Por definição, não tem falantes nativo. Bickerton afirma que os pidgins têm estrutura bastante ‘rudimentar’, pela ausência de preposições ou expressões preposicionadas, anafóricos e estruturas complexas e, geralmente, pela presença de marca de tempo, aspectos ou modos (1984: 173).

Hymes (1971: 84) refere-se à pidginização como um processo complexo de mudança sociolinguística compreendendo redução da forma interna, associada com simplificação na forma externa. Para Romaine (1988: 24) o pidgin é uma língua marginal<sup>11</sup> que surge para completar certas restrições comunicativas entre pessoas que não têm língua em comum.

Outro debate entre os linguistas sobre os pidgins é com relação ao número exato de línguas que são necessárias para produzir um “pidgin verdadeiro”. DeCamp (1971: 22) afirma que o contato de duas línguas apenas não poderia resultar em uma “improvisação interlíngua”, mas sim o contato de mais de duas línguas, o que seria ideal para o desenvolvimento de um verdadeiro pidgin. Também Whinnom (1956 *apud* Romaine 1988: 24) diz que um pidgin sempre surge de uma situação que envolve uma língua de superstrato e duas ou mais línguas de substrato. Para Couto (1996), duas línguas ininteligíveis são suficientes para a formação de um pidgin.

No que se refere à língua crioula, DeCamp (1971: 16) a define como a língua nativa da maioria de seus falantes, na qual o vocabulário e os dispositivos sintáticos devem ser, como os da língua nativa, grande o suficiente para atender todas as necessidades

---

<sup>11</sup> É preciso deixar claro aqui o real sentido de marginal. Hymes (1971: 03) explica que pidgins (e crioulos) são línguas marginais se levadas em conta as circunstâncias de suas origens. Muitos, também, consideram pidgins (e crioulos) línguas marginais devido ao fato de estarem associadas a membros mais pobres de uma sociedade, ou então por um estereótipo mal interpretado de que pidgin é uma versão “quebrada” ou um *baby talk* de outra língua. O importante é considerar “marginal” uma característica dessas línguas decorrente de sua formação.

comunicativas de seus falantes. Bickerton (1984: 173-74) afirma que um crioulo surge quando crianças adquirem um pidgin como língua nativa delas; teoricamente este processo pode ocorrer em qualquer estágio da história de um pidgin. Ou seja, línguas crioulas surgem onde um grande número de pessoas que falam línguas mutuamente ininteligíveis é forçado a associar idéias em uma única base permanente, mas originalmente sem língua em comum. Quando o pidgin deixa de ser língua auxiliar temos o crioulo.

Hall (1966) observa que o crioulo surge quando um pidgin se torna a “língua nativa de uma comunidade de fala”, e não “língua nativa de indivíduos”; que o pidgin não é língua materna de ninguém e que todo crioulo é um ex-pidgin. Para Couto (2002: 37), a emergência de um pidgin ocorre “quando povos falantes de línguas mutuamente ininteligíveis entre si entram em contato estreito” e se veem obrigados à interação linguística. Nessa fase, livres das normas sociais da interação linguística, cada indivíduo “emprega vocábulos de sua própria língua mais um ou outro da língua do dominante que consegue captar, sem nenhuma sintaxe, com o auxílio de mímica e outros recursos extralingüísticos”.

A definição assumida neste estudo considera que um crioulo surge a partir de um momento em que o seu uso é expandido como segunda língua ou como língua materna de um grupo de pessoas. Há evidências de que o tok pisin tenha passado de pidgin a crioulo em uma situação semelhante a essa. Muitos neoguineenses se propuseram a aprender o tok pisin, como segunda língua, por acreditarem que assim teriam melhores condições de trabalho, por serem capazes de se comunicar com os europeus. O tok pisin conquistou prestígio, e foi reconhecido como língua franca em toda Papua Nova Guiné.

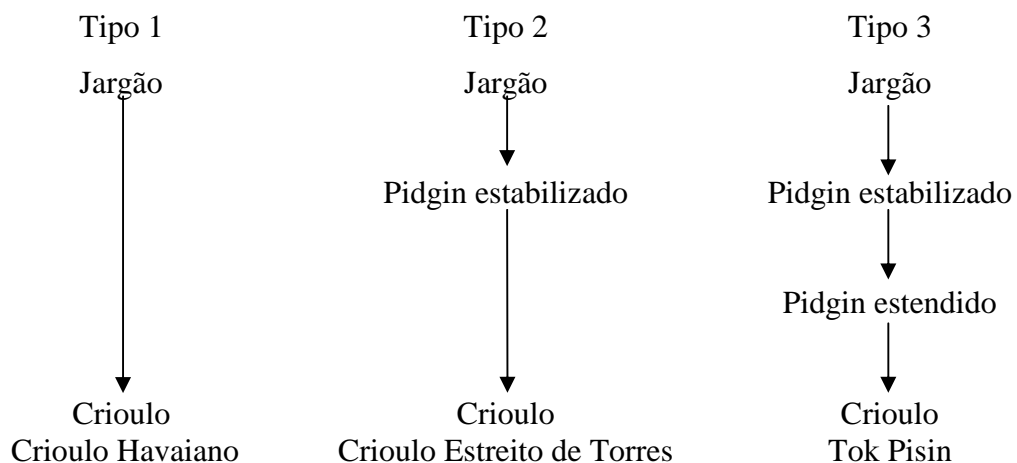
Em se tratando das condições linguísticas e sociais que caracterizaram o início do processo de pidginização, o tok pisin apresenta: situação de contato do inglês com as línguas da melanésia; função comunicativa limitada – instabilidade da comunicação verbal; ausência de intenção didática de ensino e aprendizagem da língua do grupo dominante – inglês; ausência de uma língua em comum, que possa ser entendida por ambos os grupos em contato. Além disso, o tok pisin surgiu a partir do contato de línguas de povos aloglotas e em regiões isoladas da Melanésia, o que tem muito a ver com o contato de língua, ou seja, as condições ambientais e sociais nas quais os povos interagem.

Frente a essas condições, depois de iniciado o processo de pidginização, o tok pisin enfrentou uma completa reestruturação nos níveis morfológico, sintático, semântico e fonológico, pela redução de seus afixos; padronização da estrutura sintática; presença de novos modelos de formação de palavras; redução do léxico e extensão do significado dado às

palavras e uso de circunlóquios; e pela fonologia diferenciada, caracterizando as principais ocorrências encontradas na formação de uma língua crioula.

Assim, o tok pisin, de 1860 em diante, estabeleceu-se na Papua Nova Guiné e, por volta de 1900, percebe-se um considerável avanço em direção a crioulição. Sankoff (1979: 25) mostra que os grandes avanços do tok pisin ocorreram ainda na sua fase de pidginização (ou fase de pidgin expandido) a qual se alongou por cerca de 100 anos. Durante esse período, as mudanças lingüísticas como a aquisição de novos vocábulos e incorporação de regras gramaticais, ocorreram especialmente em razão do uso intensificado nos meios de comunicação de rádio e jornal,

Mühlhäusler (1986: 06) evidencia que a crioulição pode ocorrer com pidgins que são muito rudimentares e instáveis, também chamados de ‘jargões’, com pidgins estabilizados ou com pidgins estendidos e estabilizados, como ocorreu com o tok pisin. O autor distingue historicamente três tipos principais de crioulos, de acordo com suas histórias de desenvolvimento:



Esse autor mostra que crioulos do tipo 1 surgem diretamente a partir de um jargão inicial sem intermédio do pidgin estável ou do expandido – como exemplo, o crioulo Havaiano. Os do tipo 2 passam pela fase de pidgin estabilizado para então se concretizarem como crioulos – exemplo o crioulo Estreito de Torres. E os do tipo 3 sofrem alterações progressivas passando pela fase de pidgin estabilizado e pidgin expandido até atingirem a crioulição – exemplo, crioulo tok pisin.

Romaine (1988: 38) ressalta que o desenvolvimento de um pidgin até crioulo envolve uma expansão das forças expressivas em resposta a uma necessidade comunicativa. Para Hymes (1971: 84), o processo de crioulição envolve a expansão da forma interna e a

complexidade da forma externa e, também, que o ponto inicial da criouliização não necessariamente precisa ser um pidgin, mas pode ser um *continuum* de um pré-pidgin ou uma variedade subordinada de uma língua de qualquer outra espécie.

Couto (1996: 29) apresenta alguns critérios que entram na caracterização de pidgins e crioulos, entre eles: os critérios linguísticos e sociolinguísticos. Os critérios linguísticos ou estruturais tanto dos pidgins quanto dos crioulos podem ser resumidos em: número de fonemas menor do que o de línguas que entraram em sua formação, preferência pela estrutura silábica CV, em geral em vocábulos dissílabos, ausência quase total de morfologia derivacional e flexional, as funções sintáticas são indicadas preferencialmente pela ordem, em geral SVO, e léxico menos numeroso do que o das línguas de superstrato e substrato.

Os critérios sociolinguísticos são: contato de dois ou mais povos de línguas mutuamente ininteligíveis (situação de multilinguismo), não é língua materna de ninguém (língua de contato), meio precário de intercompreensão (por isso são considerados línguas marginais por alguns autores), modo de comunicação pragmático, ainda não há uma gramática comunitariamente aceita, não há nenhum sentimento de amor e fidelidade ao pidgin por parte de seus usuários – assim que podem, abandonam-no (COUTO, 1996: 30).

Segundo Couto (1996: 29-30) esses critérios são válidos para um pidgin que está pelo menos na fase de transição para a estabilização. O jargão inicial não apresenta nenhum tipo de estruturação e a comunicação nesse estágio se dá mais pelo modo pragmático, baseada em fatores contextuais e situacionais.

O tok pisin, por exemplo, tem sua estrutura derivada de uma situação social na qual uma língua intermediária fora usada. Embora alguns morfemas gramaticalmente importantes e alguns detalhes gerais da estrutura sintática tenham sido desenvolvidos com base em uma língua de superstrato – o inglês, o cenário social foi muito mais importante e determinante na formação da sua estrutura, o que mostra a importância dos fatores sociais não só na formação dos pidgins e crioulos como também no desenvolvimento de sua gramática.

Holm (1989: 533) relata que a presença de características das línguas Austronésias, nos níveis fonológico, morfológico e sintático, faz com que o sistema do tok pisin se diferencie do inglês e de outros crioulos do Atlântico. Na fonologia<sup>12</sup>, por exemplo, o tok pisin apresenta alofones consonantais próprios das línguas nativas, como por exemplo:

---

<sup>12</sup> Sobre a fonologia do tok pisin ver capítulo 04.



- A vibrante [r] pode ser realizada como uma alveolar [r], como em /rot/ ‘road’ (rodovia), característica também observada em línguas austronésias da região da Highlands (HOLM, 1989: 533).
- /f/ e /p/, em algumas regiões da Papua Nova Guiné, por influência do tolai<sup>13</sup>, são alofones livres, como em /foa/ > /poa/ ‘four’ (quatro); /faiv/ e /paiv/ ‘five’ (cinco); /lif/ > /lip/ ‘live’ (vida); /fis/ > /pis/ ‘fish’ (peixe); /fren/ > /pren/ ‘friend’ (amigo(a)); /flei/ > /plei/ ‘play’ (jogar; brincar) (SMITH, 2002: 57).
- /ɾ/ e /l/ são interpretados, por alguns falantes da variedade rural, como alofones, devido à influência do substrato (a língua Adzera<sup>14</sup> não distingue estes dois sons), como em /arere/ > /alele/ ‘beside’ (ao lado); /kirim/ > /kilim/ ‘to kill’ (matar) (WURM, 1977).

Na morfossintaxe, Romaine (1988: 131) cita que as primeiras convenções de marcação de plural no tok pisin apareceram no seu sistema pronominal. Na fase de sua estabilização a forma plural *-pela* foi incorporada aos seus pronomes *mi*, *yu* e (*hi* >) *em* formando *mipela* ‘we’ (nós), *yupela* ‘you(pl.)’ (vocês) e (*hipela* >) *empela* ‘they’ (eles(as)). Como o *mipela* tinha sentido de eu + outros, padronizou-se esta forma como um pronome plural de primeira pessoa exclusivo. Então, pela necessidade de um pronome plural de primeira pessoa inclusivo, convencionou-se *yumi* (você + eu) como tal. Hoje, contudo, as formas *mipela*, *yumi* e *yupela* estão padronizadas enquanto que *empela* foi substituída por *ol*.

Nos primeiros estágios da fase de expansão do tok pisin, o marcador de plural *ol* já era usado com nomes de seres animados, como *pipol* ‘people’ (pessoas) de forma redundante e com nomes de seres inanimados, como *ples* e *pekpek* ‘village; excrement’ (vila; fezes) de forma variável. Em (1) percebemos esses traços.

(1) Mi toktok long ol pipol insait long ples, (...). Na ol i no save troimwe pekpek long bus. Ol i save sindaun wantaim *ol* pekpek.

‘I speak to the people in the villages (...). And they did not use to throw away their excrement(s) in the bush. They used to live with their excrement(s).’

(Eu falo com as pessoas nas vilas (...). E elas não costumam jogar fora sua(s) feze(s). Elas costumam viver com sua(s) feze(s)).

(MÜHLHÄUSLER, 1986: 183)

<sup>13</sup> O tolai não tem o fonema /f/ em seu quadro consonantal (MOSEL, 1980)

No que se refere aos marcadores de futuro, por volta de 1960, os auxiliares *bai* e *baimbai* (do inglês *by and by*) coexistiam com aparentemente o mesmo sentido. No entanto, Sankoff e Laberge apresentam evidências de que *bai* tenha mudado progressivamente de advérbio de tempo (futuro) para uma partícula que figurasse regularmente no sistema tempo-aspecto da língua e analisam essa mudança sob quatro dimensões: 1) redução de *baimbai* para *bai*, 2) perda progressiva do acento da forma monossilábica, 3) redundância pela coocorrência com advérbios com sentido de futuro, 4) mudança na ordem das palavras, isto é *bai* migra da posição inicial na sentença para a de pós-sujeito, com tendência a localizar-se próximo ao verbo principal (SANKOFF; LABERGE, 1974: 62).

Considerando que *baimbai* é mais antigo que *bai*, não fica difícil aceitar a sua redução, que em alguns casos chega a [bə] (SANKOFF; LABERGE, 1974), entre falantes mais jovens. Historicamente *baimbai* é sem dúvida a forma original de *bai* e, por isso, até hoje falantes mais antigos usam-na frequentemente. Nos dados de Sankoff e Laberge (1974), *baimbai* nunca aparece recebendo acento primário e isso dá suporte à hipótese de que a função gramatical de *bai* está mudando de advérbio para um auxiliar de tempo verbal.

Para Laycock (1970: xxiii), o futuro expresso por *baimbai* ou *bai* pode ser encontrado como marcador de evento irreal, como demonstrado de (2) a (7).

- (2) Bai ol man i kamap singsing. ‘The men will come to dance.’ (Os homens virão dançar.)
- (3) Dispela meri bai ol haptumara i marit. ‘This woman will get married the day after tomorrow.’ (Esta mulher irá casar depois de amanhã.)
- (4) Dispela diwai bai i pundaum. ‘This tree will fall down.’ (Esta árvore irá cair.)
- (5) Bihain long tripela mun baimbai em i kam. ‘In three months he will come.’ (Em três meses ele virá.)
- (6) Baimbai em i go wantaim mi long ples bilong mi. ‘Later he will go with me to my village’. (Mais tarde ele irá comigo para a minha vila.)
- (7) Sapos yu katim dispela diwai, baimbai masalai i paitim yu. ‘If you cut this tree, a spirit will harm you.’ (Se você cortar esta árvore, um espírito irá queimar você.)

Na evolução da estrutura linguística do tok pisin, Mühlhäusler (1986: 164) observou que, com a estabilização dessa língua, novas convenções emergiram e o uso do *i*

---

<sup>14</sup> Adzera: uma língua malaio-polinésia, nativa da região alta (Highlands) da Papua Nova Guiné.

como marcador de predicado, que parece ser influenciado por uma construção similar no tolai. Assim como em inglês, o tolai usa diferentes formas pronominais para diferentes tipos de sujeitos. No entanto, com a terceira pessoa do singular, o pronome anafórico *i* foi usado, e a semelhança com o *he* (ele) do inglês provocou a sua rápida estabilização, primeiro como um pronome anafórico generalizado para singular e plural e, depois, como marcador de predicado.

Esse fenômeno também foi observado no crioulo português da Guiné-Bissau. Couto (1994) trata do *i* nessa língua como cópia do sujeito ou cópula *i*. E, ainda, há indícios de que ocorre também em algumas variedades do crioulo francês. Dessa forma, pode-se dizer que é um assunto que merece ser tratado em pesquisa futura.

Mais tarde, o uso de *i* tornou-se quase que obrigatório com sujeito nominal, como em (8) e não obrigatório com sujeito pronominal, como em (9).

(8) Man i go long ples. ‘The man went to the village.’ (O homen foi para a vila.)

(9) Tupela (i) go. ‘The two went.’ (Os dois foram.)

No período de 1920 a 1930 o *i* foi realizado como uma marca de predicado verbal, sendo usado com outros pronomes e com sujeitos nominais para indicar contraste ou ênfase (SANKOFF; LABERGE, 1974). Note-se no exemplo (10) de Hall (1966) que o pronome *em* é inserido entre o sujeito *meri* e o *i*, para indicar ênfase do sujeito nominal *meri* ‘woman’ (mulher).

(10) Man i mekim singsing long Mbabmu, meri *em* i go long em, em i pekpek blut ... ‘Men utter a spell over Mbabmu; if a woman goes near them, she’ll have dysentery.’ (Homens se pronunciaram sobre Mbabmu; se uma mulher for para perto deles, ela terá disenteria)

Quanto às preposições, Ribeiro (2005: 38) sugere a única forma que pode ser considerada preposição em TP: *long*, usada principalmente para relações de espaço e localidade, como em (11).

(11)

a. Mi wok long gaten. ‘I work in the garden.’ (Eu trabalho no jardim.)

b. Mi stap long haus. ‘I’m in the house.’ (Eu estou na casa.)

- c. Mi go long rot. ‘I walk on the road.’ (Eu caminho na rodovia.)
- d. Mi kam long Rabaul. ‘I came from Rabaul.’ (Eu vim de Rabaul.)

*Long* é uma preposição com grande variedade de sentido, como em (12), apresentado por Woolford (1979: 110).

(12)

- a. Long moning ol i paitim garamut. ‘In the morning they beat the drum.’ (Pela manhã eles batem os tambores.)
- b. Yupela I go antap long ples. ‘You go to the village.’ (Vocês vão para a vila.)
- c. Yumitupela sindaun long dispela arere long wara. ‘We two sit on this side of river. Lets sit on the river bank’ (Nós dois sentamos deste lado do rio. Vamos sentar no banco do rio.)
- d. Yu ken i kam bek gen long lukim mipela. ‘You can come back again for see us. (Você pode vir novamente para nos ver.)
- e. Nogat stori long toki m yu. ‘I have no stories to tell you.’ (Eu não tenho estórias para te contar.)

Segundo Mühlhäusler (1986: 246), os empréstimos de preposições no TP seguem não só a forma como também a função que desempenham no inglês, como em (13), em que a forma inglesa ‘of’ (de) é usada no TP *ov* com a mesma forma e função.

- (13) Em i no stret long **laik bilong pipol** *ov* Papua Nu Gini. ‘This is not correct in the **view of the people** of Papua New Guinea.’ (Isto não é correto na visão das pessoas da Papua Nova Guiné.)

Em (13) o primeiro *of* do inglês em ‘view **of** the people’ é realizado no TP como ‘bilong’ em ‘laik **bilong** people’, devido à forma ‘bilong’ (do inglês) ser responsável pelas construções de posse do TP. Em ‘people **of** PNG’ a ideia não parece de posse, mas sim de espaço, talvez por isso o empréstimo, formando ‘**pipol** *ov* PNG’.

Há outros empréstimos de preposições do inglês que podem ser interpretados no TP de maneiras diferentes, como por exemplo, em (14) em que *egens* (do inglês ‘*against*’ (contra)) pode ser interpretado como parte de um sintagma preposicional complexo (*egens*

*long* = prep. + prep.) ou como parte de uma locução verbal (*pait egens*) seguida de uma preposição (*long*). A nova forma, *egens*, pode ser encontrada nas duas funções simultaneamente (MÜHLHÄUSLER, 1986: 246).

- (14) Ol i pait *egens* long enimi. ‘They fight against enemy.’ (Eles lutam contra o inimigo.)

A estabilização do léxico no TP é manifestada de várias maneiras, incluindo a emergência de normas de formação de palavras, a cristalização de formas preferidas entre as variedades existentes na fase de jargão e o desenvolvimento das estruturas no campo lexical. Ou seja, a estabilização do léxico se dá por regras de formação de palavras, cristalização e inovações.

Para que um item lexical seja parte do vocabulário básico de um crioulo é fundamental que haja convenções de gramática, pronúncia, sentido e significado e aceitabilidade social da palavra emprestada. A palavra *inglis* do tok pisin, por exemplo, assume o mesmo significado básico do seu cognato inglês ‘english’ (inglês), porém com convenções de pronúncia (15) e gramática (16) do tok pisin. Nota-se em (16) que em TP *inglis* é um adjetivo usado depois do substantivo, enquanto que em inglês *english* é um adjetivo usado antes do substantivo.

- (15) tok pisin = [inglis]  
inglês = [iŋgli]

- (16) tok pisin = Em i man inglis.  
inglês = He is an english man. (Ele é um inglês.)

Outras, porém, assumem significados específicos, embora com o mesmo sentido dado pelos respectivos empréstimos, como se vê nos dados de Mühlhäusler (1986: 167) reproduzidos em (17).

(17)

<i>tok pisin</i>	<i>do inglês</i>	<i>Tradução</i>
baimbai	by and by	‘soon’ (logo)
nambis	on the beach	‘beach’ (praia)
tudir	too dear	‘expensive’ (caro)
lego	let go	‘to let go’ (deixar ir)
sekan	shake hands	‘to make peace’ (fazer a paz)
bilinut	betelnut	‘betelnut’ (semente de <i>betel</i> )
simbum	jib-boom	‘jib-boom’ (cano de arma de fogo)
kolta	coal-tar	‘tar’ (óleo queimado, piche)
trausel	tortoise shell	‘tortoise’ (tartaruga)

Mühlhäusler (1986: 167) mostra itens lexicais do tolai que foram emprestados ao tok pisin, afirmando que as palavras das línguas de substrato também são emprestadas seguindo as convenções de sentido e significado da nova língua, como se vê em (18).

(18)

<i>tok pisin</i>	<i>Tolai</i>
mau ‘ripe, mature’ (maduro)	mao ‘ripe banana’ (banana madura)
umben ‘net (in general)’ (rede (em geral))	ubene ‘fishing net’ (rede de pesca)
birua ‘enemy, warrior’ (inimigo)	virua ‘victim, human flesh’ (vítima, carne humana)
kambang ‘lime’ (tília)	kabag ‘white lime’ (tília branca)

Considerando que a classe de palavras dos itens lexicais emprestados da língua lexicadora tende a mudar no pidgin ou crioulo, podemos citar o verbo ‘belong’ (pertencer) do inglês usado no TP como uma preposição com sentido de ‘of’ (de, do) em sentenças possessivas, como em (19) e (20).

(19) haus bilong all king ‘house of all kings’ (casa de todos os reis)

(20) haus bilong wasin klos ‘house of washing clothes’ (casa de roupas lavadas)

No que diz respeito às convenções sociais, consideráveis diferenças são percebidas entre o inglês e o TP, que adota, sem problemas, certas palavras consideradas rudes na língua lexificadora, como se vê em (21).

(21)

<i>tok pisin</i>	<i>do inglês</i>	<i>Tradução</i>
bagarap	buggered up	tired, ruined (cansado, arruinado)
sit	shit	leftovers (armazém, estoque)
kan	cunt	female genitals (genitália feminina)
as	arse	seat, origin, cause (acento, origem, causa)

A informação semântica de alguns vocábulos de parentesco do TP também apresenta diferenças em relação ao inglês por conta das convenções sociais que se fazem presentes. Assim, os vocábulos em (22) mostram que, apesar dos cognatos *papa* ‘father’ (papai) e *mama* ‘mother’ (mamãe), a informação semântica é reestruturada na formação de *smolpapa* ‘paternal **uncle**’ (**tio** paterno) e *smolmama* ‘paternal **aunt**’ (**tia** paterna), passando de papai e mamãe para tio e tia, respectivamente.

(22)

<i>tok pisin</i>	<i>Tradução</i>
papa	‘father’ (papai)
mama	‘mother’ (mamãe)
smolpapa	‘paternal uncle’ (tio paterno)
smolmama	‘paternal aunt’ (tia paterna)

De uma maneira geral, o léxico dos pidgins estabilizados e crioulos tende a ser constituído seguindo o esquema: uma forma = um sentido. Ou seja, são pressionados a maximizar a utilização de um inventário lexical muito reduzido, fazendo uso dos diversos processos de formação de palavras, em especial a composição e o circunlóquio, limitando-se a usar apenas as formas primitivas de seu inventário.

Mühlhäusler (1986: 169) afirma que, apesar de raros, é possível encontrar homônimos em pidgins estabilizados. No TP, por exemplo, o fato de *sip* significar ‘sheep’ (ovelha), ‘ship’ (navio), ‘jeep’ (jeep) ou ‘jib’ (bujarrona, braço de guindaste), é o resultado de um “desastre comunicativo”, pois, segundo o autor, a presença de homônimos constitui um

alto custo à língua, particularmente no estágio em que há preferência pela transparência semântica mais do que pelos sentidos conotativos.

Nesses exemplos, notamos que a transparência semântica também está relacionada aos componentes sintáticos da língua. Um exemplo disso é a negativa em pares antônimos, formados, segundo Mühlhäusler (1986: 169), pelo acréscimo do equivalente de ‘no’ (não) à base das palavras de muitos pidgins e crioulos, como se vê em (23).

(23)

<i>tok pisin</i>	<i>do ingles</i>
no kamap ‘to be absent’ (estar ausente)	come up (vir)
no inap ‘deficient’ (deficiência, falta)	enough (suficiente)
no hatwok ‘easy’ (fácil)	hard work (trabalho difícil)

Outro elemento usado para expressar masculino e feminino em seres animados é o equivalente de ‘man’ (homen) e ‘woman’ (mulher) acoplado à base nominativa em muitos pidgins e crioulos. Em (24) estão exemplos dos itens *man* ‘man’ (homem) e *meri* ‘woman’ (mulher) do TP empregados com esta função.

(24)

<i>marit-</i>	<i>sik-</i>
maritman ‘husband’ (marido)	sikman ‘patient’ (paciente homem)
maritmeri ‘wife’ (esposa)	sikmeri ‘patient’ (paciente mulher)

No que se refere ao empréstimo lexical, Mühlhäusler (1986: 247) verifica que o empréstimo do inglês é bastante aparente na pronúncia e na sintaxe do tok pisin. Sons típicos do inglês e substituições de estruturas gramaticais por lexicalização estão cada vez mais presentes na variedade acroletal deste crioulo. Mühlhäusler (1986: 192) ressalta que no tok pisin os empréstimos são na média de 16% de línguas de substrato (línguas da melanésia), 7% do alemão e outras línguas e 77% do inglês.

Smith (2002) mostra que a variedade falada nos centros urbanos, especialmente por falantes fluentes da língua inglesa, está ‘infestada’ por palavras do inglês, a tal ponto que a distinção entre tok pisin e inglês só é possível devido às palavras apresentarem morfologia e sintaxe do tok pisin, conforme apresentado em (25).



(25)

<i>Variedade Urbana</i>	<i>Variedade Rural</i>	<i>Inglês</i>	<i>Português</i>
Ol i luk po (em).	Ol i painim	<i>They are looking for it</i>	Eles o estão procurando
Ol pik no inap go insait ...	ol pigs no inap go insait ...	<i>The pigs couldn't go into ...</i>	Os porcos não podem entrar ...
Ol tifas ...	Ol tisas ...	<i>The teachers...</i>	Os professores...

Smith (2002: 47) apresenta dados recentes do tok pisin (26) mostrando claramente que o tok pisin está cada dia mais próximo do inglês.

(26)

<i>Variedade basilectal</i>	<i>Variedade acroletal</i>	<i>Inglês</i>
<u>Nambawan</u> taim bilong mi lo kam lo aiskul mi bin <u>pilim nogut</u> liklik, i go tripela <u>mun</u> nau mi painin ol poroman bilong mi	<u>Fest</u> taim blo mi lo kam lo aiskul mi bin <u>fil boriŋ</u> liglig, i go inap tri <u>mants</u> nau mi painin ol poroman blo mi.	<u>First</u> time for me to come to high school I <u>felt</u> (feel) a bit <u>bored</u> , after three <u>months</u> (now) I found my friends.*

\*A primeira vez que fui à escola eu me senti um pouco entediado (mal), após três meses (agora) eu encontrei meus amigos (Português)

Note no exemplo em (26) que vocábulos da língua tok pisin padrão são trocados por empréstimos da língua dominante. São eles:

nambawan > fest = first (primeiro)

pilim nogut > fil boriŋ = feel bored (sentir-se entediado)

mun > mants = months (meses)

Nos dados coletados para este estudo (Radio Australia, 2012) reforço a tendência de o tok pisin estar cada dia mais próximo da língua inglesa. Observe em (27).

(27) Ahm, wanpela sit i stap lo fotint.

‘Hmm, there is a seat on the forteen’. (Hum, há uma poltrona, n. 14).

Dados coletados para este estudo demonstram que não apenas elementos lexicais do inglês foram e estão sendo incorporados ao tok pisin (27), mas também elementos fonológicos, como em (26). Sobre a fonologia do tok pisin, ver capítulo 4.

Neste capítulo abordamos a história do tok pisin, considerando os primeiros contatos e a formação desta língua, a partir de um proto-pidgin, mostrado em três esquemas, propostos por Hall (1961), Wurm (1971 *apud* Mühlhäusler, 1986) e Hancock (1971 *apud* Mühlhäusler, 1986). Sobre o pidgin de origem do tok pisin (o inglês neomelanésio) evidenciou-se que o cenário multilíngue das plantações foi fundamental para que lavradores, ao retornarem para suas casas, levassem este pidgin como língua de contato, favorecendo a sua difusão como língua franca em toda a Melanésia.

Tratamos ainda do processo de evolução do tok pisin – de pidgin a crioulo. Sobre isso, mostramos que este crioulo, de 1860 em diante, estabeleceu-se na Papua Nova Guiné e, por volta de 1900, avança em direção a sua crioulição. Sankoff (1979: 25) mostra alguns dos grandes avanços do tok pisin ocorridos ainda na fase de pidginização (ou fase de pidgin expandido).

Em suma, o tok pisin é uma língua crioula de base inglesa que surgiu a partir dos trabalhadores das plantações de Samoa, que ao retornarem para suas casas, levaram este pidgin como língua de contato, favorecendo a sua difusão como língua franca em toda a Melanésia. Sua formação se deve a partir de uma variedade do pidgin inglês neomelanésio que se estabiliza, primeiramente a sudeste da ilha e depois por toda a Papua Nova Guiné. Com o advento da administração australiana na Papua Nova Guiné, o crioulo ganha força, pois os serventes foram desencorajados a aprender a língua dos senhores (o Inglês), favorecendo o seu uso em diversas situações funcionais. As missões de evangelização pela Papua foram importantes para a expansão desta língua.

A caracterização do tok pisin como língua crioula leva em conta critérios como número de fonemas menor do que da língua lexificadora (inglês), predomínio do padrão silábico CV, ordem em geral SVO, formado em uma situação de multilinguismo (contato linguístico), usado em vários contextos funcionais, considerável expansão estrutural e desenvolvimento gramatical (regras gramaticais), estabilização lexical por meio de regras de formação de palavras, cristalização e inovação e é língua nativa de uma comunidade de fala

## 2 TEORIAS

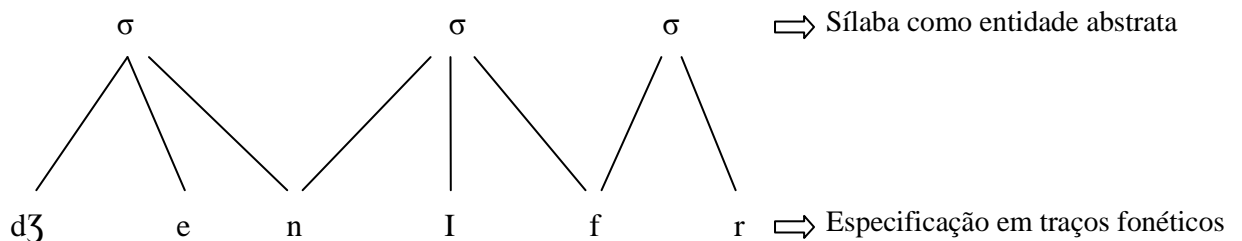
Este capítulo aborda os conceitos teóricos que sustentam o estudo, a saber: a sílaba e suas representações, segundo as propostas de Kahn (1976), Clements e Keyser (1983); Goldsmith (1990) e Selkirk (1982), bem como a teoria da relexificação no processo de formação de pidgins e crioulos, proposta por Claire Lefebvre (1998 e 2001) e apresentada em Couto (2002).

### 2.1 A SÍLABA E SUAS REPRESENTAÇÕES

A sílaba contém um constituinte que tem lugar de destaque para a teoria fonológica, pois é fundamental dentro da hierarquia prosódica, por se constituir no domínio de regras e processos (BISOL, 1999).

No início dos estudos, os princípios da teoria autossegmental foram introduzidos por Goldsmith em 1976 e adotados por Kahn (1976), o qual definiu a sílaba como uma estrutura formada apenas por camadas independentes, associadas diretamente às unidades sonoras que ocupam as margens e o núcleo da sílaba e encontram-se igualmente relacionadas entre si.

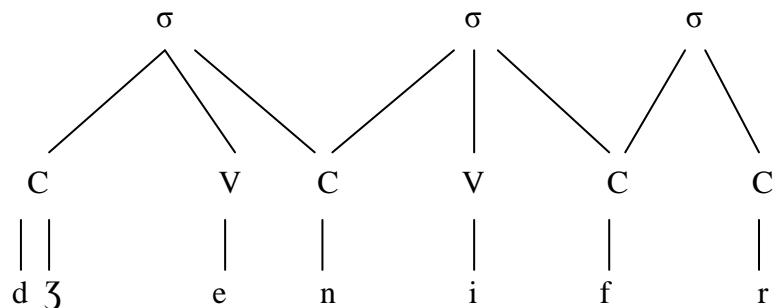
Assim, para Kahn (1976), a sílaba é representada por um nóculo que domina imediatamente seus constituintes – os segmentos. É uma estrutura interna plana, em que a relação dos elementos se dá de forma linear, não havendo estrutura intermediária entre a sílaba e os segmentos, conforme o esquema adaptado de Couto (1997: 50).



A proposta de Kahn (1976) estabelece várias generalizações decorrentes das referências dos contextos de aplicações de regras em termos de limites silábicos ao contrário de expressar ambientes de aplicação de regra em termos de segmentos ou limites *ad hoc*s.

Assim como Kahn, Clements e Keyser (1983) argumentam um modelo de estrutura plana para a sílaba, porém esses autores acrescentaram um nível intermediário (denominado CV) entre o nível dos segmentos e o nível da sílaba (representado por  $\sigma$ ). Neste modelo, a associação não se dá diretamente entre os segmentos e a sílaba, mas por intermédio do nível (ou esqueleto) CV.

Clements e Keyser (1983) propõem a representação de “Jennifer” como:



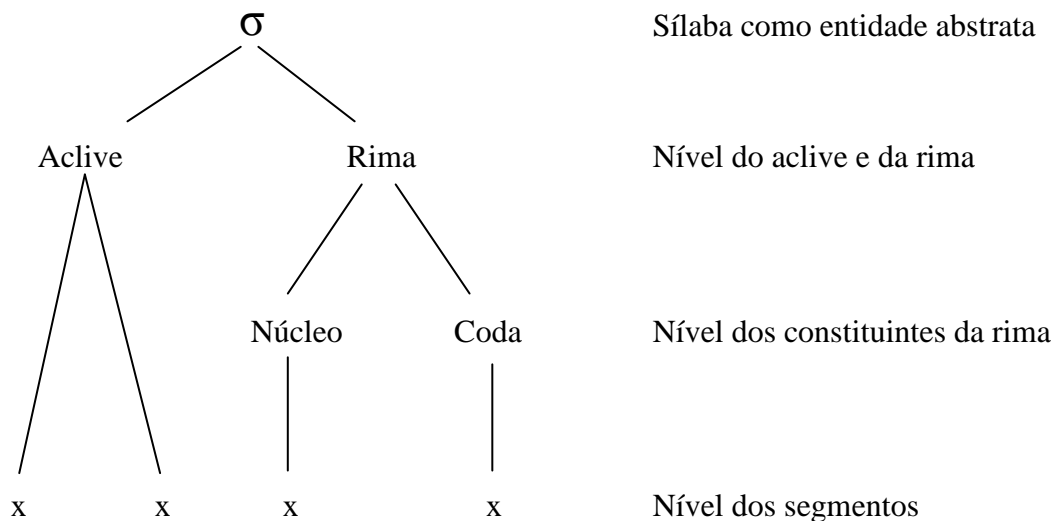
Clements e Keyser (1983) mostram que, através da representação do nível CV, é possível diferenciar os segmentos que podem constituir pico de sílaba (V) dos que não podem (C).

Dentre as contribuições de Kahn (1976) e Clements e Keyser (1983), pode-se destacar que Kahn foi o primeiro a usar um novo nível de representação fonológica – o das sílabas e Clements e Keyser acrescentaram o nível CV na representação da estrutura silábica. Entretanto, Couto (1997: 50) salienta que nem o modelo de Kahn nem o modelo de Clements e Keyser “reconhece uma estrutura interna da sílaba”. Ou seja, os segmentos estão relacionados uns com os outros em condição de igualdade.

Selkirk (1982), a partir de um modelo métrico, considera a sílaba uma unidade linguisticamente significativa por entender que a sílaba é um constituinte prosódico de hierarquia maior, composto por subdivisões internas. A autora justifica essa afirmação considerando que: as restrições fonotáticas e o modo como os constituintes se agrupam podem ser explicados em função da estrutura interna hierárquica da sílaba (tendo em vista que os processos fonológicos atuam nos constituintes silábicos); as regras da fonologia segmental são caracterizadas no domínio da sílaba e, por fim, os fenômenos suprassilábicos são tratados

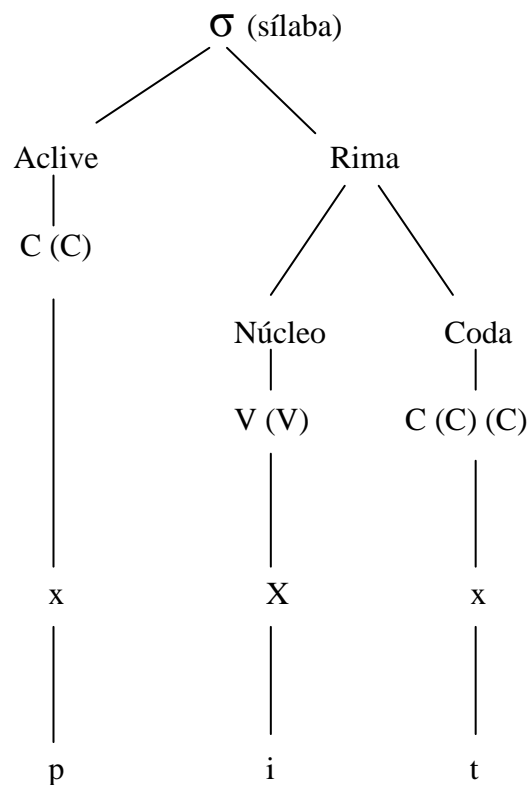
adequadamente dentro de agrupamentos de unidade do tamanho da sílaba. Ou seja, a sílaba favorece a existência de agrupamentos privilegiados – os constituintes: as unidades linguísticas.

Selkirk (1982) apresenta a seguinte estrutura interna da sílaba:



Da mesma forma, Goldsmith (1990), dentro da proposta da teoria autossegmental, sugere um modelo que possa explicitar o fato empírico de a sílaba ter uma estrutura interna. A teoria autossegmental, segundo Silva (2007: 205), postula: “uma representação subjacente para cada forma a ser analisada; níveis organizados hierarquicamente; princípios gerais que atuam autonomamente em cada nível e regras particulares, selecionadas e ativadas diferentemente em cada língua”.

O nível CV, ilustrado com a palavra “Jennifer”, passa a ser representado por X consecutivos (sem classificação do tipo C-onsoante ou V-ogal). O núcleo passa a ser visto como o centro da unidade silábica, ou seja, é o elemento obrigatório em toda e qualquer sílaba. O diagrama a seguir representa a silabificação da palavra “pit”, seguindo a fonologia autossegmental, adaptado de Goldsmith (1990: 152).



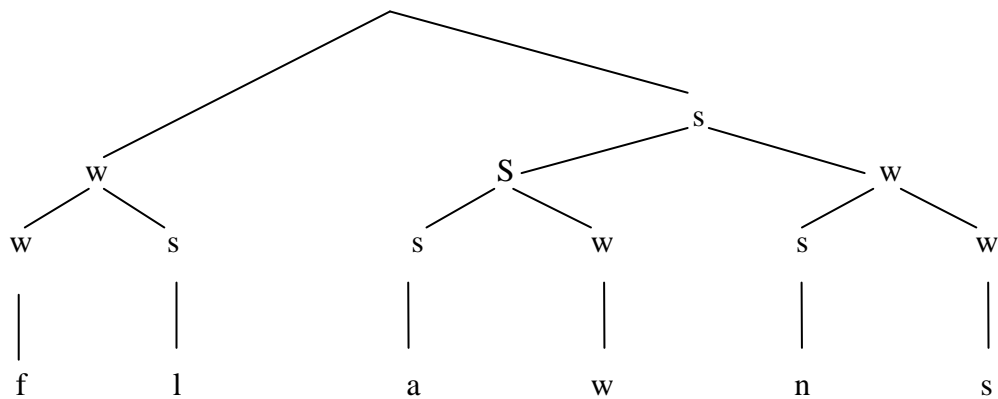
De acordo com a proposta de Goldsmith (1990), uma sílaba [σ] é composta de aclave (*onset*) e rima. O aclave é a posição privilegiada da(s) consoante(s); já a rima é constituída só de núcleo ou de núcleo mais coda. O núcleo é preenchido por vogal e a coda é a posição secundária de consoante.

Um conceito importante na fonologia autosegmental é o de licenciamento. Para Silva (2007: 207), o licenciamento busca “explicar e prever a diversidade de contrastes do ataque<sup>15</sup> e da coda nas línguas naturais”. Goldsmith (1990: 123) considera que a essência do licenciamento é haver categorias licenciadoras (*licensors*) – a sílaba é um licenciador primário e a coda e certos morfemas finais são licenciadores secundários – e categorias licenciadas. “A categoria licenciadora autoriza a ocorrência de uma categoria licenciada. A gramática designa o status de licenciadores os quais podem autorizar uma única posição licenciada” (SILVA, 2007: 208).

<sup>15</sup> Ataque ou aclave são termos usados em português para o termo *onset*.

Selkirk (1982: 343), ao defender a estrutura hierárquica da sílaba, salienta o fato de os processos fonológicos atuarem nos constituintes silábicos. Um dos argumentos trazidos pela autora é a análise do peso silábico. Neste sentido, a noção de forte (*strong*) e fraco (*weak*) é fundamental para definição da estrutura hierarquizada da sílaba. Ou seja, o elemento mais sonoro (*strong*) sempre ocupará o núcleo da sílaba, enquanto os elementos menos sonoros (*weak*) ocuparão as margens – aclave e coda. Quando houver sequência de elementos dentro do aclave ou da coda, estes apresentarão sonoridade crescente em direção ao núcleo.

De acordo com essa noção, segue a representação da sílaba para a palavra ‘flounce’ /flawns/ (caminhar com ares soberbos), onde *s* representa *strong* (forte; +sonoro) e *w* representa *weak* (fraco; -sonoro):



Selkirk (1982: 358) mostra, também, que uma palavra do inglês como [allow] ‘permitir’ poderia ser silabificada de duas maneiras: [ʌ.law] ou [ʌl.ɔw]. Ambas as formas respeitam o molde silábico<sup>16</sup> e as regras colocacionais do inglês e não violam o princípio de sonoridade sequencial, segundo o qual o timbre deve aumentar das margens em direção ao núcleo de uma sílaba.

Segundo Bisol (1999: 101), a escala de sonoridade, na concepção do modelo métrico de representação da sílaba, “tem um papel importante na estrutura silábica, porque se pode correlacionar a sonoridade relativa de um segmento com a posição que ele ocupa no interior da sílaba”. Silva (2007: 207) afirma que o princípio da sonoridade pode ser entendido “como uma gradação referente ao grau de abertura do trato vocal durante a produção dos sons e da quantidade de energia produzida durante a produção de um som”.

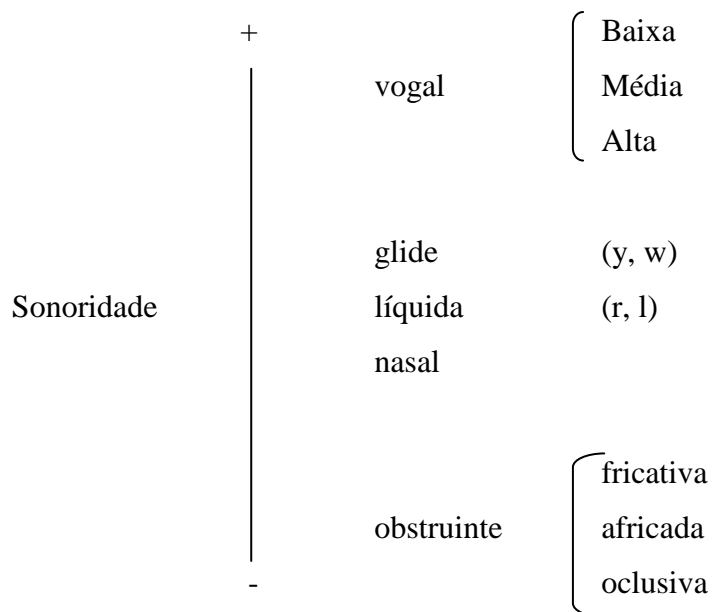
<sup>16</sup> O molde silábico ou *template* é o resultado da caracterização das possíveis estruturas para a sílaba, que inclui: caracterização da estrutura interna da sílaba; especificação do número mínimo e máximo de posições terminais e o conjunto de condições sobre os nós terminais.

Da mesma forma, Bloomfield (1983 *apud* Silva, 2007) lança a proposta de classificar os segmentos de acordo com o grau de sonoridade para explicar a ordem segmental de consoantes em aclives e codas, alegando que “as sílabas tendem a ser construídas a partir de um crescendo de sonoridade até alcançarem o pico sonoro e procederem, então, ao diminuindo de sonoridade” (SILVA, 2007: 207).

Bisol (1999) explica que:

- 1º) o elemento mais sonoro sempre ocupará o núcleo da sílaba, ao passo que os elementos menos sonoros ocuparão as margens (aclive e coda);
- 2º) quando há sequências de elementos dentro do aclave ou da coda, estas apresentam sonoridade crescente em direção ao núcleo.

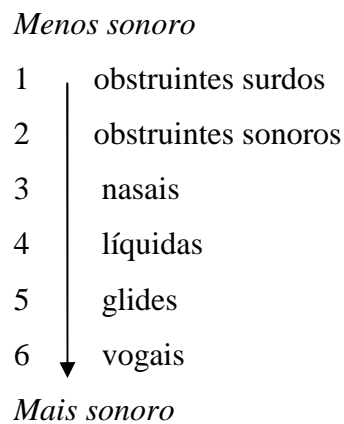
Em Silva (2007: 207), encontramos um diagrama (representado abaixo) da hierarquia de sonoridade no qual os elementos são classificados numa escala gradativa de sonoridade máxima (expressa por +) e de sonoridade mínima (expressa por -).



Silva (2007) esclarece que segmentos [+ sonoros] podem ocupar uma posição nuclear e elementos [-sonoros] ocupam as posições periféricas (pré e pós-nucleares). Ou seja, as vogais associam-se a núcleos por apresentarem uma sonoridade alta; aclives e codas relacionam-se a consoantes que têm baixa sonoridade.

Katamba (1989: 158), citando Hooper (1972; 1976), apresenta a hierarquia de sonoridade da seguinte forma:

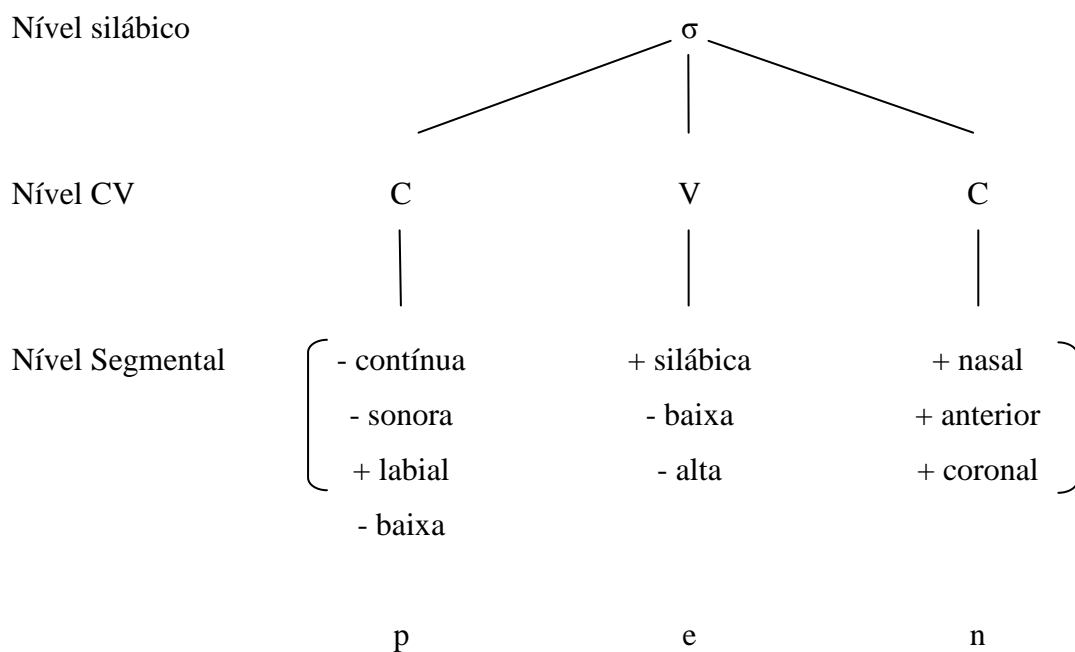




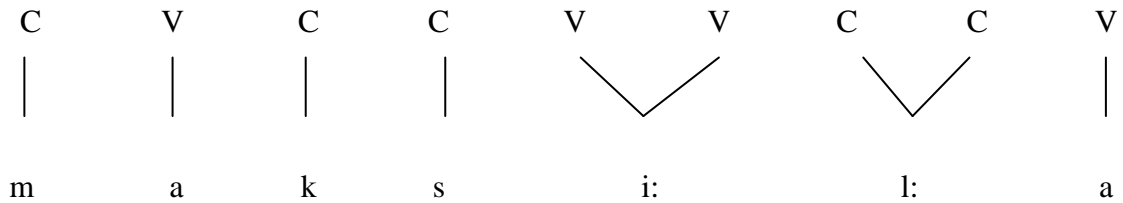
Katamba (1989: 163) explica que o segmento capaz de funcionar como núcleo da sílaba é, na hierarquia de sonoridade, mais sonoro do que os demais que o cercam. Desta forma, os núcleos são sempre representados pelo elemento V, na cadeia CV. O aclave e a coda, elementos C, são os menos sonoros.

Katamba (1989: 164) complementa que a principal função da sílaba é fornecer condições para análise da estrutura interna dos segmentos e indicar o número de unidades rítmicas (sonoridade) presentes. Isso depende da forma como os elementos C e V, do nível CV, estão relacionados com as consoantes e vogais do nível segmental. Katamba (1989: 164) apresenta três possibilidades de estrutura segmental interna da sílaba:

1. Associação um a um do V e C com os segmentos. Representação da palavra inglesa *pen* 'caneta'.

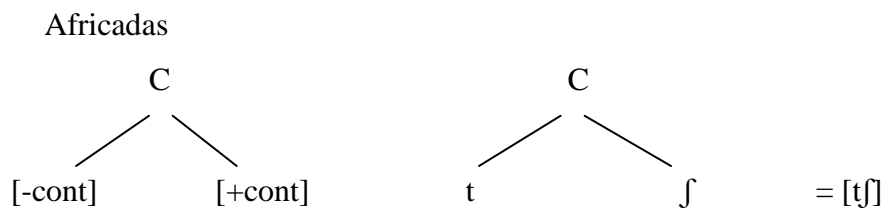


2. Associação simultânea de dois segmentos com dois elementos C (consoantes geminadas) ou V (vogal longa). Representação da palavra latina *maxilla* /maks:i:lla/ ‘maxilar’.

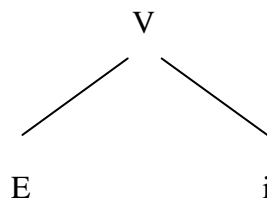


3. A terceira possibilidade é a associação simultânea de um elemento C simples com dois segmentos com características distintivas. Isso ocorre em situações de encontros consonantais do tipo [pf], [tʃ] e [dʒ], ditongação e consoante pré-nasalizada.

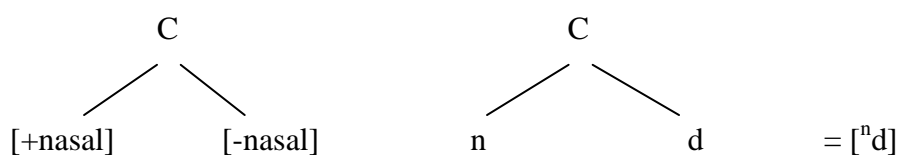
3.1 Representação da africada [tʃ]:



3.2 Representação do ditongo [ei] como em [eit] ‘eight’ (oito)



3.3 Representação da consoante pré-nasalizada [ʎd]:



Em relação à divisão de uma sequência de segmentos em sílabas (no sentido de se saber quando um elemento fica na posição do aclave ou da coda, por exemplo), as condições universais de sequência de sonoridade e licenciamento orientam a silabação como um processo automático. Deste modo, uma sequência VCV será silabificada como V.CV e não como VC.V. Esse processo é orientado pelo pressuposto de que uma sílaba deve ter um aumento máximo de sonoridade no aclave e uma queda mínima de sonoridade na rima. Uma sílaba CV permite esse padrão, ao contrário de uma sílaba VC.

Por outro lado, as regras de licenciamento ordenam a criação de estruturas silábicas, nas quais, primeiramente, ocorre a regra de criação do núcleo, depois a do aclave e, por último, a da coda. Assim, para a fonologia autosegmental, a relação entre as representações subjacentes (fonologia) e as representações superficiais (fonética) é feita através de processos derivacionais nos quais as formas fonológicas sofrem alterações devido à aplicação de regras. As regras, por sua vez, obedecem a princípios que atuam em diversos níveis, a fim de que as estruturas sejam bem formadas (princípio de boa formação).

Em suma, a sílaba é uma unidade fonológica, na qual elementos são organizados em uma hierarquia prosódica. Além disso, apresenta as funções de combinação de consoantes e vogais e de regulação da estrutura segmental através do nível CV. Sua representação como um constituinte organizado, em termos de hierarquia (Selkirk, 1982), contribui para que os elementos que formam a sílaba, independentemente da quantidade, sejam dispostos em um nível autônomo na estrutura e possam relacionar-se por dependências. Assim, qualquer categoria, exceto o núcleo, pode ser vazia e os modelos silábicos possíveis de uma língua são definidos a partir do preenchimento ou não do aclave e da coda.

A estrutura interna hierarquizada para a sílaba mostra que o segmento a ocupar o núcleo mantém com a coda uma relação de igualdade e, quanto ao aclave, essa relação se encontra nivelada. Ou seja, na estrutura silábica, de acordo com Selkirk (1982), a ligação entre núcleo e coda é muito mais estreita do que entre núcleo e aclave. Este último só se liga aos demais elementos seguintes por meio da rima, que pode ser simples (constituída apenas do núcleo silábico) ou ramificada (formada por núcleo e coda).

Por conseguinte, compreender os processos gerais de estruturação interna da sílaba é útil para algumas observações acerca da constituição silábica dos vocábulos do *tok pisin*, na tentativa de averiguar se os padrões silábicos dessa língua estão, de fato, mais próximos da língua inglesa.

## 2.2 TEORIA DA RELEXIFICAÇÃO

A teoria da relexificação, segundo Couto (2002: 224) teve origem nos estudos de “Whinnom (1956), Taylor (1956) e Thompson (1961)”. As semelhanças no sistema verbal existentes entre diversos crioulos do Caribe poderiam ser assim explicadas devido a um ancestral comum, que teria mantido o essencial da gramática e teria substituído o léxico original pelo do inglês, pelo do francês e assim por diante (COUTO, 2002: 224). Para Mühlhäusler (1986: 107) o jargão dos escravos do Oeste Africano (Pidgin Português) foi usado na formação de todos os crioulos da Índia Ocidental, assim como os crioulos portugueses do mundo oriental e do Pacífico podem ter sido utilizados como modelo para os dois grandes ramos do pidgin inglês: o da costa da China e o neomelanésio.

Couto (2002: 224), citando Thompson (1961), esclarece que “semelhanças existem até mesmo com crioulos do Oriente, como se vê nos exemplos a seguir, para o aspecto progressivo, embora o macaísta tenha também o aspecto perfectivo (ele já vem ‘ele veio’)”.

Exemplos:

mwê ka mâje ‘eu estou comendo’ (crioulo francês da Dominica)

mi a go ‘eu estou indo’ (crioulo inglês da Jamaica)

sol ta subi ‘o sol está subindo’ (crioulo português de Macau)

Desta forma, as marcas de progressivo perfectivo e irreal (que compreende “potencial”, “futuro” e “contingente”) dos crioulos portugueses de Cabo Verde, das costas da Índia e da Malaca, seguem o mesmo padrão das dos crioulos espanhóis das Antilhas Holandesas (papiamentu) e das Filipinas, das dos crioulos ingleses da Jamaica e do Suriname bem como das dos crioulos franceses do Haiti e da ilha Dominica. Além disso, itens lexicais como a preposição *na*, ocorrem “nos crioulos portugueses, nos espanhóis (inclusive no afro-espanhol de Cuba e de Porto Rico), no sranan, no negerhollands, no haitiano, no crioulo francês de Trinidad e, possivelmente, no jamaicano” (COUTO, 2002: 224).

Mühlhäusler (1986: 107) considera a possibilidade de o pidgin português ter contribuído, em algum momento, para o desenvolvimento do Tok Pisin, mostrando que, pelo menos, as palavras *kalabus* (prisão), *pikinini* (criança) e *save* (saber) provieram do pidgin português.

Inicialmente o termo ‘relexificação’ foi usado para explicar a origem dos crioulos sem a participação das línguas de substrato, no contexto monogenético (teoria da monogênese<sup>17</sup>). A pressuposição era de que crioulos de base lexical espanhola, francesa e outros teriam se originado da relexificação do protocrioulo português. A base gramatical do protocrioulo teria sido mantida, mas o vocabulário de origem portuguesa teria sido substituído pelo da língua dos novos senhores.

Mühlhäusler (1986: 107) não descarta que alguns pidgins e crioulos, com fortes afinidades lexicais com o inglês, tenham sido, de fato, “modelados” por uma língua franca indígena. O autor alega que o Kriol do Norte da Austrália, por exemplo, pode ser uma versão relexificada do pidgin macassarês, o qual foi largamente usado como língua franca intertribal. Além disso, muitos crioulos portugueses da Ásia poderiam ser uma continuação das primeiras línguas árabes usadas no comércio.

Entretanto, não está claro nas discussões em que ponto da formação dos crioulos a relexificação ocorreu. Mühlhäusler (1986: 108) sugere a relexificação pode ocorrer a partir da relexificação parcial ou total de pidgins estáveis e após crioulização. A relexificação não pode ser vista como uma característica específica da crioulização, podendo ocorrer em diferentes estágios da formação de pidgins e crioulos.

Segundo Couto (2002: 226) a versão radical da relexificação monogenética “já não é aceita por praticamente nenhum crioulista”. Couto cita Granda (1977), Perl (1982) e Schwegler (1999) para exemplificar alguns autores que “acham que ela tem certa validade”. Em contrapartida, no que se refere à gênese dos crioulos, a hipótese da relexificação é um dos temas mais discutidos.

Segundo uma das versões da hipótese da relexificação, a formação dos crioulos é um exemplo de aquisição incompleta de segunda língua, na qual falantes do substrato, sistematicamente, cometem falhas ao adquirir as propriedades estruturais da língua alvo – língua lexificadora ou língua de superstrato. O resultado da relexificação é um pidgin (ou pré-crioulo) com gramática do substrato e fonética do superstrato (COUTO, 2002).

Lefebvre e Lumsden (1994) supõem um papel significativo da relexificação na aquisição de segunda língua (L2) em geral. Em certas circunstâncias, os aprendizes de L2 podem adquirir um vocabulário amplo usando apenas relexificação. Lefebvre e Lumsden

---

<sup>17</sup> A teoria da monogênese dos crioulos postula que a maior parte dos pidgins e crioulos poderia ter tido origem num único pidgin de base lexical portuguesa do século XV na África ou, eventualmente, na língua franca, e que esse pidgin se teria relexificado ou fora traduzido, palavra a palavra, para as outras línguas de base lexical européia.

(1994) chamam esse tipo de aquisição de L2 de “*subordinate bilingualism*” (bilinguismo subordinado), pelo qual uma nova língua é aprendida com a ajuda de outra, num método indireto. Em casos extremos de bilinguismo subordinado, os vocabulários da língua materna (L1) e da L2 têm as mesmas propriedades semânticas e sintáticas e se diferenciam apenas nas propriedades fonológicas.

Outra versão da hipótese da relexificação, defendida por Claire Lefebvre, visa mostrar que, em situação de multilinguismo, os formadores das línguas crioulas e pidgins, “pegam o significante (ou parte dele) da língua dominante e o associam a significados e possibilidades combinatórias de suas próprias línguas” (COUTO, 2002: 227).

Muysken (1981: 61) sugeriu a proposta inicial de relexificação. Considerando o conceito de entrada lexical, a relexificação pode ser definida como um processo de substituição de vocabulário no qual se adota, das entradas lexicais do superstrato, apenas as representações fonológicas<sup>18</sup> (tradução minha).

Contudo, o argumento de Muysken (1981: 62) foi formulado com base em dados provenientes da *Media Lengua* – uma língua mista falada no Equador cujo léxico é quase que completamente derivado do espanhol (língua lexificadora), adaptado ao molde do quéchua (língua de substrato). Muysken mostrou que, através do processo de relexificação, as estruturas semânticas e sintáticas foram preservadas e apenas as categorias sintáticas existentes no quéchua foram relexificadas.

Nesse contexto – de línguas mistas – os falantes que relexificam seus léxicos são, normalmente, bilíngues, ou seja, dominam tanto a língua de substrato quanto a de superstrato. Por outro lado, em situações em que línguas crioulas emergem, os falantes da língua de substrato não têm acesso adequado nem às representações fonológicas, nem as outras propriedades das entradas lexicais da língua de superstrato.

Para explicar o papel das línguas de substrato no contexto de formação de crioulos, Lefebvre e Lumsden (1994: 48-50) afirmam que a hipótese da relexificação se refere a “um processo mental que consiste em construir um novo léxico em duas etapas: num primeiro momento, um falante copia uma entrada lexical da sua língua materna; em um segundo, substitui a forma fonológica desta entrada por uma nova forma derivada de uma cadeia fonética da língua-alvo”. Ressalta-se que o léxico pré-existente é o da língua materna (língua de substrato ou L1) e o outro o da língua lexificadora, às vezes chamada de língua-

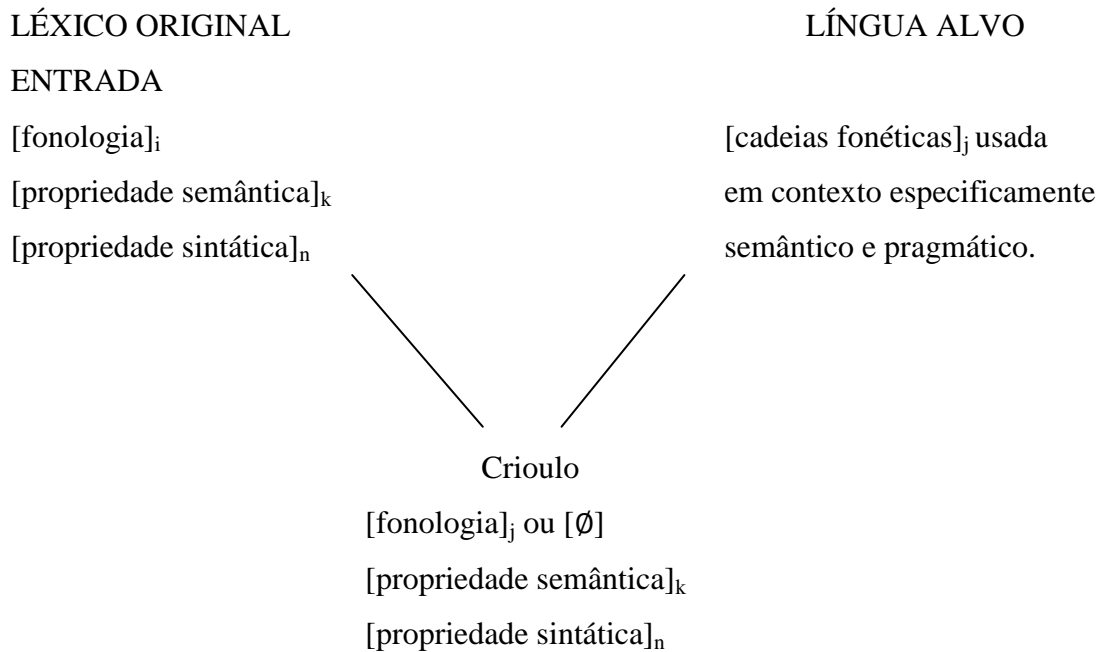
---

<sup>18</sup> “Given the concept of lexical entry, relexification can be defined as the process of vocabulary substitution in which the only information adopted from the target language in the lexical entry is the phonological representation” (trecho original)

alvo ou língua de superstrato (L2). Couto (2002: 228) lembra que, desde a proposta inicial de Muysken (1981), a relexificação é direcionada pela semântica e, para que ela ocorra, é “necessário que as entradas lexicais de L1 e de L2 tenham algo em comum semanticamente”.

Em suma, a hipótese da relexificação prediz que “as entradas lexicais dos crioulos (e dos pidgins) terão as propriedades semânticas e sintáticas do substrato e uma representação fonológica derivada da língua de superstrato, também chamada de língua lexificadora” (COUTO, 2002: 228).

Lefebvre e Lumsden (1994: 49) ilustram a representação formal do processo de relexificação na formação dos crioulos:



Como exemplo do processo de relexificação, Couto (2002: 229) mostra vocábulos haitianos de Lefebvre (1998) que têm forma fonológica tirada do francês (vle < voulez, gwo < gros, sila < cela) e sintaxe e semântica do *fon*. Veja:

M vle gwo sila a (haitiano)

N jló kló elo é (fon)

Eu querer grande este/aquele Det

‘Eu quero aquele grande’

Couto (2002: 229) explica que “primeiro, o verbo não se flexiona como no francês; segundo, separa-se a dêixis (sila, éló) do determinante (a, é); terceiro, os dois últimos

são pospostos ao determinado, não anteposto, como em francês”. Ou seja, a frase haitiana parece realmente uma frase *fon*, relexificada pelo francês.

Outro exemplo é o caso do vocábulo ‘baimbai’ (later ‘mais tarde’) do tok pisin, derivado da expressão ‘*by and by*’ (mais tarde; depois) do inglês (SANKOFF; LABERGE, 1974). Neste caso, as cadeias fonéticas de ‘*by and by*’ do inglês (língua lexificadora) foram interpretadas pelos falantes do tok pisin com base no seu próprio sistema fonético, resultando em uma nova entrada lexical – ‘baimbai’. Isso mostra que, tomando por base a morfologia, a hipótese da relexificação, proposta por Lefebvre e Lumsden (1994), pode estar presente na gênese do tok pisin.

Lefebvre e Lumsden (1994) e colaboradores testam a hipótese da relexificação na gênese do crioulo haitiano, analisando diversas áreas da gramática. O estudo descreve e compara as entradas lexicais do haitiano, do francês e do *fongbe* (língua de substrato escolhida entre as diversas línguas, devido a sua forte presença na história e cultura do povo haitiano). A comparação destas três línguas mostra que as formas fonológicas do léxico haitiano, geralmente, seguem as formas do léxico francês. Em um grande número de casos, contudo, quando as propriedades semânticas e sintáticas do francês são diferentes das do *fongbe*, o léxico haitiano segue os padrões do *fongbe*. De acordo com o estudo, há um forte indício de que a hipótese da relexificação tenha papel central na gênese do haitiano.

Lefebvre e Lumsden (1994) investigaram também os reflexos da relexificação na fonologia e constataram que o inventário de vogais do haitiano é exatamente paralelo ao do *fongbe* (substrato) e diferente do catálogo francês (superstrato). “O mesmo vale para o quadro das consoantes, inclusive os processos fonológicos haitianos são semelhantes aos do *fongbe*” (COUTO, 2002: 230).

Contudo, Couto (op. cit.) alerta para o fato de que, “pelo menos o crioulo português da Guiné-Bissau e o crioulo inglês da Papua Nova Guiné (tok pisin) parecer ter estruturas silábicas mais próximas da língua lexificadora do que das línguas de substrato”. Com isso, teríamos uma situação diametralmente oposta ao que ocorre na relexificação vista até aqui, isto é, “o equivalente ao aspecto gramatical da fonologia (padrões silábicos) se aproxima do superstrato enquanto que o equivalente ao aspecto “lexical” (inventário de fonemas) se aproxima do substrato”. No que tange aos suprasegmentais (entoação, acento, tom etc), o crioulo tende a seguir as línguas de substrato.

Lefebvre (1998: 10) salienta que a relexificação pode explicar por que as línguas se cristalizam da forma como acontece. A hipótese da relexificação esclarece por que os



léxicos dos crioulos refletem tanto as propriedades das línguas de superstrato quanto das línguas de substrato.

Considerando a proposta de Lefebvre e Lumsden (1994), a relexificação é o principal processo na formação das línguas crioulas, mas não é o único. Outros processos como reanálise e nivelamento dialetal entram em ação. Ou seja, a relexificação decorre do grau de acesso à língua alvo, nos casos em que o acesso é limitado, ocorrendo como processo principal, acompanhada pelos processos de reanálise e nivelamento dialetal.

A reanálise é um “processo mental que estende ou transfere a representação fonológica de uma categoria lexical (substantivo, verbo, adjetivo e preposição) para uma categoria funcional (determinante, marcador de caso, de tempo ou de aspecto e complementizador) em uma mesma língua” (COUTO, 2002: 233).

Segundo Lefebvre (2001: 13), a reanálise pode ser observada em situações de mudança linguística regular, como, por exemplo, a preposição *of* do inglês que pode ser *reanalizada* como um marcador de caso. Lefebvre e Lumsden (1994: 13) propuseram que a reanálise é processo natural no desenvolvimento do crioulo. No estágio inicial de sua formação, esse processo é aplicado nas entradas lexicais que são criadas através da relexificação, com o objetivo de fornecer ao falante das várias línguas de substrato um vocabulário comum a todas as categorias lexicais.

Lefebvre (1998: 69) argumenta a possibilidade de os falantes das línguas de substrato falhar ao identificar a categoria funcional dos vocábulos do superstrato em razão do acesso limitado à língua lexificadora. Tais falantes, então, tentam relexificar os vocábulos funcionais da sua língua nativa, com base na categoria lexical daqueles encontrados na língua de superstrato. Assim, os léxicos da categoria funcional são relexificados com base na categoria lexical da língua de superstrato com a qual os falantes dividem certas propriedades semânticas.

Já o nivelamento dialetal é um processo social que consiste numa “negociação entre os falantes de diversas línguas de substrato sobre qual forma adotar. Este processo visa a reduzir a variação entre os léxicos produzidos pela relexificação de diferentes léxicos substratais. Os traços comuns a um grande número de línguas de substrato serão preferidos” (COUTO, 2002: 233)

As situações em que crioulos são formados envolvem muitas línguas de substrato. Lefebvre (2001: 12) explica que, embora a relexificação, a partir de um superstrato simples, favoreça o início de um crioulo com vocabulário em comum, os léxicos relexificados a partir

de diferentes línguas de substrato não serão homogêneos no início de formação do crioulo; conseqüentemente, as diferenças terão de ser niveladas pelo processo de nivelamento dialetal.

O processo de nivelamento dialetal é ilustrado por Lefebvre (2001: 30) com dados do haitiano. A autora mostra propriedades do marcador de plural *yo* do haitiano similares às propriedades do marcador de plural *le* do *fongbe* e, entre as semelhanças, estão o fato de ambos ocorrerem em posição pós-nominativa e, em frases nominativas, o marcador de plural, tanto do haitiano quanto do *fongbe*, ocorrer como determinante.

Lefebvre (2001: 34) enfatiza o papel do nivelamento dialetal no haitiano como fundamental no gênese deste e de outros crioulos, considerando que as propriedades de algumas entradas lexicais específicas do haitiano possam ter sido herdadas de entradas lexicais de um substrato em particular e niveladas conforme acordo entre as línguas envolvidas na formação do crioulo.

Em suma, ponderando o processo de relexificação na gênese dos crioulos, a reanálise e o nivelamento dialetal contribuem para que as diferenças entre as línguas em contato possam ser minimizadas, a fim de que haja melhor comunicação entre os falantes

### 3 METODOLOGIA

Os dados utilizados neste estudo são vocábulos socio-linguisticamente distintos. A maior parte deles é da minha pesquisa de mestrado apresentada em 2005, copilados a partir de dois livros: 1º) *Material in New Guinea Pidgin* (1970), de Don Laycock, no qual encontramos dados do início de formação do tok pisin – na fase de pidgin e pidgin estendido, e 2º) *A programmed course in New Guinea Pidgin* (1969), de Robert Litteral, cujo conteúdo é voltado ao ensino da língua tok pisin a estrangeiros.

O livro de Litteral foi pedagogicamente produzido para ensino do tok pisin – chamado de *New Guinea Pidgin* ou ‘Pidgin da Nova Guiné’. A primeira edição foi publicada em 1969, acompanhada de sucessivas reimpressões: 1971, 1974, 1977, 1979, 1983 e 1986. É composto por vocábulos, sentenças e narrativas, escolhidos a partir de textos diversos, totalizando cerca de 20.000 palavras.

Foram utilizados dados coletados a partir da descrição de vocábulos do tok pisin basilectal, gravados em duas fitas K-7, enviadas por David Faraclass<sup>19</sup>. Tais dados são de falantes nativos da língua tok pisin em situação de uso formal da língua; em uma linguagem lida e sem espontaneidade. Faraclass relatou, na época do envio das fitas, que os informantes receberam frases prontas em tok pisin para leitura oral destas.

Também foram utilizados vocábulos encontrados em duas histórias da bíblia: *Vitória em Deus* e *Grandes homens de Deus*, gravadas em áudio e transcritas em duas versões: tok pisin e inglês, disponíveis em: <<http://globalrecordings.net/>>. Mesmo se tratando de uma tradução, a escolha por estes dados se deve ao fato de conterem menos influência da língua lexificadora e de estarem mais próximas da variedade basilectal.

Além desses, outros materiais que fazem referência à língua TP e à sua gramática foram amplamente utilizados. Entre eles, um dicionário básico, o *Pidgin/English Dictionary*, disponível em <[www.june29.com](http://www.june29.com)>, com aproximadamente 2.100 palavras em inglês traduzidas para o TP e uma gramática resumida do TP organizada por Jeff Siegel (2003), encontrada em <[www.une.edu.au](http://www.une.edu.au)>.

Estes dados refletem o tok pisin basilectal ou *padronizado*. É a forma que tem sido utilizada nos estudos de Romaine (1992), Mühlhäusler (1986), Wurm (1977, 1978 e 1980) e outros. O tok pisin basilectal é entendido por praticamente todos os falantes de tok pisin e

---

<sup>19</sup> Pesquisador das línguas pidgins e crioulas de base inglesa na Papua Nova Guiné.

contribui aqui com vocábulos que podem nos indicar o real grau de ‘complexidade’ dos padrões silábicos deste crioulo. Além disso, a forma basilectal tende a ser conservadora e mais fixa, e para este estudo precisaríamos de uma ‘amostra’ de língua que não fosse tão flutuante, já que as línguas crioulas em geral são muito dinâmicas devido a situação de contato na qual são formadas.

Com o objetivo de completar a visão do leitor sobre a realidade do principal crioulo da Papua Nova Guiné, decidimos por incorporar vocábulos do tok pisin acroletal, a partir de dados que pudessem mostrar eventos atuais em geral. Lembrando que o tok pisin utilizado nos centros urbanos (acroletal) tende a ser muito fluido, e tão próximo a língua lexificadora que chega a ser praticamente idêntico. Foram utilizados dados da pesquisa de Smith (2002), coletados em 1990, 1991 e 1992, com informantes jovens com idade entre 10 e 16 anos, que falam tok pisin como primeira língua.

Outros dados fundamentais neste estudo foram coletados de textos da Radio Australia. Estes textos possibilitam mostrar um tok pisin *padronizado* para uma comunicação em massa, ou seja, uma língua que possa atingir pessoas de todas as classes sociais, e ainda uma forma de língua teoricamente tida como ‘correta’, pois se trata de um jornal amplamente divulgado na PNG.

Os recursos metodológicos para a pesquisa bibliográfica resumem-se ao fichamento de dados encontrados em obras catalogadas na Biblioteca da Universidade de Brasília e em obras indicadas ou cedidas pelo orientador, tais como Couto (1994, 1996, 1997, 2001 e 2002), Mühlhäusler (1981, 1983 e 1986), Romaine (1988, 1992), Hall (1966), Holm (1989), Hymes (1971), Sankoff (1979), Laycock (1970), Litteral (1969), DeCamp e Hancock (1974) e Wurm (1977, 1978, 1980).

Os dados foram analisados de forma a confrontar a hipótese de que, pelo menos no crioulo tok pisin da Papua Nova Guiné, os padrões silábicos tendem a se aproximar da língua lexificadora (inglês), enquanto que consoantes e vogais aproximam-se das línguas de substrato, representadas neste estudo pelas línguas motu, enga e tolai – considerada, por pesquisadores como Laycock (1970), Mühlhäusler (1986) e Smith (2002), importante fonte de influência no contato com o tok pisin.

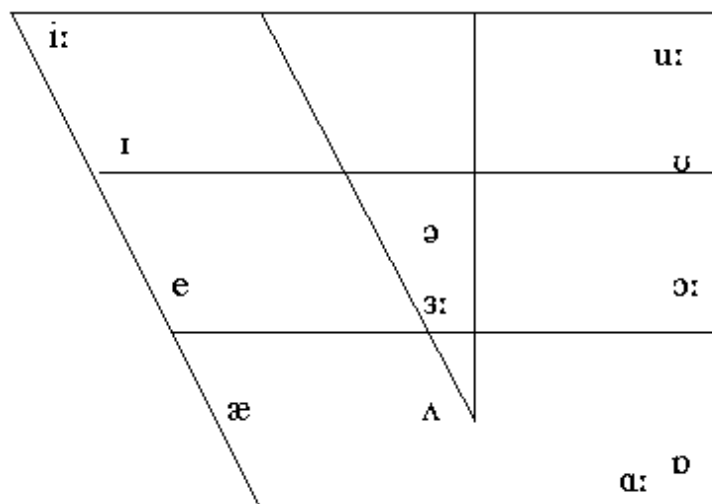
## 4 A FONOLOGIA DO INGLÊS E DO TOK PISIN

Tendo em vista o objetivo da tese de realizar estudo da gramática fonológica do tok pisin, especialmente da sílaba, pretende-se, neste capítulo, delinear os fonemas (consonantais e vocálicos) e a sílaba deste crioulo, a fim de contrapor com a do inglês.

### 4.1 VOGAIS E CONSOANTES DO INGLÊS

Neste tópico trataremos as vogais e consoantes do inglês com base na perspectiva fonológica, em que os fonemas são observados de acordo com suas combinações e relações que dão sentido aos vocábulos, prevelecendo assim, a função comunicativa inteligível da língua. Para a escolha dos quadros que pudessem representar os fonemas vocálicos e consonantais do inglês não foi levado em conta as características físicas e fisiológicas, bem como as suas variedades de fala.

As vogais do inglês, de maneira geral, se apresentam fonologicamente como no quadro 2:



Quadro 2: Fonemas vocálicos do inglês  
Fonte: McMAHON (2002: 79-80)

Conforme o quadro 2, as vogais do inglês são 12, divididas em anterior, central e posterior, que por sua vez estão separadas por: alta, média e baixa. As vogais anteriores são:

altas: /i:/ como em /kri:m/ ‘cream’ (creme) e /ɪ/ como em /bɪt/ ‘bit’ (pequena porção); média: /e/ como em /bet/ ‘bet’ (aposta) e baixa: /æ/ como em /kæt/ ‘cat’ (gato).

As vogais centrais são três: /ə/ como em /ðə/ ‘the’ (o, a); /ɜ:/ como em /bɜ:n/ ‘burn’ (queimar) e /ʌ/ como em /kʌt/ ‘cut’ (cortar).

As vogais são divididas em altas: /u:/ como em /glu:/ ‘glue’ (cola) e /ʊ/ como em /pʊt/ ‘put’ (colocar); média: /ɔ:/ como em /kɔ:n/ ‘corn’ (milho) e baixas: /ɒ/ como em /dɒg/ ‘dog’ (cachorro) e /ɑ:/ como em /hɑ:d/ ‘hard’ (difícil).

Os fonemas consonantais do inglês estão representados no quadro 3.

Oclusiva	p		t		k
	b		d		g
Nasal	m		n		ŋ
Fricativa		f	θ	s	ʃ
		v	ð	z	ʒ
Africada					tʃ
					dʒ
Aproxim	w			r	ɹ
Lateral			l		

Quadro 3: Fonemas consonantais do inglês  
Fonte: McMAHON (2002: 53)

No que se refere ao lugar de articulação, nota-se que, no inglês, as consoantes são produzidas em oito lugares de articulação: glotal (articulação pela glotis) representa pelo fonema /h/; velar representada pelos fonemas /k/, /g/ e /ŋ/; palatal representada pelo j, palato-alveolar, pelos fonemas /ʃ/, /ʒ/, /tʃ/, /dʒ/ e /r/; alveolar, fonemas /t/, /d/, /n/, /s/ e /z/; dental representada pelos fonemas /θ/; /ð/ e /l/; labio-dental pelos fonemas /f/ e /v/ e bilabial fonemas /p/, /b/, /m/ e /w/, conforme demonstra o quadro 3.

Vê-se no quadro 3 que, quanto ao modo de articulação, as oclusivas em inglês caracterizam-se como consoantes surdas: /p/, /t/ e /k/ e sonoras: /b/, /d/ e /g/. Além destas, as nasais /m/, /n/ and /ŋ/ também são oclusivas sonoras, embora sejam normalmente caracterizadas apenas como nasais. As fricativas /f/ e /s/ são consoantes surdas, enquanto que

/v/ e /z/ são sonoras. Além destas, as fricativas surdas: /θ/ e /ʃ/ e sonoras /ð/ e /ʒ/ têm grande relevância nesta língua.

As africadas em inglês são duas, distribuídas em consoante surda /tʃ/ e sonora /dʒ/. As aproximantes são representadas pelos fonemas: /j/, /w/ e /r/ e a lateral pelo fonema /l/. Tanto as aproximantes quanto a lateral são consoantes sonoras.

No quadro 4 estão alguns exemplos.

<i>Fonema</i>	<i>Início</i>	<i>Meio</i>	<i>Final</i>
p	/pɒt/ 'pot' (pote)	/ɪkspeɪl/ 'expel' (demitir)	/greɪp/ 'grape' (uva)
b	/bæd/ 'bad' (mau)	/rɪbel/ 'rebel' (rebelar).	/eb/ 'ebb' (decadência).
t	/teɪbəl/ 'table' (mesa)	/sænətəri/ 'sanitary' (sanitário)	/geɪt/ 'gate' (portão)
d	/dɒg/ 'dog' (cachorro)	/reɪdɪəʊ/ 'radio' (rádio)	/kɪd/ 'kid' (criança)
k	/kæt/ 'cat' (gato)	/'teknɪkəl/ 'technical' (técnico)	/kɪk/ 'kick' (chute)
g	/gri:t/ 'greet' (saudar)	/ɪnɡeɪdʒ/ 'engage' (comprometer)	/ɪntri:g/ 'intrigue' (intriga)
f	/fɪʃ/ 'fish' (peixe)	/seɪf/ 'safe' (cofre)	/dʒərə:f/ 'giraffe' (girafa)
v	/væn/ 'van' (furgão)	/hevi/ 'heavy' (pesado)	/ɡreɪv/ 'grave' (túmulo)
θ	/θɪk/ 'thick' (grosso)	/bæθ/ 'bath' (banho)	/deθli/ 'deathly' (mortal)
ð	/ðæn/ 'than' (então)	/fa:ðə/ 'father' (papai)	/smu:ð/ 'smooth' (polir)
s	/seɪ/ 'say' (dizer).	/peski/ 'pesky' (irritante)	/fʌs/ 'fuss' (barulho).
z	/zæp/ 'zap' (despachar)	/dæzəl/ 'dazzle' (deslumbre)	/ɡʊdz/ 'goods' (produtos)
ʃ	/ʃɪp/ 'ship' (navio)	/menʃən/ 'mention' (mencionar)	/kræʃ/ 'crash' (bater)
ʒ	-----	/li:ʒər/ 'leisure' (lazer)	/fju:ʒən/ 'fusion' (fusão)
h	/houz/ 'house' (casa)	/ɪnherət/ 'inherit' (herdar)	-----
tʃ	/tʃɪp/ 'chip'	/kʌltʃə/ 'culture' (cultura)	/sketʃ/ 'sketch' (esboço)
dʒ	/dʒet/ 'jet' (jato)	/dɪdʒekt/ 'deject' (desanimar)	/dʒʌdʒ/ 'judge' (juiz)

m	/mæn/ 'man' (homen)	/mæməθ/ 'mammoth' (mamute)	/ræm/ 'ram' (carneiro)
n	/ni:t/ 'neat' (limpo)	/glɪnt/ 'glint' (brilho)	/pæn/ 'pan' (panela)
ŋ	/sɪŋ/ 'sing' (cantar)	/leŋθ/ 'length' (extensão)	/sɪŋ/ 'sing' (cantar)
l	/laɪər/ 'liar' (mentira)	/feləʊ/ 'fellow' (sócio)	/rɪsɪtəl/ 'recital' (recital)
r	/ru:d/ 'rude' (rude)	/kəɾʌpt/ 'corrupt' (desonesto)	/rɒstər/ 'roster' (lista)
w	/weɪt/ 'wait' (esperar)	/lɪkwɪd/ 'liquid' (líquido)	-----
j	/jes/ 'yes' (sim)	/menju:/ 'menu' (cardápio)	-----

Quadro 4: Distribuição dos fonemas consonantais do inglês.

#### 4.2 VOGAIS E CONSOANTES DO TOK PISIN

O tok pisin apresenta sistema vocálico caracterizado principalmente pela ausência de vogais longas, como se vê em (28) e (29), de nasalidade, como em (30) e (31) e de alguns sons específicos do inglês como [æ], [ə], [ɒ] e [ʌ] representados em (32), (33), (34) e (35).

(28) [kɑ:gəʊ] > [kago] (cargo)

(29) [sli:p] > [slip] (dormir)

(30) [bæŋk] > [beŋ] (banco)

(31) [bɪn] > [bin] (grão)

(32) [hænd] > [han] (mão)

(33) [həʊp] > [hop] (esperar)

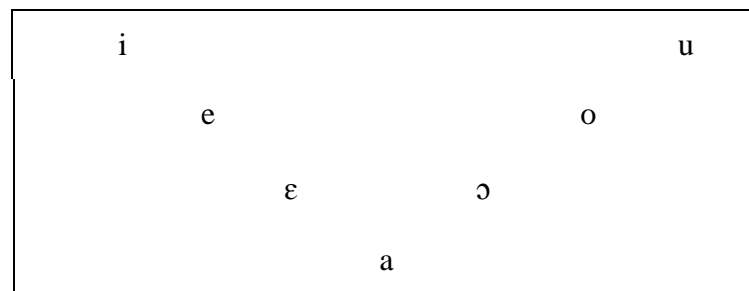
(34) [kɒst] > [kostim] custar

(35) [lʌk] > [laki] (sorte)



O desaparecimento e a substituição de alguns sons vocálicos e consonantais do inglês na formação do tok pisin são considerados marcas de “simplificação” e característica dos crioulos que, em meio a um processo de formação dinâmico, pelo contato, tendem a não apresentar muitos fonemas, a ir em direção ao não marcado. Segundo o conceito de marcado e não marcado, as estruturas não marcadas são, geralmente, as mais fáceis de produzir. Segmentos que exigem articulações mais complexas tendem a ser mais marcados (LASS, 1984: 132).

Segundo Mühlhäusler (1986: 178), o sistema vocálico do tok pisin, no início, era composto por apenas cinco vogais ([a], [e], [i], [o], [u]). Com o passar do tempo detectou-se mais duas ([ɛ] e [ɔ]), compondo o quadro 5, que também poderia ser considerado, com base nos dados que utilizei, o quadro fonológico do TP de hoje.



Quadro 5: Fonemas vocálicos do tok pisin  
Fonte: RIBEIRO (2005)

Observe uma grande diferença entre as vogais do TP, no quadro 5, e do inglês, no quadro 3, a começar pelo número de fonemas, que no TP são sete e no inglês são doze. E também algumas substituições, como o fonema [ʌ] do inglês que é substituído por [a] no TP, como pôde ser visto em (32). É importante ressaltar que embora os fonemas [æ] e [ɒ] não apareçam no quadro vocálico do TP apresentado aqui, foram encontrados nos dados de Hymes (1971: 217-18) nas palavras [mæn] ‘man’ (homem) e [sænəp] ‘stand up’ (levantar).

Os pares mínimos em (36), (37) e (38) encontrados nos dados que utilizei demonstram a autenticidade dos fonemas vocálicos que compõem o quadro 5, pelo fato de pelo menos um dos pares atribuir significado próprio. Em (39) a análise ocorreu pelos pares análogos, isto é, foi considerado apenas o ambiente idêntico às palavras em questão. Em (39 a) não se levou em conta a terminação /k/ e /s/ de /klək/ e /klos/ da mesma forma que em (39 b) não se levou em conta a terminação /t/ e /l/ de /kɔt/ e /kol/, respectivamente, na análise fonêmica.

(36) /e/ : /i/ {  
 /spit/ ‘speed’ (velocidade)  
 /spet/ ‘spit’ (saliva)

(37) /u/ : /o/ {  
 /sup/ ‘soup’ (sopa)  
 /sop/ ‘soap’ (sabão)

(38) /e/ : /ɛ/ {  
 /wet/ ‘to wait’ (esperar)  
 /wet/ ‘wet’ (molhado)

(39) /o/ : /ɔ/ {  
 a.) /klɔk/ ‘clock’ (relógio)  
 /klos/ ‘clothes’ (roupas)  
 b.) /kɔt/ ‘court’ (côrte)  
 /kol/ ‘cold’ (frio)

Vale ressaltar que [ɛ, ɔ] não são alofones de [e, o], respectivamente, pois através dos pares mínimos em (38) e dos contrastes em ambientes análogos em (39), pode-se comprovar que [ɛ, ɔ] são fonemas distintos e não alofones. Ou seja, com base nos dados que utilizei, esses fonemas estão incorporados à língua tok pisin.

Apesar de o sistema vocálico do TP apresentar sete vogais, nem todas são produtivas. As mais produtivas são [a, e, i, o, u], representadas no quadro 6.

<i>Fonemas</i>	<i>Tok Pisin</i>	<i>Tradução</i>
a	/abababa/ /ai/ /awa/ /fran/ /namba/ /komputa/	‘bubble gum’ (goma de mascar) ‘eve’ (véspera) ‘hour’ (hora) ‘front’ (frente) ‘number’ (número) ‘computer’ (computador)

	/fopela/	‘four’ (quatro)
e	/beten/ /em/ /etpela/ /pret/ /stret/ /belo/ /sekreteri/	‘worship (God)’ (veneração a Deus) ‘he, she’ (ele, ela) ‘eight’ (oito) ‘afraid’ (com medo) ‘correct’ (correto) ‘bell’ (sino) ‘secretary’ (secretária)
i	/isi/ /ininim/ /bris/ /digim/ /pik/ /tingting/ /slip/	‘easy’ ‘iron something’ ‘wharf’ ‘dig’ ‘pig’ (porco) ‘thinking > opinion’ (opinião) ‘sleep’ (dormir)
o	/lo/ /rokrok/ /botol/ /popo/ /poto/ /kopi/ /hos/	‘law’ (lei) ‘frog’ (sapo) ‘bottle’ (garrafa) ‘papaya’ (mamão) ‘photo’ (foto) ‘coffee’ (café) ‘horse’ (cavalo)
u	/tu/ /nus/ /susu/ /tuptup/ /klostu/ /tultul/	‘also’ (também) ‘nose’ (nariz) ‘milk’ (leite) ‘cover’ (cobrir) ‘almost’ (quase) ‘consul’ (cônsul)

Quadro 6: Distribuição dos fonemas vocálicos do tok pisin  
Fonte: RIBEIRO (2005)

As vogais [ɛ, ɔ] são pouco produtivas, encontradas em algumas palavras. No quadro 7 estão algumas destas palavras.

<i>Fonemas</i>	<i>Tok Pisin</i>	<i>Tradução</i>
ε	/bɛk/	‘back’ (atrás)
	/kɛk/	‘cake’ (bolo; torta)
	/wɛt/	‘wet’ (molhado)
	/austɾɛlja/	‘Australia’ (Austrália)
ɔ	/dɔkta/	‘doctor’ (médico)
	/klɔk/	‘clock’ (relógio)
	/kɔt/	‘court’ (côrte)
	/kɔk/	‘cock’ (penis)
	/epɔt/	‘airport’ (aeroporto)

Quadro 7: Distribuição dos fonemas vocálicos do tok pisin.

Fonte: RIBEIRO (2005)

O sistema consonantal do tok pisin, na época de seu surgimento, apresenta-se de forma bastante instável. Assim, quando comparamos os primeiros estágios do tok pisin com as suas variedades mais padronizadas, percebemos um grande número de contrastes, incluindo a distinção entre os fonemas: s/ʃ/f, p/f e l/r. Neste sentido, Romaine (1992: 179) não considerou as consoantes /f/ e /v/ como fonemas do tok pisin; porém, na sua versão padronizada (Smith, 2002; Ribeiro, 2005), é possível encontrar vocábulos, tais como /fotin/ ‘fourteen’ (quatorze) e /fraide/ ‘Friday’ (sexta-feira), e por isso estas consoantes estão incorporados à língua como fonemas distintos. Da mesma forma, Romaine (1992) representou as consoantes l/r como variação livre. O inventário consonantal do tok pisin proposto por Romaine (1992) é o que se vê no quadro 8.

	p	t	k
Oclusiva	b	d	g
Nasal	m	n	ŋ
Fricativa		s	h
Aproximante	w	l	y
Flap		l/r	

Quadro 8: Fonemas consoantais do tok pisin.

Fonte: ROMAINE (1992: 179)

Para Mùhlhàusler (1986: 179), /f/ e /v/; /l/ e /r/ são fonemas distintos e a nasal [ŋ] e as palatais [tʃ] e [ʃ] são alofones, pois variam conforme o falante. Veja quadro 9.

Oclusiva	p	t	k
	b	d	g
Nasal	m	n	(ŋ)
Fricativa		f	
		v	
Sibilante		s	(ʃ)
Africada			(tʃ)
Vibrante		r	
Lateral		l	
Aspirada			h

Quadro 9: Fonemas consonantais do tok pisin  
Fonte: MÜHLHÄUSLER (1986: 179)

Com a estabilização do tok pisin, algumas regras fonológicas começaram a emergir, sendo a primeira delas a regra de redução da vogal em sílabas não acentuadas. Assim, o marcador de futuro, que no início era [baimbai], reduz a [babai > bai > ba] (MÜHLHÄUSLER, 1986: 180). Smith (2002: 55) apresenta o vocábulo [kisim] que se reduz a [ksim] ‘get’ (obter) e, nos dados desta pesquisa encontrei [kauntim] para [kaunim] ‘catch’ (pegar).

A segunda regra refere-se às oclusivas sonoras. Variedades mais antigas do tok pisin refletem a pronúncia dos sons [b], [d] e [g] das línguas melanésias, com acentuada nasalização, fazendo sons do tipo [mb], [nd] e [ngg], respectivamente, representados em (40), (41) e (42).

(40) [nãmba] = [namba] ‘number’ (número)

(41) [pũndaun] = [pundaum] ‘come down’ (cair)

(42) [pĩngga] > [pinga] ‘finger’ (dedo)

Em seguida, com o declínio da forma nasalizada, surge a regra do ensurdecimento de oclusiva: /b/, /d/ e /g/ do inglês que resulta em /p/, /t/ e /k/, respectivamente, no TP. Ressalta-se aqui que a oposição entre /p/-/b/, /t/-/d/, /k/-/g/ é neutralizada em inglês depois de /s/, apenas surgindo [p], [t] e [k] nesta posição.

Mühlhäusler (1986: 180) menciona ainda a regra da inserção de vogal epentética para desfazer encontros consonantais. Esta regra tem influência das línguas de substrato, visto que as vogais epentéticas são comuns em muitas línguas da Melanésia.

Embora a inserção de vogal epentética seja uma regra no TP estabilizado, a sequência de duas ou três consoantes, em especial no aclave, ocorre regularmente e com alto padrão de aceitabilidade entre os falantes desta língua. Este fato contribui para mostrar que o TP tem tendência a tornar os seus padrões silábicos mais próximos dos padrões do inglês (esse assunto será discutido no capítulo 6).

Por fim, a regra de ensurdecimento da consoante final e a inclusão do fonema /dʒ/ (/dʒisas/ ‘Jesus’ (Jesus), como resultado de empréstimo naturalizado, são as principais estabilizações fonológicas ocorridas no TP basiletal.

Sobre o fonema /dʒ/, Laycock (1970) considera que este fonema não ocorre no TP, defendendo a ocorrência apenas de /s/, como em /Siapan/ ‘Japan’ (Japão). Para Litteral (1969), o fonema /dʒ/ ocorre em: /dʒisas/ ‘Jesus’ (Jesus) e /dʒas/ ‘judge’ (julgar), mas afirma que esse fonema é raro, encontrado apenas no início de palavras. Nos vocábulos do *Pidgin/English Dictionary* (Dicionário Pidgin/Inglês) de Barhorst e Barhorst encontrei, além das já mencionadas, outros vocábulos: /dʒulai/ ‘July’ (julho), /dʒek/ ‘Jack’ (Jack), /dʒem/ ‘jam’ (espremer) e /dʒanweri/ ‘January’ (janeiro), o que confirma este como fonema distinto.

Mühlhäusler (1986: 238) confirma que a pronúncia inglesa /dʒ/ está se tornando cada vez mais comum no tok pisin, em palavras do tipo /dʒoinim/ ‘to join’ (juntar), /dʒeles/ ‘jealous’ (invejososo) e /dʒem/ ‘germ’ (germe). Nos dados dos textos das *Histórias da Bíblia* encontrei /dʒekop/ ‘Jacob’ (Jacó) e /dʒosua/ ‘Joshua’ (Josué).

Desta forma, o /dʒ/ será considerado fonema distinto e não alofone do /d/, de posse da análise constrativa em ambiente análogo e do par mínimo /dʒem/ e /sem/ mostrados em (43).

$$(43) /dʒ/ : /s/ \left\{ \begin{array}{l} /dʒoinim/ \text{ 'to join' (juntar)} \\ /soim/ \text{ 'to show' (mostrar)} \\ /dʒem/ \text{ 'germ' (germe)} \\ /sem/ \text{ 'shame' (vergonha)} \end{array} \right.$$

A velar nasal /ŋ/ e a alveolar nasal /n/ também se opõem em pares análogos, como se vê em (44) e por isso também serão considerados fonemas do tok pisin.

$$(44) /ŋ/ : /n/ \left\{ \begin{array}{l} /atiŋ/ \text{ 'probably' (provavelmente)} \\ /sumatin/ \text{ 'schoolchild' (aluno)} \end{array} \right.$$

Assim, a partir da análise fonológica, foi possível estabelecer para o TP os seguintes fonemas consonantais, apresentados no quadro 10.

		<i>Bilabial</i>	<i>Labio-Dental</i>	<i>Alveolar</i>	<i>Alveol. palatal</i>	<i>Palatal</i>	<i>Velar</i>	<i>Glotal</i>
Oclusiva	Surda	p		t			k	
	Sonora	b		d			g	
Nasal		m		n			ŋ	
Fricativa	Surda		f	s				h
	Sonora		v					
Africada					dʒ			
Vibrante				r				
Aproxim		w				j		
Lateral				l				

Quadro 10: Fonemas consonantais do tok pisin

Fonte: RIBEIRO (2005)

A distribuição dos fonemas consonantais do tok pisin está representada no quadro 11.

<i>Fonemas</i>	<i>Início</i>	<i>Meio</i>	<i>Fim</i>
p	/pait/ 'fight' (brigar)	/hapim/ 'halve' (cortar ao meio)	/galip/ 'nut' (noz)
b	/bagarap/ 'buggered up' (esgotado)	/febrweri/ 'February' (fevereiro)	-----
t	/talatala/ 'preacher' (pregador de semão)	/beten/ 'worship (God)' (veneração a Deus)	/gat/ 'hat' (chapéu)
d	/dja/ 'dear' (querido)	/gaden/ 'garden' (jardim)	-----
k	/kari/ 'curry' (curri)	/bikples/ 'big + place > main village' (vila principal)	/hambak/ 'annoy' (importunar)
g	/galen/ 'gallon' (galão)	/dringim/ 'drink something' (beber algo)	/binatang/ 'insect' (inseto)
f	/fopela/ 'four' (quatro)	/strafim/ 'punish' (punir)	-----
v	/veranda/ 'veranda' (varanda)	/liva/ 'intestines' (intestinos)	/faiv/ 'five' (cinco)
s	/sem/ 'chain' (corrente)	/asde/ 'yesterday' (ontem)	/bris/ 'wharf' (molhe)
h	/hos/ 'horse' (cavalo)	/bihaim/ 'next, after' (próximo, depois)	-----
dʒ	/dʒas/ 'judge' (julgar)	-----	-----
m	/mowa/ 'lawn mower' (cortador de grama)	/hamamas/ 'happy' (feliz)	/haltim/ 'hide' (esconder)
n	/namel/ 'name' (nome)	/hangre/ 'hungry' (faminto)	/bun/ 'bone' (osso)
ŋ	-----	/moniŋtaim/ 'morning' (manhã)	/driŋ/ 'drink (n)' (beber)
r	/rum/ 'room' (quarto)	/biro/ 'bait' (isca)	/sayor/ 'greens' (verdes)
l	/lipt/ 'lift' (elevador)	/belo/ 'bell' (sino)	/bil/ 'bill' (conta)
w	/wan/ 'a, an' (um(a))	/lewa/ 'liver' (morador)	/matakiaw/ 'blind in one eye' (tampar um olho)
j	/jambo/ 'guava' (guava)	/loja/ 'lawer' (advogado)	-----

Quadro 11 – Distribuição de fonemas consonantais do tok pisin

Fonte: RIBEIRO (2005)

Quando, no estudo das consoantes, comparamos o quadro fonológico do tok pisin (quadro 10) com o do inglês, representado no quadro 3, percebemos que as distinções vão em direção ao não marcado. Ou seja, os fonemas específicos do inglês, como /θ/ e /ð/, são



substituídos por /t/ e /d/, respectivamente, na tentativa de simplificação fonética. Não só isso, mas também o número de fonemas consonantais do tok pisin é menor do que o do inglês, que mostra um quadro com vinte e quatro fonemas, enquanto que o tok pisin apresenta-se com apenas dezessete.

Levando em conta o exposto, seguem as principais diferenças entre as consoantes do inglês e do tok pisin:

1. As consoantes palatoalveolares fricativas [ʃ] e [ʒ] do inglês são substituídas, no tok pisin, pela alveolar fricativa surda [s];
2. A alveolar fricativa sonora [z] do inglês é substituída, no tok pisin, pela alveolar fricativa surda [s].
3. A palato-alveolar africada [tʃ] do inglês é substituída, no tok pisin, pela alveolar fricativa surda [s].
4. As dentais fricativas [θ] e [ð] do inglês são substituídas, no tok pisin, pelas alveolares oclusivas [t] e [d] respectivamente.

Contudo, veremos no capítulo 7 que a situação do tok pisin acroletal, falado atualmente na Papua Nova Guiné, é bem diferente. Smith (2002) apresenta dados que comprovam certa variação fonológica, em razão da constante influência do inglês na língua tok pisin, contribuindo para o aparecimento de fonemas, até então específicos da língua inglesa. Ou seja, os fonemas /ʃ/, /θ/ e /tʃ/ do inglês, que antes eram evitados pelos falantes do tok pisin, agora são introduzidas em diversos vocábulos, em substituição, especialmente, ao fonema /s/. O /z/, que não é comum no tok pisin, pode ser encontrado em vocábulos como: /lized/ ‘to fly’ (voar) e /othoraizim/ ‘to authorize’ (autorizar). Da mesma forma, o fonema /ð/, embora ainda não estabilizado, foi introduzido por influência fonológica do inglês, como em /klouðz/ ‘clothes’ (roupas), por exemplo.

#### 4.3 PADRÕES SILÁBICOS DO INGLÊS E DO TOK PISIN

O padrão silábico mais comum nas línguas do mundo é o CV, também conhecido como sílaba ótima ou universal. A partir deste padrão são empregadas regras de construção

silábica, seguindo dois parâmetros principais: apagamento da consoante inicial (CV e V) e inserção de consoante final (CV e CVC). Há línguas, porém que aplicam os dois parâmetros simultaneamente, formando sílabas do tipo CV, V, CVC e VC, como é o caso do inglês e do tok pisin.

Por outro lado, as línguas que aplicam os dois parâmetros principais podem adicionar outros parâmetros formando sílabas mais complexas, como: CCV, CCVC, CCVCC, CCCVC. Ou ainda podem inserir vogal alta no núcleo, formando ditongos com os padrões silábicos CVV, CVVC e VV. O inglês, por exemplo, utiliza, além destes parâmetros, a inserção da consoante sibilante fricativa surda inicial /s/ em sílabas com alguma consoante inicial, ou seja, que já apresenta a sílaba complexa, formando /str/, /spr/, /skr/ e /spl/, como em (45), (46), (47) e (48), respectivamente.

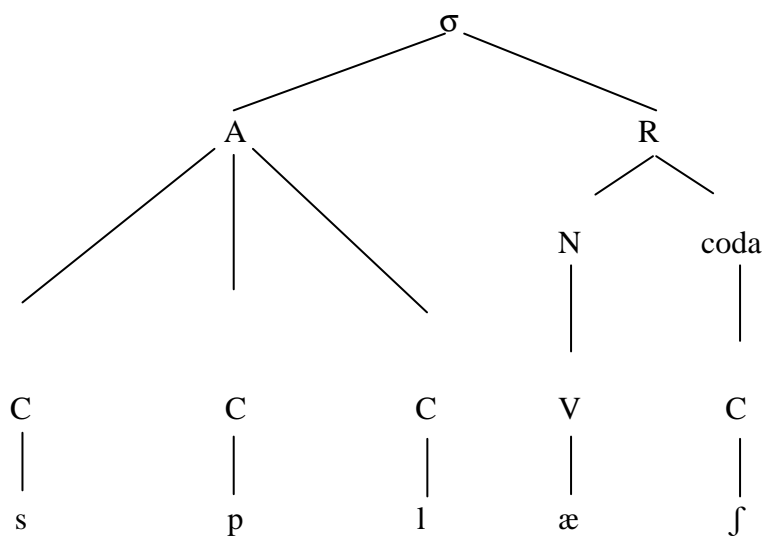
(45) /**streit**/ ‘straight’ (reto)

(46) /**sprei**/ ‘spread’ (espalhar)

(47) /**skri:n**/ ‘screen’ (tela)

(48) /**split**/ ‘split’ (dividir)

A palavra /spl+æ+f/ ‘splash’ (espalhar), do inglês, por exemplo, tem uma única sílaba, que combina três consoantes (CCC), uma vogal (V) e uma consoante final (C), representada por CCCVC, conforme esquema:



No tok pisin foram encontrados casos de /str/, como se vê em (49) e de /skr/, como se vê em (50), porém nenhum caso de /spr/ ou /spl/.

(49)

/string/ 'string' (barbante)	/stret/ 'straight' (reto)
/strong/ 'strong' (forte)	/strongim/ 'strong' (promover)
/strafim/ 'strafe' (punir)	/strena/ 'strainer' (filtro, peneira)

(50)

/skru/ 'screw' (parafuso)	/skrim/ 'screen' (biombo)
---------------------------	---------------------------

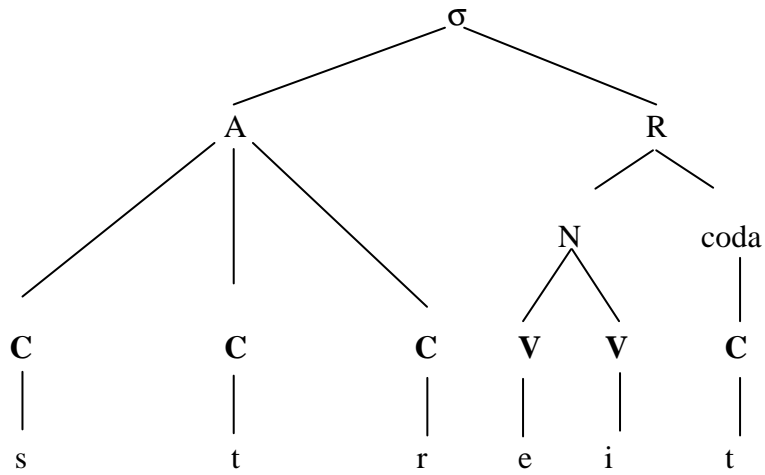
Mihalic (1971) apresentou várias combinações de consoantes em início de palavra, como se vê em (51):

(51)

/blak/ 'black' (preto)	/fraide/ 'Friday' (sexta-feira)
/kros/ 'cross' (bravo)	/pret/ 'afraid' (assustado)
/snek/ 'snake' (cobra)	/sting/ 'stink' (mau cheiro)
/brata/ 'brother' (irmão)	/glas/ 'glass' (vidro)
/spes/ 'space' (lugar)	/gras/ 'grass' (erva, capim)
/planim/ 'bury' (enterrar)	/skru/ 'screw' (parafuso)
/stret/ 'straight' (reto)	/traim/ 'to try' (tentar)
/slek/ 'slack' (frouxo)	/kليا/ 'to clear' (limpar)
/skelim/ 'slacken' (soltar, alargar)	/smok/ 'to smoke' (fumar)

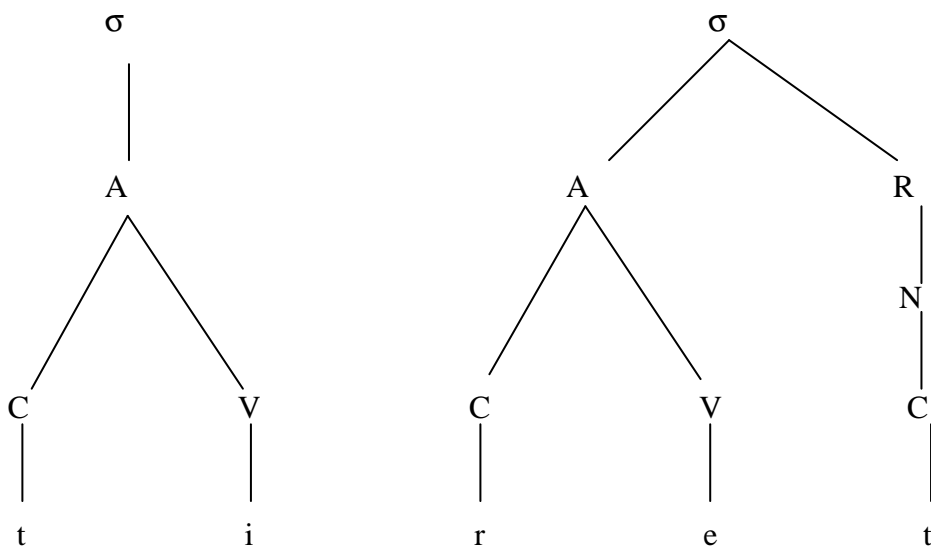
Contudo, nos primeiros estágios de formação, o tok pisin apresentava uma forte tendência à seqüência silábica CVCV, característica comum na maioria dos pidgins de que se tem conhecimento. Um exemplo é /stret/ (straight 'reto'), do inglês, mostrado em (52), que passou para o TP nos primeiros estágios de seu desenvolvimento na forma de /tiret/, eliminando a consoante inicial, como se vê em (53), e depois a /sitiret/, como em (54), reutilizando a consoante inicial pelo acréscimo de uma vogal.

(52) [streit]



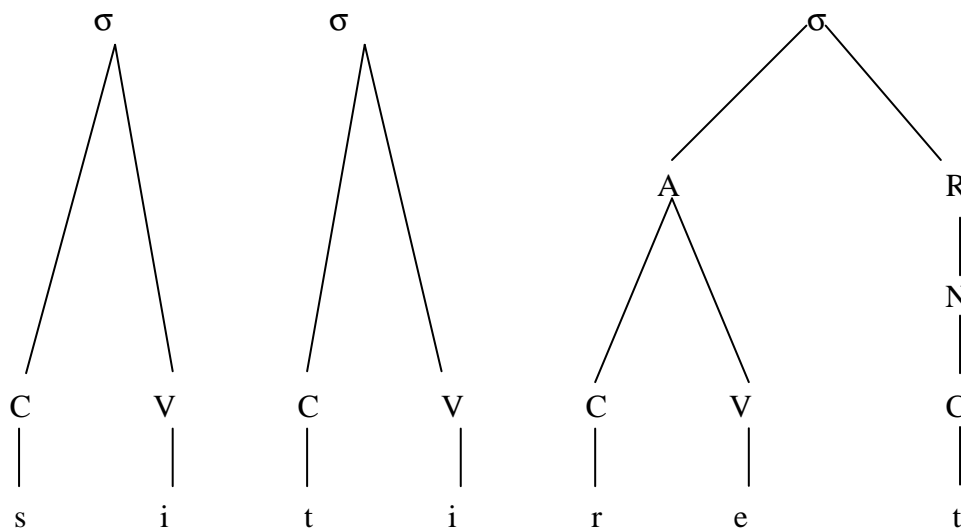
A sílaba CCCVVC do inglês em (52) é considerada complexa por apresentar afixe de três consoantes; por isso, é desfeita no TP no início de sua formação pela forte tendência à estrutura silábica CV, como se vê em (53) e (54).

(53) [tiret]



Observe em (53) a formação de duas sílabas, sendo uma delas CVC, uma tendência forte do TP no estágio de pidgin expandido. Em (54) formam-se três sílabas e novamente uma sílaba CVC.

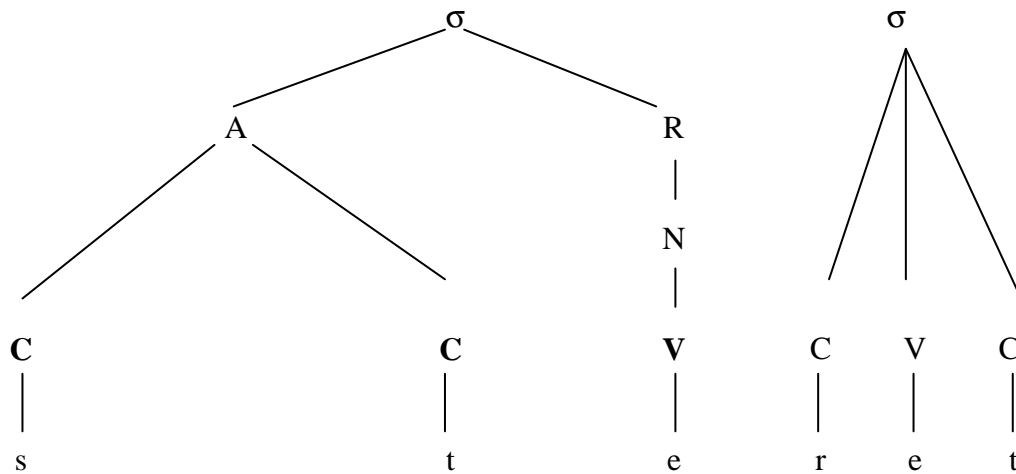
(54) [sitiret]



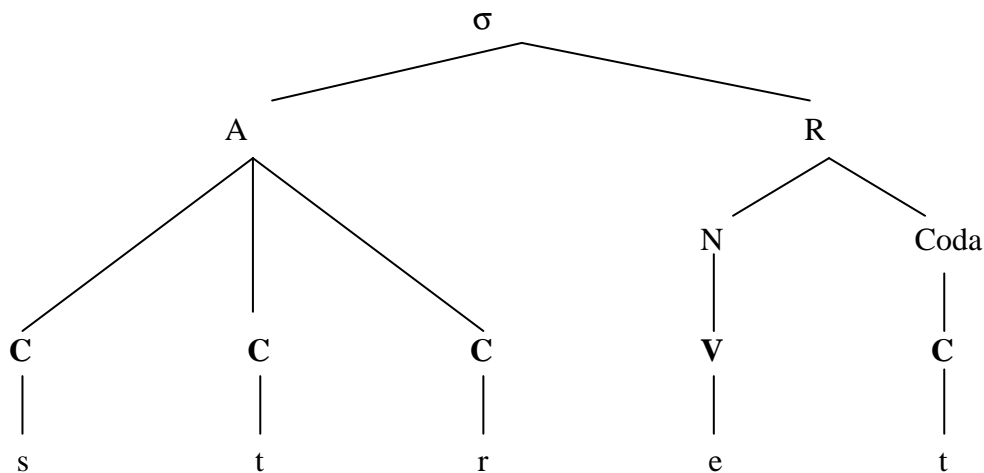
Conforme se observou no parágrafo anterior, no estágio de pidgin expandido percebe-se uma violação da condição CV da sílaba, embora ainda ela tenha destaque, e a sílaba CVC começa a ganhar prestígio, ou seja, inicia-se uma preferência pelo padrão CVC entre os falantes desta língua. Isso indica proximidade aos padrões silábicos do inglês, que também apresenta a sílaba CVC como a preferida. O que antes parecia uma tendência universal à sílaba CV, agora mais parece uma cópia do padrão do inglês.

No tok pisin contemporâneo, a forma /sitiret/ foi encontrada como /steret/ (55) e como /stret/ (56), mostrando forte aproximação do TP ao inglês. Em (56), por exemplo, a estrutura silábica do TP é praticamente idêntica a do inglês mostrada em (52).

(55) [steret]



(56) [stret]



No exemplo (55) a sílaba que antes era CV agora passa a CCV, causando uma maior instabilidade aos padrões do TP e evidenciando uma maior proximidade aos padrões do inglês. Em (56) tem-se outra ruptura, bem mais complexa: as sílabas CCV e CVC passam a compor apenas uma sílaba, CCCVC, quase idêntica ao /streit/ (52) do inglês, de onde /stret/ é originária.

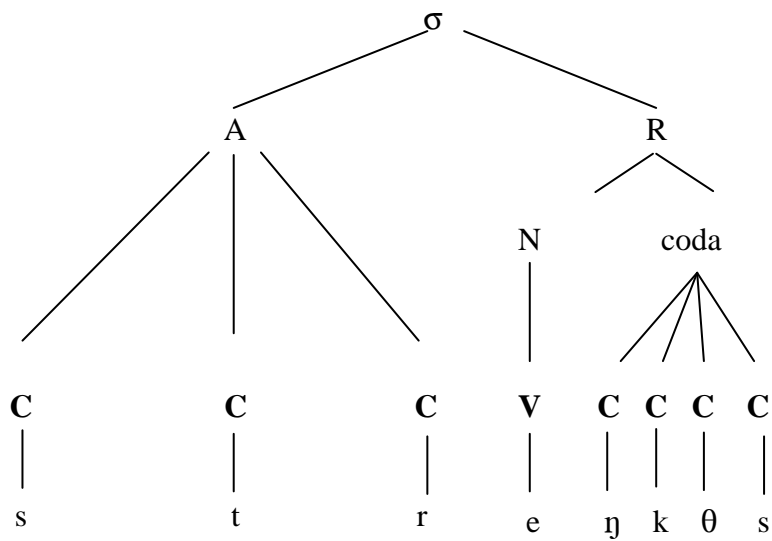
Conforme se vê no quadro 12, o tok pisin padrão apresenta 17 padrões silábicos e o inglês 20. Observe que os padrões do TP que se assemelham aos do inglês são, em geral, aqueles que apresentam a sílaba complexa. Os padrões CVV, CVVC e VV, que formam os ditongos, são os mesmos nas duas línguas.

<i>Tok pisin</i>	<i>Inglês</i>
CV	CV
CVC	CVC
CVVC	CVVC
-	CVCCC
-	CVCCCC
CCVC	CCVC
CCV	CCV
CVV	CVV
V	V
CVCC	CVCC
VC	VC
-	VCC
-	VCCC
CCVV	-
CCVVC	-
-	CCVCCC
VV	VV
CCCV	-
VVC	-
CCCVC	CCCVC
CCCVCC	CCCVCC
-	CCCVCCC
CCVCC	CCVCC
-	CCCVCCCC

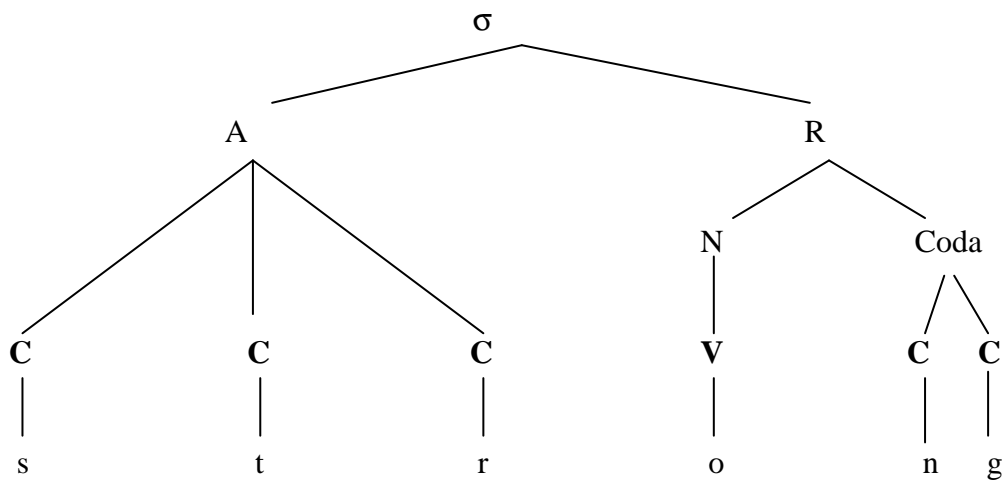
Quadro 12: Padrões silábicos do tok pisin e do inglês

Assim sendo, a forma estrutural da sílaba inglesa pode ser escrita: (C) (C) (C) V (C) (C) (C) (C), representada por [streŋkθs] ‘strengths’ (forças) e da sílaba do tok pisin contemporâneo: (C) (C) (C) V (C) (C), representada por [strong] ‘strong’ (forte), como se vê em (57) e (58), respectivamente.

(57) [streŋkθs]



(58) [strong]



Embora o padrão silábico CV predomine no TP, o CVC também tem grande destaque. Por outro lado, as sílabas de menor ocorrência são CCVCC e CCCVCC. Esta última, por sua vez, considerada a sílaba mais complexa do TP, por apresentar uma seqüência de três consoantes no active e duas na coda.



Por serem CV e CVC os padrões dominantes, a maioria das sílabas do TP apresenta aclave e coda simples. No entanto há casos, não tão isolados, de aclave (CCVC) e coda (CVCC) com seqüência de duas consoantes, tornando-se complexos. No quadro 13 estão exemplificadas as ocorrências dos padrões CV, CVC, CCVC, CCV, CVCC, CCCV, CCCVC, CCVCC e CCCVCC.

<i>Padrão silábico</i>	<i>Tok pisin</i>	<i>Tradução</i>
CV	/tu/ /ba/ /ka/ /kumu/ /malolo/ /lata/	‘also, too’ (também) ‘bar’ (barra) ‘car’ (carro) ‘greens’ (vegetables, verdes) ‘rest’ (descanço) ‘steps’ (degraus, passos)
CVC	/bikpela/ /bus/ /kɔt/ /kamap/ /lap/ /liklik/	‘big’ (grande) ‘bush’ (mato) ‘court’ (côrte) ‘come up’ (suba) ‘laugh’ (rir) ‘little’ (pouco)
CCVC	/ples/ /blakpela/ /fran/ /klɔk/ /pret/ /slip/ /skel/ /smel/ /smolpapa/ /switpela/	‘place’ (lugar) ‘black’ (preto) ‘front’ (frente) ‘clock’ (relógio) ‘afraid’ (medo) ‘sleep, lying down’ (dormer, deitar) ‘scale’ (balança) ‘smell’ (cheiro) ‘parents’ (pais) ‘sweet’ (doce)
CCV	/sekreteri / /presiden/ /mafla/ /plawa/ /slika/	‘secretary’ (secretária) ‘president’ (presidente) ‘muffler’ (cachecol) ‘flour’ (farinha) ‘silk’ (seda)

	<i>/brata/</i>	‘brother’ (irmão)
CVCC	<i>/lipt/</i> <i>/sapk/</i> <i>/sops/</i> <i>/tingting/</i> <i>/singsing/</i> <i>/provins/</i> <i>/longwe/</i> <i>/biling/</i> <i>/bilong/</i> <i>/jangpela/</i>	‘lift’ (elevador) ‘drunk’ (bêbado) ‘chops’ (bisteca) ‘thinking > opinion’ (opinião) ‘sing, festival’ (cantar, festival) ‘province’ (província) ‘far’ (longe) ‘boil’ (ferver) ‘from’ (de) ‘young’ (jovem)
CCCV	<i>/skru/</i> <i>/strafim/</i> <i>/strena/</i>	‘screw’ (parafuso) ‘strafe’ (punir) ‘strainer’ (coador)
CCCVC	<i>/skrim/</i> <i>/stret/</i> <i>/strongim/</i>	‘screen’ (tela, biombo) ‘straight’ (reto) ‘promote’ (promover)
CCVCC	<i>/grins/</i> <i>/dring/</i>	‘greens’ ‘vegetables’ (verduras) ‘drink’ (beber)
CCCVCC	<i>/strong/</i> <i>/string/</i>	‘strong’ (forte) ‘string’ (barbante)

Quadro 13: Exemplos de padrões silábicos do tok pisin

Pelos exemplos no quadro 13 percebe-se que nem todas as consoantes podem ocupar a primeira posição em um aclave complexo com duas consoantes, porém não há regra de uso da líquida ocupando a segunda posição. Isto é, as líquidas /l/ e /r/ podem ocupar a segunda posição de um aclave com várias consoantes diferentes e, até mesmo, com a mesma consoante, como em /ples/ e /pret/ visto no referido quadro.

Outro destaque é a sibilante /s/ ocupando a primeira posição do aclave complexo. No inglês há aclives complexos cuja primeira consoante é a sibilante /s/, como demonstrado nos exemplos de (52) a (55), e no TP também encontramos aclives complexos cuja primeira consoante é o fonema /s/. Neste caso, a segunda consoante pode ser a líquida /l/ ou as consoantes /k/, /t/, /w/ e /m/, como em /slip/, /skel/, /strafim/, /switpela/ e /smolpapa/, respectivamente, como se vê no quadro 13.

Nota-se também, pelo quadro 13, que os padrões silábicos CCCVC e CCCVCC são raros e bem marcados em relação às consoantes que podem ocupar as três posições no aclave. Na primeira posição somente a sibilante /s/, na segunda posição, tanto /t/ como /k/, e na terceira, obrigatoriamente, a líquida /r/.

Os padrões V e VC, formados por apagamento de consoante inicial (V) e acréscimo de consoante final (VC), podem ocorrer no TP, como nas palavras representadas no quadro 14.

<i>Padrão silábico</i>	<i>Tok pisin</i>	<i>Tradução</i>
V	/aven/ /abababa/ /adresim/ /ami/ /ananit/ /i no dja/ /apinun/ /ogas/ /epot/	‘oven’ (forno) ‘bubble gum’ (goma de mascar) ‘address (letter)’ (endereço) ‘army’ (exército) ‘botton’ (botão) ‘cheap’ (barato) ‘afternoon’ (tarde) ‘october’ (outubro) ‘airport’ (aeroporto)
VC	/em/ /etpela/ /olgeta/ /alta/ /akselareta/ /ansaim/ /ista/ /asde/ /traim/ /intaviwa/	‘he’ (ele) ‘eight’ (oito) ‘completely’ (completamente) ‘altar’ (altar) ‘accelerator’ (acelerador) ‘answer’ (resposta) ‘Easter’ (Páscoa) ‘yesterday’ (ontem) ‘try something’ (experimentar algo) ‘interviewer’ (entrevistador)

Quadro 14: Padrões V e VC do tok pisin

Os padrões CVVC, CVV, CCVV, CCVVC, VV e VVC, apresentados no quadro 15, representam os ditongos do TP.

<i>Padrão silábico</i>	<i>Tok pisin</i>	<i>Tradução</i>
CCVV	/kjaʊ/ /draiʋa/ /spoʌlɪm/ /fraide/ /kraɪ/ /traɪɪm/ /plai/ /mataʔkjaʊ/	‘light globe’ (globo de luz) ‘driver’ (motorista) ‘spoil’ (ruína, destruição) ‘Friday’ (sexta-feira) ‘cry’ (chorar) ‘try something’ (experimentar algo) ‘fly’ (voar) ‘blind in one eye’ (tampar um olho)
CVV	/dinaʊ/ /maleo/ /faipela/ /laulaʊ/	‘debt’ (débito) ‘eel’ (marisco) ‘five’ (cinco) ‘Malay apple’ (maça Malaia)
CCVVC	/brait/ /graun/ /traut/ /traim/ /i bin praim/ /troimweim/ /troim/	‘broad’ (largo) ‘earth’ (terra) ‘throw up’ (vômito) ‘try something’ (tentar algo) ‘fried’ (frito) ‘throw away’ (jogar fora) ‘throw’ (jogar, arremessar)
CVVC	/rais/ /taun/ /haus/ /hanpaus/ /kouk/	‘rice’ (arroz) ‘town’ (cidade) ‘house’ (casa) ‘handbag’ (bolsa de mão) ‘coke’ (coca-cola)
VV	/ai/ /ai/ /ausait/ /aiglas/ /autim/	‘eve’ (véspera) ‘eye’ (olho) ‘outside’ (lado de fora) ‘eyeglass’ (óculos) ‘cross out’ (cruzar)
VVC	/ais/ /aiskrim/ /ain/ /austrelja/	‘ice’ (gelo) ‘ice-cream’ (sorvete) ‘iron’ (ferro) ‘Australia’ (Austrália)

Quadro 15: Exemplos de padrões silábicos do tok pisin

No que se refere aos ditongos, o tok pisin apresenta sete: /ai/, /au/, /oi/, /ei/, /oa/, /eo/ e /ou/, representados no quadro 16.

<i>Ditongo</i>	<i>Tok pisin</i>	<i>Tradução</i>
/ai/	/draiva/ /fraide/ /krai/ /traim/ /plai/ /faipela/ /brait/ /traim/ /i bin praim/ /rais/ /ai/ /aiglas/ /ais/ /aiskrim/ /ain/ /wailis/	‘driver’ (motorista) ‘Friday’ (sexta-feira) ‘cry’ (chorar) ‘try something’ (experimentar algo) ‘fly’ (voar) ‘five’ (cinco) ‘broad’ (largo) ‘try something’ (tentar algo) ‘fried’ (frito) ‘rice’ (arroz) ‘eve; eye’ (véspera; olho) ‘eyeglass’ (óculos) ‘ice’ (gelo) ‘ice-cream’ (sorvete) ‘iron’ (ferro) ‘wireless’ (sem fio)
/au/	/dinau/ /graun/ /traut/ /taun/ /haus/ /hanpaus/ /ausait/ /autim/ /austrelja/	‘dear’ (querido/a) ‘earth’ (terra) ‘throw up’ (vômito) ‘town’ (cidade) ‘house’ (casa) ‘handbag’ (bolsa de mão) ‘outside’ (lado de fora) ‘cross out’ (cruzar) ‘Australia’ (Austrália)
/oi/	/spoilm/ /kagoboi/ /soim/ /dʒoinim/ /troim/	‘spoil’ (ruína, destruição) ‘cargoboy’ (carregador) ‘to show’ (mostrar) ‘to join’ (juntar) ‘throw’ (jogar, arremessar)

/ei/	/edukeitim/ /peim/ /memeim/ /troimweim/	'educate' (educar) 'pay' (pagar) 'pulverize' (pulverizar) 'throw away' (jogar fora)
/oa/	/moa/ /boamasin/	'more' (mais) 'base machine' (máquina de mesa)
/eo/	/maleo/	'eel' (marisco)
/ou/	/kouk/	'coke' (coca-cola)

Quadro 16: Ditongos do tok pisin

Dos sete ditongos presentes no TP dois são bem raros: /ou/ e /eo/. O ditongo /ou/ é comumente substituído por /au/ na maioria das palavras. Também percebemos que os mais produtivos são /ai/ e /au/.

## 5 NOTAS SOBRE A FONOLOGIA DE ALGUMAS LÍNGUAS DE SUBSTRATO

Incluir notas sobre a fonologia de algumas línguas de substrato se justifica devido ao fato de o tok pisin apresentar estruturas ‘simples’ em decorrência da influência do substrato e da situação de contato em que foi formado.

Para isso, apresento aqui notas sobre a fonologia de algumas línguas da Melanésia que contribuíram como base de substrato na formação do tok pisin. Entre as línguas mais importantes na formação do tok pisin, destacamos: motu, enga e tolai. Informação adicional sobre a influência do substrato na fonologia do tok pisin pode ser encontrada em Smith (2002).

O motu é a língua mãe das pessoas que vivem nas vilas de Motu, situadas ao longo da costa Papuana, a oeste de Port Moresby. Pertence à família das línguas oceânicas. Do ponto de vista fonológico, é uma língua relativamente ‘simples’: todas as sílabas são abertas e seu sistema é composto de 14 consoantes e cinco vogais. Os fonemas consonantais do motu são os que se vê no quadro 17.

		<i>Labial</i>	<i>Labio-Dental</i>	<i>Dental</i>	<i>Alveolar</i>	<i>Velar</i>	<i>Glotal</i>
Oclusiva	Surda	p		t		k	
	Sonora	b		d		g	
Nasal		m		n			
Fricativa			v		s	y	h
Vibrante				r			
Lateral				l			

Quadro 17: Fonemas consonantais do motu  
Fonte: DUTTON (1995)

Os fonemas consonantais do motu, distribuídos no quadro 18, representam uma língua com poucos contrastes. As oclusivas surdas /t/ e /k/ ocorrem em início e meio de sílaba e /p/ apenas em meio. Já as oclusivas sonoras /b/, /d/ e /g/ ocorrem em início e meio de sílaba. As nasais são apenas duas: /m/ e /n/ que ocorrem em início e meio de sílaba. As alveolares /r/

e /s/, a fricativa /v/, a lateral /l/ e a glotal /h/ podem ocorrer tanto em início quanto em meio de sílaba. Entretanto a fricativa /ɣ/ ocorre somente em posição intervocálica.

Nota-se que as consoantes não ocupam posição final na sílaba, posição esta reservada apenas às vogais.

<i>Fonema</i>	<i>Motu</i>		<i>Inglês</i>	<i>Português</i>
p	kopina	/kopina/	skin	pele
	koupa	/koupa/	ditch	vala
b	bahelai	/bahelai/	sit	sentar
	diba	/diba/	to know	saber, conhecer
m	mai	/mai/	to come	vir
	ruma	/ruma/	house	casa
t	tau	/tau/	man	homen
	utua	/utua/	to cut	cortar
d	daika	/daika/	who	quem
	ladagu	/ladagu/	my name	meu nome
n	namo	/namo/	good	bom
	aniani	/aniani/	food	comida
r	rau	/rau/	leaf	folha
	gwauraia	/g <sup>w</sup> auraya/	to talk about	falar sobre
k	kirimu	/kirimu/	is laughing	está rindo
	dekena	/dekena/	at	em
g	guria	/guriya/	to bury	enterrar
	dogo	/dogo/	anchor	âncora
v	vanagi	/vanagi/	canoe	canoa
	naheiva	/naheiva/	I cut	eu corto
s	se kamonai	/sekamonai/	he does not hear	surdo
	lasi	/lasi/	no, not	não
ɣ	guria	/guriya/	to pray to	rezar
h	herea	/herea/	very	muito
	hahine	/hahine/	woman	mulher
l	lau	/lau/	I	eu
	dala	/dala/	Road	rodovia, estrada

Quadro 18: Distribuição dos fonemas consonantais do motu



As vogais são divididas em cinco, sendo duas altas, duas médias e uma baixa. Entre as altas temos a anterior /i/ e a posterior /u/; as médias são a anterior /e/ e a posterior /o/ e a baixa está representada por /a/, conforme quadro 19. Vale ressaltar que este é o quadro vocálico mais comum nas línguas do mundo.

i	u
e	o
a	

Quadro 19: Fonemas vocálicos do motu  
Fonte: DUTTON (1995)

Os cinco fonemas vocálicos do motu, distribuídos no quadro 20, podem ocorrer em início, meio e, principalmente, final de sílaba. As vogais na língua motu ocupam posição de destaque, pois representam o núcleo da sílaba.

<i>Fonema</i>	<i>Motu</i>		<i>Inglês</i>	<i>Português</i>
i	ba henigu	/bahenigu/	give me!	dê-me
	asi	/asi/	without	sem
	io	/io/	spear	lança
e	helai	/helai/	sit!	sente
	hahine	/hahine/	woman	mulher
a	aniani	/aniani/	food	comida
	dida	/dida/	to know	saber
	mai	/mai/	with	com
u	umui	/umui/	you (plural)	vocês
	ruma	/ruma/	house	casa
	ladanu	/ladanu/	your name	seu nome
o	oi	/oi/	you (singular)	ocê
	noho	/noho/	stay	ficar
	amo	/amo/	from	de (origem)

Quadro 20: Distribuição dos fonemas vocálicos do motu

No nível fonológico da língua motu há dois tipos silábicos: V e CV, conforme observamos nos exemplos no quadro 21.

<i>Padrão silábico</i>	<i>Motu</i>	<i>Inglês</i>	<i>Português</i>
V	e a.gu a.ni.a.ni i.o	he my food spear	ele meu comida lança
CV	to la.si ha.hi.ne	but no woman	mas não mulher

Quadro 21: Padrões silábicos do motu.

A posição de núcleo na língua motu, como é de se esperar, é ocupada por qualquer um dos segmentos vocálicos do quadro 20. Não foram observados na língua núcleos complexos, ou seja, aqueles formados por mais de um segmento vocálico. O aparecimento de duas vogais seguidas, como em *io* ‘spear’ (lança), nos faz supor que cada uma delas seja um núcleo independente – núcleos de sílabas distintas. O motu é uma das línguas que não permite coda.

Wurm (1977: 336) afirma que a maioria das línguas locais da Papua Nova Guiné é falada por comunidades muito pequenas, por cerca de 10.000 pessoas e que a língua com mais falantes é o engá, falado por 180.000 (Sumbuk, 1993: 309). O engá é a língua dominante da província de Engá, desta forma, a maioria dos seus habitantes não fala inglês ou tok pisin.

Conforme se vê no quadro 22, o engá possui 12 consoantes.

	<i>Labial</i>	<i>Labio-Dental</i>	<i>Dental</i>	<i>Alveolar</i>	<i>Retroflexa</i>	<i>Palatal</i>	<i>Velar</i>
Oclusiva	p		t				k
Nasal	m		n			ɲ	ŋ
Fricativa				s			
Vibrante			r		ɻ		
Lateral						ʎ	
Aproximante						j	

Quadro 22: Fonemas consonantais do engá.

Fonte: [www.sil.org/pacific/png/abstract.asp?id=928474542367](http://www.sil.org/pacific/png/abstract.asp?id=928474542367)

No quadro (23) apresentamos a distribuição dos fonemas consonantais do engá. Vê-se que as oclusivas surdas /p/ e /k/ ocorrem em início e meio de sílaba e /t/ ocorre somente em início de sílaba; as nasais /m/, /n/, /ɲ/ e /ŋ/ ocorrem em início e meio. Fazem parte desta língua a vibrante /r/ e a fricativa surda /s/ que ocorrem somente em meio de sílaba, pois quando em início de sílaba a fricativa surda é pronunciada /ts/. A retroflexa /ʈ/, lateral /ʎ/ e a aproximante /j/ podem ocorrer tanto em início quanto em meio de sílaba

<i>Fonema</i>	<i>Engá</i>		<i>Inglês</i>	<i>Português</i>
p	paangi apa	/paa <sup>n</sup> ki/ /apa/	tight father	firme, apertado papai
m	maá ámá	/maa/ /ama/	taro over there	tarô lá, além
t	tána	/tana/	snare	armadilha
n	náka kuní	/naka/ /kuni/	tree dirt	árvore sujo
r	lúti	/luri/	grass	grama
ʈ	laka kalé	/ʈaka/ /kaʈe/	rain ear	chuva orelha
s	silí moso	/sili/ /moso/	like banana	gostar banana
k	kalipu akitupa	/kalipu/ /akitupa/	peanuts how many	amendoim quantos
ŋ	fláfla paláfla	/ŋaŋa/ /paŋa/	baby plank	bebê prancha, assoalho
ɲ	nyakáma apinyá	/ɲakama/ /apiɲa/	you (plural), they those	vocês, eles(as) aqueles (as)
ʎ	lyáka kálya	/ʎaka/ /kaʎa/	tree handsome	árvore educado
j	yála káyó	/jala/ /kajo/	shame bird	vergonha pássaro

Quadro 23: Distribuição dos fonemas consonantais do engá.

O engá possui cinco fonemas vocálicos (quadro 24), os quais são muito produtivos nesta língua.

i	u
e	o
a	

Quadro 24: Fonemas vocálicos do engá.

A distribuição dos fonemas vocálicos (quadro 25) mostra que as cinco vogais do engá ocorrem em início, meio e fim de sílaba.

<i>Fonema</i>	<i>Engá</i>		<i>Inglês</i>	<i>Português</i>
i	ítá	/íta/	wood	madeira
	gíi	/kii/	time	tempo
e	éda	/eda/	woman	mulher
	nelé	/nele/	insect	inseto
a	ápu	/apu/	rain	chuva
	mába	/maba/	tree oil	oleo de árvore
u	ulumba	/ulu <sup>m</sup> ba/	bird	pássaro
	kalipu	/kalipu/	peanuts	amendoim
o	kóne	/kone/	red	vermelho
	koó	/koo/	bad	mau

Quadro 25: Distribuição dos fonemas vocálicos do engá

Vê-se no quadro 26 que o engá apresenta os padrões silábicos V e CV, comuns à maioria das línguas que se tem conhecimento. Assim, no engá há sílabas compostas por apenas núcleo (V) e por aclave e núcleo (CV), podendo resumir a estrutura silábica dessa língua na fórmula básica (C) V.

<i>Padrão silábico</i>	<i>Engá</i>	<i>Inglês</i>	<i>Português</i>
V	u.a	gourd	cabaça, cuia
	ku.a.ka	yesterday	ontem
	ku.ke.a	swamp	pântano
CV	mo.so	banana	banana
	a.pa	father	papai
	pa.a. <sup>n</sup> ki	tight	firme, apertado

Quadro 26: Padrões silábicos do engá.

Assim como se viu no motu, todos os segmentos vocálicos do quadro 25 podem ocupar a posição de núcleo na estrutura silábica do engá. Núcleos formados por mais de um segmento vocálico não foram observados. As sílabas V e CV ocorrem em início, meio e fim de palavras.

O tolai, pertencente à família das línguas oceânicas, teve grande participação, como língua de substrato, na formação do tok pisin, embora o estudo detalhado da relação entre tok pisin e tolai só tenha sido feito em 1980, por Mosel, o qual demonstrou várias similaridades entre as duas línguas (SMITH, 2002: 18). Recentemente, Ross (1992 *apud* Smith, 2002) realizou análise da influência das línguas austronésias no tok pisin e constatou o predomínio do tolai na formação do crioulo.

Na fonologia, o tolai apresenta 12 consoantes, 06 vogais e 04 padrões silábicos. Veja no quadro 27 os fonemas consonantais.

	<i>Labial</i>	<i>Labio-Dental</i>	<i>Dental</i>	<i>Alveolar</i>	<i>Pós-alveolar</i>	<i>Palatal</i>	<i>Velar</i>
Oclusiva	p b		t d				k g
Nasal	m		n			ŋ	
Fricativa	β			(s)			
Vibrante			r				
Lateral					l		

Quadro 27: Fonemas consonantais do tolai.

Fonte: BEAUMONT; FRANKLIN; KERR (1974)

Os fonemas consonantais do tolai representam um sistema relativamente pequeno, não sendo diferente, portanto, das outras línguas de substrato, cujo componente fonológico se resume em poucas consoantes. No tolai o fonema /p/ não é aspirado em final de palavra. O fonema /s/ ocorre em alguns dialetos e o /f/ ocorre apenas em palavras estrangeiras, por isso não está representado no quadro das consoantes do tolai.

No que se refere à distribuição dos fonemas consonantais do tolai (quadro 28), notamos que os fonemas /b/, /d/, /g/ e /β/ não ocorrem em final de palavra, enquanto que todos os outros fonemas ocorrem no início, meio e final de palavra.

<i>Fonema</i>	<i>Tolai</i>		<i>Inglês</i>	<i>Português</i>
p	pot	/pot/	to come	vir
	purpur	/purpur/	flower	flor
	pap	/pap/	dog	cachorro

b	bubur balu	/bubur/ /balu/	Break pigeon	quebrar pombo
β	votovoto avet	/βotoβoto/ /aβet/	Wages we	recompense nós
t	tutana lavulut	/man/ /laβulut/	man eight	homen oito
d	da tadap	/da/ /tadap/	somebody to go to	alguém ir para
k	kan doko ik	/kan/ /doko/ /ik/	perhaps kill little	talvez matar pouco; pequeno
g	gunam gigit	/gunam/ /gigit/	village pick	vila; aldeia palito
m	ma tamagu nam	/ma/ /tamagu/ /nam/	and my father that	e meu pai aquele (a)
n	nagu nanure nian	/nagu/ /nanure/ /nian/	my brother know food	meu irmão saber comida
ŋ	ngala ongor aring	/ŋala/ /oŋor/ /ariŋ/	big strong to beg	grande forte pedir
r	ra ara dir	/ra/ /ara/ /dir/	the there they	o; a; os; as lá eles (as)
s	susu balus pusi	/susu/ /balus/ /pusi/	milk airplane cat	leite avião gato
l	lima kilala pal	/lima/ /kilala/ /pal/	hand time house	mão tempo; hora casa

Quadro 28: Distribuição dos fonemas consonantais do tolai.

O tolai apresenta duas realizações diferentes para o fonema /p/, o qual pode ser pronunciado ora como /f/<sup>20</sup> ora como /p/, como mostram os exemplos em (59), sem acarretar nenhuma modificação de sentido da palavra.

(59)	/f/ > /p/	{	<p>/foa/ &gt; /poa/ ‘four’ (quatro)</p> <p>/faiv/ &gt; /paiv/ ‘five’ (cinco)</p> <p>/lif/ &gt; /lip/ ‘live’ (vida)</p> <p>/fis/ &gt; /pis/ ‘fish’ (peixe)</p> <p>/fren/ &gt; /pren/ ‘friend’ (amigo/a)</p> <p>/flei/ &gt; /plei/ ‘play’ (jogar; brincar)</p>
------	-----------	---	--

Nota-se em (19) que a variação ocorre em qualquer situação, sem que haja regra aparente, configurando assim uma variação livre do alofone /p/.

As vogais do tolai são cinco, conforme o quadro 29.

i	u
e	o
a	

Quadro 29: Fonemas vocálicos do tolai.  
Fonte: BEAUMONT; FRANKLIN; KERR (1974)

As vogais no tolai estão distribuídas (quadro 30) de forma que ocorrem em início, meio e final de palavra. O fato do padrão silábico V prevalecer nesta língua contribui para que as vogais sejam altamente produtivas.

<i>Fonema</i>	<i>Tolai</i>	<i>Inglês</i>	<i>Português</i>
i	i.vat ma.i.a ta.ra.i	four yes people	quatro sim pessoas
e	e.na.na mu.i.e i.e	different refuse a thing plant	diferente recusar algo plantar

<sup>20</sup> O tolai não tem o fonema /f/ em seu quadro consonantal (MOSEL, 1980)

a	a.ka.ri bu.a.na bu.a	here hill boil	aqui colina ferver
u	u.la ma.u.ku.a i.u	head character to bathe	cabeça característica; atributo tomar banho
o	o.lo i.o.ko bi.ra.o	enter goodbye flame	entrar adeus chama; fogo

Quadro 30: Distribuição dos fonemas vocálicos do tolai

Os padrões silábicos do tolai são 04: V, VC, CV e CVC (quadro 31). Nesta língua, as sílabas podem ser compostas por apenas um núcleo (V), por núcleo e coda (VC), por aclave e núcleo (CV) e por aclave, núcleo e coda (CVC). Assim, tomando como base o padrão CV, podemos considerar que o tolai é uma língua do tipo 4, pois aplica tanto o parâmetro do apagamento da consoante inicial quanto da inserção de consoante inicial, segundo a descrição dos tipos de sílabas encontrada em Clements e Keyser (1983: 29). O padrão silábico do tolai pode ser resumido na fórmula (C)V(C).

<i>Padrão silábico</i>	<i>Tolai</i>	<i>Inglês</i>	<i>Português</i>
V	i.ki.lik i.a.u be.o	small I bird	pequeno eu pássaro
VC	ul ma.up di.at	top day other; they	topo dia outro; eles (as)
CV	ka.dik i.ki.lik ti.ka	sick small one	doente pequeno um (a)
CVC	kan lu.luk	perhaps count	talvez contar

Quadro 31: Padrões silábicos do tolai.

Fonte: BEAUMONT; FRANKLIN; KERR (1974)



Observe nos exemplos do quadro (31) que os padrões VC e CVC não ocorrem em meio de palavras, enquanto que os demias ocorrem tanto em início, meio e final de palavras. Nota-se ainda que o padrão V é o dominante nesta língua: uma rima não ramificada, dominando um núcleo não ramificado (V).

## 6 ANÁLISE DA TEORIA DA RELEXIFICAÇÃO NA FONOLOGIA DO TOK PISIN

Os padrões silábicos e o inventário dos fonemas do tok pisin foram analisados com o objetivo de averiguar a hipótese de que o equivalente ao aspecto gramatical da fonologia (padrões silábicos) desse crioulo tende a se aproximar do inglês, enquanto que o equivalente ao aspecto lexical (inventário de fonemas) permanece mais próximo das línguas de substrato.

Foi observado anteriormente que o tok pisin apresenta estruturas silábicas mais próximas da língua lexificadora do que das línguas de substrato, caracterizando uma situação oposta ao que ocorre na teoria da relexificação, proposta por Claire Lefebvre. O argumento em favor desta hipótese é o fato de que os padrões silábicos do tok pisin, se comparados aos das línguas de substrato (capítulo 5), são muito mais complexos, assemelhando-se aos padrões do inglês.

É possível notar (quadro 32) que o tok pisin tem 16 padrões silábicos, enquanto que as línguas motu e enga tem apenas 02 e o tolai 04. Por outro lado, o inglês pode ter até 20 padrões. Se compararmos os padrões do tok pisin com os das línguas de substrato e com os do inglês, percebemos que o tok pisin se aproxima muito mais dos padrões do inglês (superstrato) do que dos padrões das línguas motu, enga e tolai (substrato).

<b>PADRÕES SILÁBICOS</b>				
<i>Tok pisin</i>	<i>Motu</i>	<i>Enga</i>	<i>Tolai</i>	<i>Inglês</i>
CV	CV	CV	CV	CV
CVC	-	-	CVC	CVC
CVVC	-	-	-	CVVC
-	-	-	-	CVCCC
-	-	-	-	CVCCCC
CCVC	-	-	-	CCVC
CCV	-	-	-	CCV
CVV	-	-	-	CVV
V	V	V	V	V
CVCC	-	-	-	CVCC

VC	-	-	VC	VC
-	-	-	-	VCC
-	-	-	-	VCCC
CCVV	-	-	-	-
CCVVC	-	-	-	-
-	-	-	-	CCVCCC
VV	-	-	-	VV
CCCV	-	-	-	-
VVC	-	-	-	-
CCCVC	-	-	-	CCCVC
CCCVCC	-	-	-	CCCVCC
-	-	-	-	CCCVCCC
CCVCC	-	-	-	CCVCC
-	-	-	-	CCCVCCCC

Quadro 32: Quadro comparativo dos padrões silábicos

Nota-se, no quadro 32, que o tok pisin apresenta os padrões CV e CVC como dominantes. Além disso, há casos, nessa língua, não tão isolados, de aclave (CCVC) e coda (CVCC) complexos, tal como ocorre com a língua inglesa. Outro fato a ser observado é que tanto o inglês quanto o tok pisin exibem as mesmas estruturas CVV, CVVC e VV, formadoras dos ditongos. Ver exemplos no quadro 13.

Logo, o tok pisin parece não aceitar a qualidade de língua ‘simples’, como as línguas crioulas são comumente rotuladas; é uma língua com tendência a estruturas silábicas complexas e próximas da língua dominante – o inglês. O tok pisin tende a mostrar que as línguas crioulas não podem ser ‘desprezadas’; pelo contrário, é fundamental que se tenha preocupação em estudá-las e preservá-las.

Por outro lado, no que tange ao inventário dos fonemas, o tok pisin tem consoantes e vogais mais próximas às línguas de substrato. Entre as consoantes, a vibrante [r] encontrada no tok pisin, por exemplo, é a mesma encontrada no motu, no enga e no tolai, conforme pode ser observado no quadro 33. A africada [dʒ], do inglês, foi incorporada ao inventário do tok pisin, ainda que as fricativas [θ ð] e [ʃ ʒ], a africada [tʃ] e a fricativa sonora [z], pertencentes ao inventário do inglês, não tenham sido padronizadas no tok pisin. De fato,

sons marcados<sup>21</sup> tendem a desaparecer em uma situação de contato, da mesma forma que, em caso de contato contínuo, esses sons possam ser incorporados à língua.

	<i>Tok pisin</i>	<i>Motu</i>	<i>Enga</i>	<i>Tolai</i>	<i>Inglês</i>
Oclusiva	p b t d k g -	p b t d k g -	p t k -	p b t d k g -	p b t d k g -
Nasal	m n ŋ	m n	m n ɲ ŋ	m n ŋ	m n ŋ
Fricativa	f v s - h - -	v s ɣ h - -	- s - - - -	- (s) β - - -	f v s z - h θ ð ʃ ʒ
Africada	dʒ	-	-	-	tʃ dʒ
Vibrante	r	r	r ɽ	r	-
Aproximante	w j -	- - -	- j -	- - -	w j r
Lateral	l -	l -	- ʎ	l -	l -

Quadro 33: Quadro comparativo dos inventários dos fonemas consonantais

Quanto às vogais, nota-se, pelo quadro 34, que o tok pisin se aproxima muito mais das línguas de substrato do que do inglês, devido ao seu inventário reduzido e limitado às

<sup>21</sup> O elemento ‘*marcado*’ é o que possui uma marca, uma especificação em particular; o elemento ‘*não marcado*’ é o que surge naturalmente, é o mais simétrico, o mais natural e preferido pelas línguas.

vogais comuns às línguas em geral, mesmo com a ocorrência das vogais [ɛ ɔ], não encontradas nas línguas motu, enga e tolai.

	<i>Tok pisin</i>	<i>Motu</i>	<i>Enga</i>	<i>Tolai</i>	<i>Inglês</i>
Alta	i u	i u	i u	i u	i: I u: U
Média	e ε - o ɔ	e - O	e - o	e - o	e ə ɜ: ɔ:
Baixa	a - -	a - -	a - -	ɐ a - -	æ ʌ ɑ: a

Quadro 34: Quadro comparativo dos inventários dos fonemas vocálicos

Na comparação do tok pisin padrão com o inglês, percebe-se que os contrastes vão em direção ao *não marcado*. As consoantes /b/, /d/ e /g/, em final de sílaba, por exemplo, seguem a regra do ensurdecimento de oclusiva, resultando em /p/, /t/ e /k/, respectivamente. Contudo, há casos (especialmente com as oclusivas /k/ e /g/) em que ocorre exatamente o oposto, como /bank/ > /bang/ (banco), e outros casos em que não há alteração: /book/ > /buk/ (livro) ou /bring/ > /bringim/ ‘to bring’ (trazer). Veja exemplos no quadro 35.

<i>Fonemas</i>	<i>Fonologia do inglês</i>	<i>Fonologia do tok pisin padrão</i>	<i>Tradução</i>
/g/ > /k/	/big/	/bik/	grande
*/k/ > /g/	/bank/	/beng/	banco
/d/ > /t/	/blood/	/blut/	sangue
	/bread/	/bret/	pão
/b/ > /p/	/rub/	/rap/	esfregar

Quadro 35: Exemplos de ensurdecimento de oclusiva no tok pisin

O fato de o inventário das consoantes e vogais do tok pisin ser menos complexo do que do inglês, não significa que essa língua seja ‘menos elaborada’. Embora muitas línguas crioulas sejam conhecidas pelo caráter simplificado e reduzido, é importante salientar que o

tok pisin é uma língua que apresenta plena funcionalidade comunicativa, dotada de um sistema fonológico estabilizado e, ao que parece, perfeitamente adequado às necessidades de comunicação do povo da Papua Nova Guiné embora os contrastes vocálicos e consonantais sejam em número menor do que da língua dominante.

Entretanto, o tok pisin está em constante mudança, já que o contato com falantes do inglês é bastante forte. Pode-se conceber que esse crioulo esteja em plena evolução, considerando que evolução não

sugere nenhum tipo de progresso de um estado menos satisfatório para um estado mais satisfatório, nem necessariamente de um sistema mais simples para um mais complexo ou vice-versa. Evolução não tem nenhum alvo [...] A mudança linguística é inintencional, é consequência de “replicação imperfeita” nas interações de falantes individuais à medida que adaptam as estratégias comunicativas de uns às dos outros ou a novas necessidades (COUTO, 2002: 11).

Sobre o progresso do tok pisin, Smith (2002: 49) ressalta que, na fonologia, devido à forte influência do inglês, fonemas típicos dessa língua como /θ/ e /ð/, entre outros, são possíveis de serem encontrados como resultado de empréstimo não naturalizado e, desta forma, considerados uma ‘variação fonológica’. Entre eles: /f/ em situações nas quais no *tok pisin* padrão seria /p/; /ʃ/ para /s/; /θ/ para /t/ e ainda a inclusão dos fonemas /ʒ/; /dʒ/, /ð/ e /tʃ/, nas ocorrências apresentadas no quadro 36.

<i>Fonema</i>	<i>Exemplo</i>	<i>Forma padrão (Mihalic, 1971)</i>	<i>Inglês</i>	<i>Tradução</i>
f	fis aftanun faia fren	pis apinun paia pren	fish afternoon fire friend	peixe período da tarde fogo amigo
ʃ	piʃ ʃut steʃim ʃap ʃuga	pis sut stesim sap suka	fish shoot station sharp sugar	peixe atirar estação cortar açúcar
θ	noθ	Not	North	Norte
ʒ	enzin pasenzas	ensin pasendia	engine passengers	máquina passageiros
dʒ	vilidʒ	viles	village	vila

ð	klouðz	klos	clouthes	roupas
ʃ	ketʃim tiʃa ʃekim	kisim tisa sekim	catch teacher check	pegar professor (a) checar

Quadro 36: Exemplos de fonemas incorporados ao *tok pisin*.  
Dados de Smith (2002).

Além destes, identifiquei, nos dados (quadro 37)<sup>22</sup>, variação no uso das oclusivas surda e sonora, como em [rod] > [rot] ‘road’ (rodovia, estrada); [lukim] > [lugim] ‘to look’ (olhar) ou [litim] > [lidim] ‘to lead’ (conduzir, liderar); uso irregular e opcional da glotal /h/ precedendo uma vogal, como em [eve] > [heve] ‘have’ (ter), com predomínio da glotal; e livre alternância entre /s/ e /ʃ/, como em [ausait] > [auʃaid] ‘outside’ (externo), predominando o fonema /s/.

<i>Dados de pesquisa</i>	<i>Forma padrão</i>	<i>Inglês</i>	<i>Português</i>
/tingim/	/tinkim/	to think	pensar
/lukim/	/lugim/	to look	olhar
/litim/	/lidim/	to lead	lidar
/rot/	/rod/	road	rodovia
/heve/	/eve/	have	ter
/fotint/	não há registro	fourteenth	14°
/ʃeins/	/senis/	to change	mudar

Quadro 37: Exemplos de variação no uso de oclusivas surda e sonora  
Fonte: Radio Australia

Ao contrário do que Smith (2002) apresenta, nos dados da Radio Australia não registrei nenhuma ocorrência dos fonemas /θ/ e /ð/, prevalecendo a forma padrão /t/ e /d/. O fonema /ʃ/ apareceu em número bem reduzido, como: /ʃeins/ ‘change’ (mudar), em oposição à forma tradicional /sinis/. Entretanto, acredito que esses fonemas possam ser encontrados em textos como os da Radio Australia, tendo em vista que os meios de comunicação na Papua Nova Guiné são propícios ao uso de uma variedade anglicizada.

<sup>22</sup> Dados de pesquisa: Radio Australia (www.radioaustralia.net.au), relacionados no *corpus*.

Percebi, nos áudios analisados, que há livre alternância entre o uso de vocábulos do inglês e do *tok pisin*: ora o falante usa [*from*] ora usa [*long*] no mesmo diálogo. Veja o exemplo no quadro 38.

<i>Inglês</i> (from > from)	<i>Tok pisin</i> (long > from)
Oke, putim mi lo dispela. Ating bihain long apinun o tumora, mi gat wanpela tiket bai mi no bin yusim <b><u>from</u></b> Lae kam long hia.	<b><u>Long</u></b> hia i go long Mosbi.
‘OK, put me on that one. Perhaps later this afternoon or tomorrow, I’ve got a ticket that I haven’t used it <b><u>from</u></b> Lae to here’.  (Ok, coloque-me naquele. Talvez depois, esta tarde ou amanhã, eu consiga uma passagem que eu não tenha usado de Lae até aqui.)	<b><u>From</u></b> here to Port Moresby.  (Daqui para Port Moresby)

Quadro 38: Exemplos do uso de *from* e *long* por falante do tok pisin

Fonte: <http://www.ida.liu.se/~g-robek/PNG-TokPisin.htm>

Todavia, os ‘novos’ fonemas encontrados no tok pisin ainda não podem ser considerados fonemas distintos, pois não há exemplos suficientes para que seja realizado o teste do ‘par mínimo’, necessário para a estabilização de um fonema. Além disso, Smith (2002: 46) observou, em sua pesquisa, que a frequência de uso do fonema /θ/, comparado à forma padrão – fonema /t/ – em casos como: /tri/ > /θri/ ‘three’ (três), é consideravelmente menor: 128 ocorrências de /tri/ e apenas 8 de /θri/. O índice foi ainda menor com o vocábulo /mauθ/ ‘mouth’ (boca) em relação ao vocábulo padrão /maus/: 79 ocorrências de /maus/ e apenas 01 de /mauθ/.

Da mesma forma, Smith (2002: 46) relatou que o fonema /ð/ é menos frequente do que o seu equivalente /d/. O vocábulo /braða/ ‘brother’ (irmão) ocorreu 41 vezes, enquanto que /brata; barata/ ocorreu 857 vezes e a forma intermediária /brada/ ocorreu 373 vezes. Com o fonema /ʃ/ acontece do mesmo jeito: a forma padrão – com fonema /s/ – é muito mais constante. Por exemplo, /bus/ ‘bush’ (mato) incidiu 704 vezes e /buʃ/ apenas 40 vezes.

Outros fenômenos que vêm se tornando comuns no tok pisin, em razão da clara influência do inglês, mostrados em Smith (2002: 48), são: 1) sequência de três consoantes em final de sílaba (coda complexa), como em [neks] > [nekst] ‘next’ (próximo); 2) encontro não



padrão de duas consoantes em final de sílaba, como /st/ em [pos] > [post] ‘house post’ (correio) e, em início de sílaba, como /ks/ em [kisim] > [ksim] ‘get’ (obter).

Os encontros consonantais localizados nos dados da Radio Austrália são os que se veem no quadro 39.

<i>Forma</i>	<i>Dados de pesquisa</i>	<i>Forma padrão</i>	<i>Inglês</i>	<i>Português</i>
-/st/	[economist]	[ekonomis]	economist	economista
/ks/-	[ile-ksan]	[ile-kisim]	election	eleição
-CCC	[ser-vants]	[seven]	servants	serventes

Quadro 39: Exemplos de sequência de três consoantes em final de sílaba  
Fonte: Radio Australia

Vê-se que a inclusão e estabilização de ‘novos’ fonemas no tok pisin são um assunto ainda obscuro, considerando que não foram observadas possibilidades de os falantes do tok pisin abandonarem o crioulo em favor do inglês. Couto (2009: 13) observa que, em situação de contato de línguas, nem sempre a mais forte (econômica, política e militarmente) consegue impor-se na íntegra, causando o desaparecimento da(s) língua(s) dominada(s).

Couto (2009) salienta que a preocupação em manter a língua de uma sociedade isenta da influência de outras, em virtude de um purismo utópico, vai, aos poucos, dando vez a uma concepção mais liberal, desde que o contato linguístico seja uma constante na dinâmica das línguas. O que se espera é que dessa interação haja um enriquecimento do léxico e que os fenômenos de mudança decorram naturalmente de um processo de variação inevitável, sem que provoque, de modo fatal, a extinção de qualquer língua minoritária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa revelou a história do tok pisin desde a sua formação, a partir de um protopidgin mostrado em três esquemas, propostos por Hall (1961), Wurm (1971 *apud* Mühlhäusler, 1986) e Hancock (1971). Sobre o pidgin de origem tok pisin – o inglês melanésio – a pesquisa mostrou que o cenário multilíngue das plantações foi fundamental para que lavradores, ao retornarem para suas casas, levassem esse pidgin como língua de contato, favorecendo a sua difusão como língua franca em toda a Melanésia.

Apresentamos neste trabalho o processo de evolução do tok pisin – de pidgin a crioulo – e sua forma nos dias atuais. Vimos que, na época de formação, o tok pisin parecia ser muito mais ‘simples’ do que na sua fase de estabilização e que, atualmente, mostra-se uma língua em plena funcionalidade comunicativa, sendo considerada a principal e a mais falada em Papua Nova Guiné – um país com mais de 850 línguas.

A tese apresentada teve como meta realizar um estudo do sistema fonológico, especialmente da sílaba do tok pisin, a fim de esclarecer o fato, observado anteriormente, de essa língua ter estruturas silábicas mais próximas da língua lexificadora do que das línguas de substrato, caracterizando uma situação oposta ao que ocorre na hipótese da relexificação, proposta por Claire Lefebvre.

O desenvolvimento do estudo permitiu confirmar a hipótese de que, de fato, o equivalente ao aspecto gramatical da fonologia (padrões silábicos) do tok pisin tende a se aproximar do inglês, enquanto o equivalente ao aspecto lexical (inventário de fonemas) permanece mais próximo das línguas de substrato.

Esse argumento está embasado nos dados do tok pisin basilectal, comentados no capítulo 6, os quais demonstram que o inventário dos fonemas do tok pisin está mais próximo das línguas motu, enga e tolai, enquanto as silábicas são semelhantes àqueles encontrados no inglês. Foi averiguado que as palavras com sílabas complexas são de origem inglesa; entretanto, perfeitamente incorporadas e adaptadas à língua tok pisin. O estudo mostrou, ainda, que as sílabas mais complexas são aquelas com sequência de três consoantes no afixo.

Sobre o tok pisin acroletal, esta pesquisa permitiu identificar que há muita influência do inglês na sua fonologia. Foram expostos casos de consoantes típicas do inglês no tok pisin, consideradas uma ‘variação fonológica’ e não fonemas distintos.

Este estudo contribuiu para refletir sobre o sistema linguístico das línguas crioulas, do ponto de vista da complexidade e das possibilidades de elaboração e adequação

do seu sistema fonológico, mostrando não haver evidência empírica para considerar os crioulos como sendo línguas menos elaboradas ou menos adequadas às diversas situações de comunicação.

É preciso reconhecer que o tok pisin atual parece estar cada vez mais próximo do inglês, em razão do grande número de palavras adotadas e da boa assimilação da fonologia pelos falantes dessa língua. Todavia, não acredito que o tok pisin atual, em razão do forte contato com o inglês, esteja em processo de “descrioulização”. Creio que os empréstimos fonológicos do inglês, presentes no tok pisin, impulsionados pela necessidade de comunicação entre os falantes da Papua Nova Guiné, sejam sinônimos de evolução, pois a inclusão e estabilização de novos vocábulos no tok pisin são essenciais para enriquecê-lo e, conseqüentemente, para diminuir a barreira linguística existente no país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARHORST, Terry D. e O'DELL-BARHORST, Sylvia. 1996. **Pidgin/English Dictionary**. Disponível em <[www.june29.com/HLP/lang/pidgin.html](http://www.june29.com/HLP/lang/pidgin.html)> . Acesso em 10 de mar. de 2012.

BEAUMONT, Clive H.; FRANKLIN, Karl J.; KERR, Harland B. 1974. **Tolai language course**. 3.ed. Language Data Asian-Pacific Series 7. Papua New Guinea: Summer Institute of Linguistics.

BICKERTON, Derek. 1984. The language biogram hypothesis. **The Behavioral and Brain Science**, United States, n.7, p. 173-221.

BISOL, Leda. 1999. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre, Ed. PUC-RS.

CLEMENTS, Georges N.; KEYSER, Samuel J. 1983. **CV Phonology**: a generative theory of the syllable. Cambridge: MIT Press.

COUTO, Hildo H. 1994. **O crioulo português da Guiné-Bissau**. Hamburgo: Helmut Buske Verlag.

\_\_\_\_\_. 1996. **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins**. Brasília: Editora UnB.

\_\_\_\_\_. 1997. **Fonologia e fonologia do português**. Brasília: Thesaurus.

\_\_\_\_\_. 2002. **Anticrioulo**: manifestações lingüísticas de resistência cultural. Brasília: Thesaurus.

\_\_\_\_\_. 2009. **Lingüística, ecologia e ecolingüística**. São Paulo: Editora Contexto.

CRYSTAL, David. 2003. **The Cambridge Encyclopedic of the English Language**. Cambridge: Cambridge University Press.

DeCAMP, David. 1971. Introduction: the study of pidgin and creole languages. Em: Dell, Hymes (Org.). **Pidginisation and creolisation of language**. Cambridge: Cambridge University Press, pp 13-39.

DeCAMP, David; HANCOCK, Ian (Orgs.). 1974. **Pidgins and creoles: current trends and prospects**. Washington: Georgetown University Press.

DUTTON, Tom. 1995. **Queensland Canefields English of the late Nineteenth Century**. Pacific Linguistics. Series D, Special Publications, N.29. Canberra: Research School of Pacific Studies, Australian National University.

ENGA Organised Phonology Data. 2012. 3p. Summer Institute of Linguistic – SIL. Papua Nova Guiné. Disponível em: <<http://www.sil.org/pacific/png/abstract.asp?id=928474542367>>. Acesso em 10 de nov. de 2012.

GOLDSMITH, John H. 1990. **Autosegmental and metrical phonology**. Oxford: Basil Blackwell.

HALL, Robert A. Jr. 1961. How pidgin English has evolved. **New Scientist**, v.9, 413-415.

\_\_\_\_\_. 1966. **Pidgin and creole languages**. Ithaca: Cornell University Press.

HOLM, John. 1989. **Pidgins and creoles**. New York: Cambridge University Press.

HYMES, Dell (Org.). 1971. **Pidginization and creolization of languages**. Cambridge: Cambridge University Press.

KAHN, Daniel. 1976. **Syllable-based generalizations in English phonology**. Thesis. Ph.D. Massachusetts Institute of Technology. Department of Foreign Literatures and Linguistics. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1721.1/16397>> Acesso em: 13 mar. 2011.

KATAMBA, Francis. 1989. **An introduction to phonology**. New York: Longman.

LASS, R. 1984. **Phonology: an introduction to basic concepts**. Cambridge: Cambridge University Press.

LAYCOCK, Donald C. 1970. **Materials in New Guinea pidgin (Coastal and Lawlands)**. Canberra: Australian National University.

LEFEBVRE, Claire. 1998. Creole genesis and the acquisition of grammar: the case of Haitian creole. **Cambridge Studies in Linguistics**, v.88. Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. 2001. Relexificação in creole genesis and its effects on the development of the creole. Em: Smith, Norval; Veenstra, Tonjes (Orgs). **Creolization and Contact**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publisher. pp 9-42.

LEFEBVRE, Claire; LUMSDEN, John S. 1994. **The central role of relexification in creole genesis: the case of haitian creole.** Montreal, Ed. Universite du Quebec.

LITTERAL, Robert. 1969. **A programmed course in New Guinea pidgin.** Hong Kong: Jacaranda Press.

LYNCH, John; ROSS, Malcolm. CROWLEY, Terry. **The oceanic languages.** Britain: Routledge.

MIHALIC, Francis. 1971. **The Jacaranda Dictionary and Grammar of Melanesian Pidgin.** Australia: Jacaranda Press.

\_\_\_\_\_. 1982. **Tok Pisin: the easy way.** Papua Nova Guiné: Wantok Publications.

McMOHON, April. 2002. An introduction to English phonology. Edinburg: Edinburgh University Press. Disponível em <[http://202.116.73.224/ebookfull/UploadFiles\\_7160/200905/2009050617114628.pdf](http://202.116.73.224/ebookfull/UploadFiles_7160/200905/2009050617114628.pdf)>. Acesso em 16 de mar. de 2011.

MOSEL, Ulrike. 1980. Tolai and Tok Pisin: the influence of the substratum on the development of New Guinea Pidgin. Canberra, Ed. Pacific Linguistics.

MÜHLHÄUSLER, Peter. 1981. Foreigner talk: tok masta in New Guinea. **International Journal of the Sociology of Language**, n.28, pp 93-113.

\_\_\_\_\_. 1983. Samoan plantation pidgin english and the origem of new guinea pidgin. Em: Woolford, E.; Washabaugh, W. (Orgs.). **The social context of creolization.** Ann Arbor: Karoma, pp. 28-76.

\_\_\_\_\_. 1986. **Pidgins and creoles linguistics.** New York: Basil Blackwell.

MUYSKEN, Pieter C. 1981. Half-way between Quechua and Spanish: the case for relexification. Em: Highfield, A. R.; Valdman, A. (Eds). **Historicity and Variation in Creole Studies.** New York: Academic Press, pp. 52-79.

REINECKE, John. 1937. **Marginal languages: a sociological survey of the creole languages and trade jargons**, v.1. USA: Yale University.

RIBEIRO, Celeste Garcia. 2005. **O crioulo inglês tok pisin da Papua Nova Guiné: contexto histórico e categorias gramaticais.** Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília.

ROACH, Peter. 2000. **English Phonetics and Phonology**. 3ed. Cambridge: Cambridge University Press.

ROMAINE, Suzanne. 1988. **Pidgin and creole language**. Londres: Longman.

ROMAINE, Suzanne. 1992. **Language, education and development**: urban and rural tok pisin in Papua New Guinea. Oxford: Oxford University Press.

SANKOFF, Gillian. 1979. The genesis of a language. Em: Hill, Kenneth (Org.). **The genesis of language**. Ann Arbor: Karoma, pp. 23-47.

SANKOFF, Gillian; LABERGE, Suzanne. 1974. On the acquisition of native speakers by a language. Em: DeCamp, D.; Hancock, I. (Eds.). **Pidgins and Creoles**: Current trends and prospects. Washington DC: Georgetown University Press, 73-84.

SELKIRK, Elisabeth O. 1982. The syllable. Em: **The structure of phonological representations**. 2ed. Hulst, Harry van der; Smith, Norval. Cinnaminson, N.J.:

SIEGEL, Jeff. 2003. Tok Pisin: grammar and vocabulary. **Journal of Pidgin and Creole Languages**. Disponível em <[www.une.edu.au/langnet/tokpisin.htm](http://www.une.edu.au/langnet/tokpisin.htm)>. Acesso em 24 de abril de 2011.

SILVA, Thaís Cristófar. 2007. **Fonética e Fonologia do Português**: Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios. São Paulo: Contexto.

SMITH, Geoff P. 2002. **Growing up with tok pisin**. London: Battlebridge Publications.

SMITH, Geoffrey. 1998. English and melanesian pidgin in the Admiralty Islands. **Links and Letters**, n.5, Hong Kong: The English Center of Hong Kong University, pp.109-125.

SUMBUK, Kenneth M. 1993. Is tok pisin a threat to Sare? Em: Byrne, Francis e Holm, John (Orgs.), pp. 309-317.

WOLFERS, Edward. 1971. A report on neomelanesian. Em: Dell, Hymes (Org.). **Pidginisation and creolisation of language**. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 413-419.

WOOLFORD, Ellen. 1979. The developing complementizer system of tok pisin: syntactic change in process. Em: Hill, Kenneth (Org.). **The genesis of language**. Ann Arbor: Karoma, pp. 108-124.

WURM, Stephen (Ed.). 1975. **New Guinea Area Languages and Language Study**. v.01. Pacific Linguistics. Canberra, The Australian National University.

\_\_\_\_\_. 1977. Pidgins, creoles, lingue franche and nacional development. Em: Valdman, A. (Org.). **Pidgins and creole linguistics**. Indiana: Indiana University Press, pp. 333-357.

\_\_\_\_\_. 1978. The emerging linguistic picture and linguistic prehistory of the southwestern pacific. Em: McCormack, W. C.; Wurm, S. A. (Org.). **Approaches to language: anthropological issues**. The Hange: Mouton, pp. 191-221.

\_\_\_\_\_. 1980. Standardization and instrumentalization in tok pisin. Em: Valdman, A; Highfield, A. (Orgs.). **Theoretical Orientations in Creole Studies**. New York, London, Toronto, Sydney and San Francisco: Academic Press, pp. 237-244

WURM; S. A.; MÜHLHAÜSLER, P. 1985. **Handbook of Tok Pisin** (New Guinea Pidgin), Canberra: Pacific Linguistics.



## APÊNDICE

### **CORPUS:**

#### ***Tok Pisin-Inglês-Português***

1 [abababa] ‘bubble gum’ (goma de mascar)	2 [adresim] ‘address (letter)’ (endereço)
3 [ai] ‘eve’ (véspera)	4 [ai] ‘eye’ (olho)
5 [aiglas] ‘eyeglass’ (óculos)	6 [ain] ‘iron’ (ferro)
7 [ais] ‘ice’ (gelo)	8 [aiskrim] ‘ice-cream’ (sorvete)
9 [akselareta] ‘accelerator’ (acelerador)	10 [alta] ‘altar’ (altar)
11 [ami] ‘army’ (exército)	12 [ananit] ‘botton’ (botão)
13 [ansaim] ‘answer’ (resposta)	14 [apinun] ‘afternoon’ (tarde)
15 [arasait] ‘far side’ (longe)	16 [asde] ‘yesterday’ (ontem)
17 [aswa] ‘difficulty’ (difícil)	18 [atiŋ] ‘probably’ (provavelmente)
19 [ausait] ‘outside’ (lado de fora)	21 [austrelja] ‘Australia’ (Austrália)
20 [au[aid] ‘outside’ (lado de fora)	
22 [autim] ‘cross out’ (apagar)	23 [aven] ‘oven’ (forno)
24 [awa] ‘hour’ (hora)	25 [bək] ‘back’ (atrás)
26 [ba] ‘bar’ (barra)	27 [bagarap] ‘bugged up’ (esgotado)
28 [bagarapim] ‘bugged up’ (cansado)	29 [baimbas] ‘catch a bus’ (pegar o ônibus)
30 [balus] ‘aeroplane’ (aeronave)	31 [baptaisim] ‘baptizer’ (batizar)
32 [belisi] ‘calm’ (calmo)	33 [belo] ‘bell’ (sino)
34 [beng] ‘bank’ (banco)	35 [beten] ‘worship (God)’ (veneração a Deus)
36 [bikmama] ‘paternal aunt’ (tia paterna)	37 [bikpela] ‘main, big’ (principal, grande)
38 [bikpelasu] ‘boot (n)’ (bota)	39 [bikbus] ‘big + bush > jungle (floresta)
40 [bikples] ‘big + place > main village’ (vila principal)	41 [bikrot] ‘big + road > main road’ (rodovia principal)
42 [biktaum] ‘big + town > city’ (cidade)	43 [bil] ‘bill’ (conta)
44 [bilas] ‘finery’ (elegância)	45 [biling] ‘boil’ (ferver)
46 [bi]long] ‘from’ (de)	48 [binatang] ‘insect’ (inseto)
47 [from] ‘from’ (de)	
49 [biro] ‘bait’ (isca)	50 [bja] ‘beer’ (cerveja)
51 [bja] ‘beer’ (cerveja)	52 [bihaim] ‘behind’ (depois)
53 [blakpela] ‘black’ (preto)	54 [blwe] ‘blue’ (azul)
55 [boamasin] ‘base machine’ (máquina)	56 [botol] ‘bottle’ (garrafa)
57 [brait] ‘broad’ (largo)	58 [brisi] ‘wharf’ (molhe)
59 [bros] ‘chest’	60 [bugol] ‘bugle’ (corneta)
61 [bun] ‘bone’ (osso)	62 [bus] ‘bush’ (mato)
63 [dʒas] ‘judge’ (juiz)	64 [dʒisas] ‘Jesus’
65 [dɔkta] ‘doctor’ (doutor)	66 [dʒoinim] ‘to join’ (juntar)
67 [dʒosua] ‘Joshua’ (Josué)	68 [dʒakop] ‘Jacob’ (Jacó)
69 [daiman] ‘dead man’ (pessoa morta)	70 [digim] ‘dig’ (cavar)

71 [dinau] 'debt' (débito)	72 [distrik] 'district' (distrito)
73 [dja] 'dear' (querido/a)	74 [draiva] 'driver' (motorista)
75 [dring] 'drink (n)' (beber)	76 [dringim] 'drink (v)' (beber)
77 [edukeitim] 'educate' (educar)	78 [em] 'he' (ele)
79 [epot] 'airport' (aeroporto)	80 [etpela] 'eight' (oito)
81 [eve] 'have' (ter)	83 [gjabokis] 'gearbox' (caixa de câmbio)
82 [heve] 'have' (ter)	
84 [Eksodas] 'Exodus' (Êxodos)	85
86 [faipela] 'five' (cinco)	87 [febrweri] 'February' (Fevereiro)
88 [filim] 'feel' (sentir)	89 [fopela] 'four' (quatro)
90 [fraide] 'Friday' (sexta-feira)	91 [fran] 'front' (frente)
92 [gaden] 'garden' (jardim)	93 [galen] 'gallon' (galão)
94 [galip] 'nut' (noz)	95 [garamut] 'drum' (tambor)
96 [gjaman] 'false' (falso)	97 [glaman] 'kid' (criança)
98 [graun] 'earth' (terra)	99 [gre] 'grey' (cinza)
100 [grins] 'greens' 'vegetables' (vegetais)	101 [gro] 'grow' (crescer)
102 [gwava] 'guava' (goiaba)	103 [haltim] 'hide' (esconder)
104 [hamamas] 'happy' (feliz)	105 [hambak] 'annoy' (importunar)
106 [han] 'arm' (braço)	107 [hangre] 'hungry' (faminto)
108 [hankisip] 'half-caste' (mestiço)	109 [hanpaus] 'hand + bag' (bolsa de mão)
110 [hapasde] 'day after yesterday' (antes de ontem)	111 [hapim] 'halve' (cortar ao meio)
112 [hapkas] 'groin' (virilha)	113 [haptumora] 'after tomorrow' (depois de amanhã)
114 [harim] 'hear' (ouvir)	115 [hat] 'hat' (chapéu)
116 [hat] 'harbour (n)' (porto)	117 [haus mani] 'house + money > bank' (banco)
118 [haus pamuk] 'brothel' (bordel)	119 [hetim] 'hate' (detestar)
120 [hon] 'horn' (chifre)	121 [hop] 'hope' (esperar)
122 [hos] 'horse' (cavalo)	123 [i bin praim] 'fried' (frito)
124 [i gat wok] 'busy' (ocupado)	125 [i no dja] 'cheap' (barato)
126 [inap] 'enough' (suficiente)	127 [ininim] 'iron something' (passar algo a ferro)
128 [intaviwa] 'interviewer' (entrevistador)	129 [isi] 'easy' (fácil)
130 [ista] 'Easter' (Páscoa)	131 [jambo] 'jambo' (jambo)
132 [jangpela] 'young' (jovem)	133 [kɔk] 'cock' (pênis)
134 [kɔt] 'court' (côrte)	135 [ka] 'car' (carro)
136 [kabis] 'cabbage' (cabana)	137 [kaga] 'have' (ter)
138 [kagoboi] 'cargoboy' (carregador)	139 [kaikai loŋ belo] 'dinner' (jantar)
140 [kaikai] 'meal' (refeição)	141 [kain] 'kind' (tipo, bondoso)
142 [kakaruk] 'fowl' (galináceo doméstico)	143 [kala] 'colour' (cor)
144 [kalenda] 'calendar' (calendário)	145 [kamap] 'come up' (suba)
146 [kambang] 'lime, powder' (limo)	147 [kamera] 'camera' (câmera)
148 [kanaka] 'indigenous person' (indígena)	149 [kandere] 'uncle (maternal)' (tio materno)
150 [kapet] 'cupboard' (armário)	151 [kapjak] 'breadfruit' (fruta pão)

152 [kaptən] ‘captain (of ship)’ (capitão de navio)	153 [kari] ‘curry’ (curri)
154 [kas] ‘cards’ (cartas)	155 [kasang] ‘peanut’ (amendoim)
156 [kasava] ‘cassava’ (mandioca)	157 [kaskas] ‘scabies’ (doença de pele)
158 [kastet] ‘custard’ (custard)	159 [katalik] ‘Catholic’ (católico)
160 [kek] ‘cake’ (bolo)	161 [kek] ‘cake’ (torta)
162 [kilogiram] ‘kilogram’ (kilograma)	163 [kilomita] ‘kilometer’ (quilômetro)
164 [kindam] ‘crayfish’ (custáceos)	165 [kirapim] ‘open (new business)’ (abrir um novo negócio)
166 [kjau] ‘egg’ (ovo)	167 [kjau] ‘light globe’ (globo de luz)
168 [klɔk] ‘clock’ (relógio)	169 [klin] ‘clean’ (limpar)
170 [klja] ‘clear’ (claro, transparente)	171 [klostu] ‘close to > almost’ (quase)
172 [kolim] ‘to call someone’ (chamar alguém)	173 [kom] ‘comb’ (pente)
174 [kopi] ‘coffee’ (café)	176 [kos] ‘course’ (curso)
175 [kopi] ‘copy’ (cópia)	
177 [kotren] ‘coat + rain > raincoat’ (capa de chuva)	178 [kouk] ‘coke’ (coca-cola)
179 [krai] ‘cry’ (chorar)	180 [kristen] ‘Christian’ (Cristão)
181 [kulau] ‘goods’ (bens)	182 [kumu] ‘greens’ (vegetables, verdes)
183 [kumul] ‘Bird of Paradise’ (Pássaro do Paraíso)	184 [kundu] ‘drum’ (tambor)
185 [kutamba] ‘cucumber’ (pepino)	186 [laikim] ‘like’ (gostar; amar)
187 [lain] ‘family’ (família)	188 [lainim] ‘learn’ (aprender)
189 [laita] ‘light (gas)’ (luz, combustível)	190 [laki] ‘lucky’ (sorte)
191 [lam] ‘lamp’ (lâmpada)	192 [lang] ‘lung’ (pulmão)
193 [lap] ‘laugh’ (rir)	194 [laplap] ‘clothe’ (roupa)
195 [lata] ‘steps’ (degraus, passos)	196 [laulau] ‘Malay apple’ (maçã Malaia)
197 [laus] ‘louse’ (piolho)	198 [letabokis] ‘letter + box’ (caixa postal)
199 [letis] ‘lettuce’ (alface)	200 [lewa] ‘liver’ (morador)
201 [liklik] ‘little’ (pouco)	202 [lipt] ‘lift’ (elevador)
203 [liptimupim] ‘lift + him + up’ (elevar)	204 [liwa] ‘lines’ (intestino)
205 [lo] ‘law’ (lei)	206 [loja] ‘law + man > lawyer’ (advogado)
207 [lok] ‘lock(n)’ (trancar)	208 [loman] ‘law + man > lawyer’ (advogado)
209 [lon] ‘loan’ (empréstimo)	210 [longwe] ‘long + way > far’ (longe)
211 [lukim] ‘to look’ (olhar)	213 [litim] ‘to lead’ (conduzir)
212 [lugim] ‘to look’ (olhar)	214 [lidim] ‘to lead’ (conduzir)
215 [lukluk] ‘look’ (olhar)	216 [lusim] ‘lose’ (perder)
217 [luteram] ‘Lutheran’ (Luterano)	218 [mafla] ‘muffler’ (cachecol)
219 [maket] ‘market’ (mercado)	220 [makmak] ‘multicoloured’ (multicolorido)
221 [maleo] ‘eel’ (marisco)	222 [malolo] ‘rest’ (descanço)
223 [mama] ‘mother’ (mamãe)	224 [mami] ‘mother’ (mãe)
225 [mande] ‘Monday’ (Segunda-feira)	226 [mango] ‘mango’ (manga (fruta))
227 [map] ‘map’ (mapa)	228 [marit] ‘married’ (casado)
229 [masalai] ‘spirit’ (espírito)	230 [masin] ‘machine’ (máquina)

231 [masis] ‘matches’ (fósforos)	232 [maski] ‘ignore’ (ignorar)
233 [mastet] ‘mustard’ (mostarda)	234 [matakjau] ‘blind in one eye’ (tampar um olho)
235 [mekenik] ‘mechanic’ (mecânico)	236 [mekim] ‘make’ (fazer)
237 [meme] ‘pulp’ (polpa)	238 [memeim] ‘pulverize’ (pulverizar)
239 [misinare] ‘missionary’ (missionário)	240 [mita] ‘metre’ (metro)
241 [moa nogut] ‘more no good > worse’ (pior)	242 [moa] ‘more’ (mais)
243 [moniŋ] ‘morning’ (manhã)	244 [moniŋtaim] ‘morning + time’ (manhã)
245 [moran] ‘python’ (demônio)	246 [mosong] ‘fine hair’ (cabelo fino)
247 [mowa] ‘lawn mower’ (cortador de grama)	248 [mun] ‘moon; month’ (lua, mês)
249 [muruk] ‘cassowary’ ( <i>cassowary</i> (pássaro))	250 [nabaut] ‘about’ (cerca de)
251 [naintifaiv] ‘ninety-five’ (noventa e cinco)	252 [naip] ‘knife’ (faca)
253 [naip] ‘knife’ (faca)	254 [naispela] ‘nice’ (bondoso)
255 [nait] ‘night’ (noite)	256 [namba] ‘number’ (número)
257 [name] ‘middle’ (metade)	258 [narakain] ‘another one’ (outro)
259 [nat] ‘nut’ (castanha)	260 [natiŋ] ‘nothing’ (nenhum)
261 [natnat] ‘mosquito’ (mosquito)	262 [nau] ‘now’ (agora)
263 [nek] ‘neck’ (pescoço)	264 [nem] ‘name’ (nome)
265 [nes] ‘nurse’ (enfermeira)	266 [nildaun] ‘kneel down’ (joelho)
267 [njuspepa] ‘newspaper’ (jornal)	268 [not] ‘north’ (norte)
269 [novemba] ‘November’ (Novembro)	270 [nupela] ‘new > fresh’ (novo; fresco)
271 [nus] ‘nose’ (nariz)	272 [ogas] ‘october’ (outubro)
273 [olgeta] ‘all + together’ (completo; junto)	274 [oloman] ‘gee!’ (vamos!)
275 [pait] ‘fight’ (luta)	276 [palai] ‘goanna’ (goana)
277 [palamen] ‘parliament’ (parlamento)	278 [papa] ‘daddy’ (papai)
279 [pasim] ‘put on (clothing)’ (vestir-se)	280 [pasindia] ‘passenger’ (passageiro)
281 [pasis] ‘handkerchief’ (lenço de mão)	282 [paspas] ‘band’ (banda)
283 [pastaim] ‘past + time’ (primeiro)	284 [pat] ‘part’ (parte)
285 [peim] ‘pay’ (pagar)	286 [pekpek] ‘defecate’ (defecar)
287 [pemit] ‘permit’ (licença)	288 [pepa] ‘paper’ (papel)
289 [pes] ‘face’ (face)	290 [piemvi] ‘PMV’ (PMV)
291 [pik] ‘pig’ (porco)	292 [pike] ‘chewing gum’ (goma de mascar)
293 [piksa] ‘picture’ (figura)	294 [pilim] ‘feel’ (sentir)
295 [pilo] ‘pillow’ (almofada)	296 [pin] ‘pin’ (pino)
297 [pispis] ‘piss > urinate’ (urinar)	298 [pjak] ‘fart’ (prisão de ventre)
299 [plai] ‘fly(v)’ (voar)	300 [planti] ‘plenty > a lot’ (muito)
301 [plasta] ‘plaste’ (colar; adesivo)	302 [plastik] ‘plastic’ (plástico)
303 [plawa] ‘flour’ (farinha)	304 [pleswaswas] ‘place + water > bathroom’ (banheiro)
305 [pok] ‘fork’ (garfo)	306 [pokona] ‘bullybeef’ (carne enlatada)
307 [polis] ‘police’ (polícia)	308 [popo] ‘papaya’ (papaya)
309 [poraman] ‘acquaintance’ (conhecimentos)	310 [poto] ‘photo’ (foto)
311 [pren] ‘friend’ (amigo)	312 [presiden] ‘president’ (presidente)

313 [pret] 'afraid' (medo)	314 [provins] 'province' (província)
315 [pukpuk] 'crocodile' (crocodilo)	316 [pulap] 'full up' (cheio)
317 [pulapim] 'fill' (completar)	318 [purpur] 'floor' (chão)
319 [putim] 'put' (colocar)	320 [rais] 'rice' (arroz)
321 [ram] 'run' (correr)	322 [rum] 'room' (quarto; apartamento)
323 [ranin] 'chase' (capturar)	324 [raskol] 'criminal' (criminoso)
325 [ratol] 'rattle' (chocalho)	326 [rekot] 'record (n)' (gravar)
327 [resa] 'razor' (barbeador)	328 [ring] 'ring' (tocar)
329 [ritim] 'read something' (ler algo)	330 [rokkrok] 'frog' (sapo)
331 [rong] 'wrong' (errado)	332 [rot] 'road' (caminho, estrada)
	333 [rod] 'road' (estrada)
334 [sai] 'chair' (cadeira)	335 [sajor] 'greens' (verdes)
336 [samtin] 'something' (algo)	337 [sanap loŋ kot] 'appear in court' (aparecer na corte)
338 [sanda] 'perfume' (perfume)	339 [sangana] 'green coconut' (côco verde)
340 [sanguma] 'magic' (mágica)	341 [sapk] 'drunk' (bêbado)
342 [sapota] 'supporter' (suporte)	343 [sapatim] 'support' (suportar)
344 [saripim] 'cut grass with <i>sarip</i> ' (cortar grama com um <i>sarip</i> )	345 [sekim] 'check' (checar)
346 [sekreteri] 'secretary' (secretária)	347 [sen] 'chain' (corrente)
348 [senis] 'change' (trocar)	350 [senisim] 'change (transport)' (trocar de transporte)
349 [fēnis] 'change' (trocar)	
351 [sentimita] 'centimetre' (centímetro)	352 [sikau] 'wallaby' (canguru)
353 [sikibaga] 'silk bugger' (perturbado; estressado)	354 [simen] 'cement' (semente)
355 [singsing] 'sing, festival' (cantar, festival)	356 [sipsip] 'sheep' (carneiro)
357 [sisis] 'scissors' (tessoura)	358 [sjos] 'church' (igreja)
359 [sjot] 'shirt' (camisa)	360 [skel] 'scale' (balança)
361 [skru] 'joint' (conexão)	362 [slip] 'sleep' (dormir)
363 [slipim] 'sleep (v)' (dormir)	364 [soim] 'to show' (mostrar)
365 [sok] 'sock' (meia)	366 [sol] 'salt' (sal)
367 [sop] 'shop' (loja)	368 [sop] 'soap' (sabão)
369 [sops] 'chops' (bisteca)	370 [sori] 'sorry' (triste)
371 [sos] 'sauce' (molho)	372 [sosis] 'sausage' (lingüiça)
373 [sotwin] 'out of breath' (sem ar)	374 [spoilim] 'spoil' (ruína, destruição)
375 [stap] 'stop > live' (parar, morar)	376 [stesin] 'station, government' (estação, governo)
377 [stilim] 'steal' (roubar)	378 [strafim] 'punish' (punir)
379 [strena] 'strainer' (coador)	380 [stret] 'straight on' (direto, em frente)
381 [stretim] 'set the table' (por a mesa)	382 [string] 'loud' (som alto)
383 [strong] 'strong' (som alto)	384 [strongim] 'strong + him > promote' (promover)
385 [sumatin] 'schoolchild' (criança da escola)	386 [supja] 'spear' (espinho)
387 [supsup] 'fish spear' (peixe espinho)	388 [susu] 'milk' (leite)
389 [swa] 'sore' (dor, dolorido)	390 [taipim] 'type something' (digitar algo)

391 [taipis] 'typist' (digitador)	392 [talatala] 'preacher' (pregador de semão)
393 [tambolo] 'down' (para baixo)	394 [tanget] 'cord plant' (planta em corda)
395 [tapjok] 'tapioca' (tapioca)	396 [taul] 'towel' (toalha)
397 [taun] 'town' (cidade)	398 [tingting] 'thinking > opinion' (opinião)
399 [tisjot] 'T-shirt' (camiseta)	400 [toktok] 'talk > conversation' (conversa)
401 [traiiim] 'try' (experimentar algo)	402 [traim] 'try' (praticar algo, provar algo)
403 [traut] 'throw up' (vômito)	404 [troim] 'throw' (jogar, arremessar)
405 [troimweim] 'throw away' (jogar fora)	406 [tu] 'too' (também)
407 [tubel] 'doubt' (dúvida)	408 [tudak] 'too + dark' (escuro (cor))
409 [tulait] 'too light' (bem iluminado)	410 [tultul] 'consul' (cônsul)
411 [tumas] 'too much' (também)	412 [tunde] 'Tuesday' (Terça-feira)
413 [tuptup] 'cover' (cobrir)	414 [veranda] 'veranda' (varanda)
415 [vidjo] 'video' (vídeo)	416 [vidjorikoda] 'video + recorder' (vídeo cassete)
417 [vot] 'vote' (voto)	418 [wailis] 'wireless' (sem fio)
419 [wanblut] 'blood relative' (parente de sangue)	420 [wankain] 'one + kind > similar' (igual)
421 [wanpela] 'a, an' (um (a))	422 [wantok] 'one + talk > mono language' (monolíngüe)
423 [wanwokabaut] 'one work abroad > travelling companion' (companhia de viagem)	424 [wara] 'water' (água)
425 [wari] 'worry > problems' (problemas)	426 [wetim] 'wet' (molhado)
427 [windo] 'window' (janela)	428 [wok] 'work, job' (trabalho, serviço)
429 [wokabaut] 'work + abroad > travel' (viajar)	430 [wokim] 'work to/with' (trabalhar para/com)
431 [wokman] 'work + man > worker' (trabalhador)	432 [woksop] 'work + shop' (oficina)

## TEXTOS USADOS NA COMPOSIÇÃO DE ALGUNS VOCÁBULOS DO CORPUS

### 1 TEXTO: DIÁLOGO.

Fonte: [2http://www.ida.liu.se/~g-robek/PNG-TokPisin.htm](http://www.ida.liu.se/~g-robek/PNG-TokPisin.htm)

**L:** Ahm, wanpela sit i stap lo **fotint**.  
'Hmm, there is a seat on the **14<sup>th</sup>**

**D:** Oke, putim mi lo dispela. Ating bihain long apinun o tumora, mi gat wanpela tiket bai mi no bin yusim **from** Lae kam long hia.  
'OK, put me on that one. Perhaps later this afternoon or tomorrow, I've got a ticket that I haven't used it **from** Lae to here.'

**L:** OK. Em i bilong go long we? Lae o Mosbi?  
'OK. What's its destination? Lae or Port Moresby?'

**D:** Long hia i go **long** Mosbi.  
'**From** here to Port Moresby'

**L:** Oke.  
'OK'

**D:** So tiket mi toktok long en, mi holim **long** Mosbi, i kam bilong Kavieng tasol mi bin wokabout long narapela **rot**.  
'So the ticket I'm talking about, I had it **from** Port Moresby, to Kavieng, but I've come here by another **road**'.

**L:** Ah, oke, oke.  
'Ah, OK, OK'

**D:** Iya. Bai yumi **senisim**, tasol.  
'Yeah, we'll just **change** it'

**L:** So yu holim tiket i stap? Tasol em i...?  
'So you've got a ticket? But it...'

**D:** Ti... tiket i stap ... mi no karim i kam, mi raunraun tasol, na mi tok orait, bai mi paimin dispela wanpela sit na bai i rediim i stap. Ating apinun o tumora bai mi kam kisim.  
'I've got a ti... ticket ... I didn't bring it, I was just out, and I thought I'd go get this a seat and they can prepare it. Maybe this afternoon or tomorrow I'll come and get it'

**L:** Oke, bai mi givim yu **kopi** long buking. Yu weit.  
'OK. I'll give you a **copy** of the reservation. Wait a minute'

**D:** Yes. Oke.  
'Yes. OK'

## 2 TEXTOS: HISTÓRIAS DA BÍBLIA

### 2.1 “Vitória em Deus”

Fonte: <http://globalrecordings.net/>

#### VERSÃO EM TOK PISIN:

Piksa 1. **Josua** wantaim ol Isrel i **pait** long ol lain Amon *Eksodas 17:8-13*

Long taim ol dispela samting i kamap ol Isrel i no gat graun bilong ol yet. Ol i raun tasol long bikpela ples drai long hap sait bilong kantri nau yumi kolim Isrel. Moses i stap lida bilong ol na em i bin makim wanpela yangpela man nem bilong en **Josua** bilong i stap **kepten** bilong ol ami bilong Isrel. Wanpela taim ol lain Amalek i kam kirapim pait long ol Isrel. Orait na Moses i tokim **Josua** olsem, “Yu wantaim ol soldia i go pait long ol Amalek. Tasol mi yet bai mi sanap antap long wanpela liklik maunten hia na bai mi holim stik GOD i givim mi long han bilong mi.” Orait taim Moses i beten na holim dispela stik bilong GOD antap **Josua** wantaim ol Isrel i winim ol Amalek. Tasol bihain han bilong Moses i les na em i larim stik bilong GOD i go daun ol Amalek i winim ol Isrel. Olsem na tupela man i holim han bilong Moses i stap antap inap long apinum tru na GOD i helpim ol Isrel na ol i winim tru ol Amalek.

#### VERSÃO EM INGLÊS:

Picture 1. **Joshua Fights** The Amalekites. *Exodus 17:8-13*

The people of Israel had no land of their own. They roamed in the desert. Moses was their leader. He chose a young man named Joshua to be captain of his army. The Amalekites attacked Israel, so Moses said to Joshua, “Go out to fight the Amalekites. I will stand on the top of the hill with the rod of God in my hand.” While Moses held up the rod of God, Joshua and the Israelites were able to defeat the Amalekites. But Moses' arms grew tired and he could not hold them up to God. Then the Amalekites began to win the battle. So two men held up the arms of Moses until evening, and God helped Joshua defeat the Amalekites.

### 2.2 “Grandes homens de Deus”

Fonte: <http://globalrecordings.net/>

#### VERSÃO EM TOK PISIN

**Piksa 4. Jekop bungim wantaim GOD** *Genesis 32:1-32*

Jekop i laik go bek long as ples bilong en, tasol em i pret long Iso. Yumi save, Man bilong giaman oltaim em i save pret long arapela man i bekim rong bilong en, Orait long wanpela nait wanpela man i kamap long Jekop na i pait wantaim em i go inap tulait. Tupela i pait yet, na dispela man i save em i no inap win. Olsem na em i paitim Jekop long dispela hap bun bilong lek na bun bilong baksait i bung long en. Na bun long lek bilong Jekop i lus na em



painim hat long pait moa. Na dispela man i tokim em, “Nau bai nem bilong yu i no moa Jekop. Yu bin pait wantaim God, na wantaim man tu, na yu win pinis. Orait nupela nem bilong yu Isrel. Mining bilong dispela nem olsem: ‘pikinini bilong God stret.” Nau Jekop em i save olsem dispela man em i kam long God. Dispela man i kam bilong tekewe strong bilong Jekop bai em inap senisim Jekop na mekim em i kamap pikinini bilong God stret. Nau em i go bek long lain famili bilong em wantaim amamas na bel isi. Kantri Isrel i kamap bikpela tru na ol manmeri i save lotu stret long wanpela God tru. Taim yumi save giaman na trikim narapela, i olsem yumi pait o birua long pasin bilong God. Tasol God em i salim wanpela man i kam na em i ken senisim ol kain pasin bilong yumi tu. Dispela man em i Bikpela Jisas Krai.

#### VERSÃO EM INGLÊS:

#### **PICTURE 4: JACOB MEETS GOD** *Genesis 32:1-32*

Jacob worked for many years with his uncle Laban. After twenty(many) years Jacob had many children, many flocks, and many servants. God spoke to Jacob and told him it was now time for him to return to the place of his father, Isaac. So Jacob left Padan-Aram and set off for Canaan. He took all his wives and children, servants and flocks. They traveled for many days and came close to the land of Canaan. Jacob was concerned about his brother, Esau. He wondered whether Esau was still angry with him. He was afraid Esau would try to hurt him. Jacob loved God and wanted to please Him, but he wasn't sure God could protect him from Esau and fulfill the promises of blessing He had made to Jacob before.

Jacob made up his own plan to try and overcome Esau's anger. He prepared many of the animals of his flock to give as presents to Esau. He got them ready to send on ahead of him. He hoped that Esau would receive them and be pleased with them before he met Jacob.

That night Jacob was alone. A Man came and wrestled with Jacob. Jacob realized that it was God. Jacob realized that his own schemes and plans were not important. The important thing was to have God's blessing. The man touched Jacob's hip socket and put it out of joint. Now Jacob was weak and could not wrestle. But he clung to the man and said, "I will not let you go until you bless me." The man then told him that his name was changed from Jacob, which means "deceiver", to Israel, which means "a Prince with God". (He told Jacob that) he had proved himself strong with God and so he would also be strong with people.

So Jacob went to meet Esau, and he was limping. But Jacob was a changed man. He wasn't afraid of Esau now. He knew he didn't have to reply on his own schemes, he could trust God to care for him and to guide him.

When Jacob met Esau, Esau wasn't angry with him. Esau was happy to let Jacob come back to Canaan and settle in the country with all his family and flocks. So Jacob and his family were able to settle in Canaan, just as God had promised. Jacob was also able to see his father, Isaac, before he died. Jacob worshipped God and tried to please Him in everything he did. He also taught his family to worship God. He told them to bury all the idols and items associated with false gods that they might have with them. He tried to show them that they could trust God to care for them at all times.

### 3 TEXTOS: RADIO AUSTRALIA

**Pait namel long pipol blong sampela provins i lukim tripela pipol i dai na planti haus oli bagarapim long Lae long Morobe Provins.**

Dispela pait ibin kamap namel long ol pipol blong Western Highlands, Enga, Sepik na Morobe Provins long Lae

Bel heve ibin stap pinis namel long pipol blong ol provins ia long Lae, tasol niupela pait namel long ol i kamap gen long Fraide ikam kamap long Mande long dispela wik.

Dai blong tripela pipol ia i bringim namba blong olgeta husat i dai long dispela heve i kamap long sevenpela pipol.

Lae Metropolitan Police Commander, Superintendent Nema Mondiai i tok dispela niupela pait i kamapim bagarap long ol propati na planti femili i nogat ples blong stap.

Superintendent Mondiai, itok em i putim ol polisman-meri long ol setelmen we igat heve longen blong stretim ol bel heve na koros pait namel long ol pipol.

Lae polis iwok long skelim ol trabol long ol setelmen long hap. (Credit: Audience Submitted)

**Odi:** Superintendent Nema Mondiai blong Lae Polis i toktok long ol trabol long Lae siti

**Narapela program:**  
The Religion and Ethics Rep...

Olketa program taim

Sou strim

**Oi nambawan stori**

- ▶ US President bai wokbung wantem Pacific
- ▶ Imigresin Minista i tok Australian ekonomist ino welkam long PNG
- ▶ Barack Obama i win ken
- ▶ Tripela pipol i dai long pait long Lae
- ▶ Tokelau i kamap nambawan kantri long wol long iusim tasol

Fonte: <http://www.radioaustralia.net.au/tokpisin/2012-11-07/tripela-pipol-i-dai-long-pait-long-lae/1042724>

**Dokta i tok ol bel mama imas kisim kuik halvim long provinsol hausik**

Updated 8 November 2012, 17:56 AEST

**Modilon Hausik long Madang Province bilong Papua New Guinea i save bringim oa deliver mo long tu tausen pikinini long wan wan yar.**

Tasol i gat bikpela wari iet long ol mama na ol 'unborn' pikinini long ol rurel eria bilong provins. Long dispela tasol, siria medikal dokta long Modilon General Hospital i laikim i mas i gat wanpela Emergency referral kuik long provins.

Dr John Bolgna em i wanpela Obsterician na Gynaecologist. Em i mekim dispela toktok bihainim bikpela namba bilong dai bilong ol man na pikinini, taim mama i bungim heve long taim bilong karim pikinini.

**Oi Het-tok:** [Papua New Guinea](#) [Helt blong ol Meri](#)

**Painim** ABC Radio Australia

Bikpela toktok **Painim**

Painim aut moa

**Harim**

**Tok Pisin stream**

Launch standalone player

**Nau:**  
Asia Pacific

Olketa program taim

Sou strim

**#raonair**

**RA Pacific Beat** @RAPacificBeat 8 Nov

The US elections and its impact of the Pacific #Raonair

Fonte: <http://www.radioaustralia.net.au/tokpisin/radio/onairhighlights/dokta-i-tok-ol-bel-mama-imas-kisim-kuik-halvim-long-provinsol-hausik/1043340?autoplay=1043330>

The screenshot shows the ABC Radio Australia website. The main headline is "PNG politisen i askim Gavman long opim ai long moni i kam long ol risos" (PNG politics in askim Gavman long opim ai long moni i kam long ol risos), updated on 8 November 2012 at 11:40 AEST. The article text begins with "Garry Juffa, Gavana blong Oro Province long Papua New Guinea i salensim Gavman blong kantri olsem dispela ekonomik boom toktok ino save kamap long ol liklik laen pipol long ples." Below the text is a video player showing a news broadcast. The right sidebar contains a search bar, a "Painim" button, and a "Tok Pisin stream" player.

Fonte: <http://www.radioaustralia.net.au/tokpisin/radio/onairhighlights/png-politisen-i-askim-gavman-long-opim-ai-long-moni-i-kam-long-ol-risos/1043022?autoplay=1043010>

The screenshot shows the ABC Radio Australia website. The main headline is "UN i selebretim wok blong pipal i save protektim rait blong ol meri" (UN i selebretim wok blong pipal i save protektim rait blong ol meri), updated on 9 March 2012 at 22:39 AEST. The article text begins with "Aste, March 8, ibin International Women's Day tasol i luk olsem nogat bikpla selebresin tumas ibin kamap long Papua New Guinea." Below the text is a video player showing a news broadcast. The right sidebar contains a search bar, a "Painim" button, and a "Tok Pisin stream" player. At the bottom, there is a "Ol nambawan stori" section with links to "Registra bilong Politikel Pati long PNG ino hamamas long ol bekim" and "Blip long puripuri kamapim".

Fonte: <http://www.radioaustralia.net.au/tokpisin/radio/onairhighlights/un-i-selebretim-wok-blom-pipal-i-save-protektim-raik-blom-ol-meri?autoplay=423256>

The screenshot shows a web browser window with the URL [www.radioaustralia.net.au/tokpisin/radio/onairhighlights/klaimat-cheins-i-ronim-ol-solomon-islands-pipal/977162?autoplay=977164](http://www.radioaustralia.net.au/tokpisin/radio/onairhighlights/klaimat-cheins-i-ronim-ol-solomon-islands-pipal/977162?autoplay=977164). The main heading is "Tingim Ples stori i lukluk long ol heve em klaimat cheins i kamapim long wanpla laen pipal blong Solomon Islands." Below the heading is a video player showing a scenic view of the Solomon Islands atolls. To the right of the video are several text blocks: "Sampla pipal blong Solomon Islands nau iwok long bungim heve bihaenim of bagarap em klaimat cheins iwok long kamapim long wanpla communiti long kantri.", "Na wanpla long ol despla pipal em iet long Mathew Faka-ia na emi kam long ol liklik ston ailan long Malaita provins, we climate change i ronim of pipal blong en igo long bikples Malaita.", and "Caroline Tiriman husat ibin stap long Solomon Islands long wik igo pinis, ibin toktok wantem Mathew Fakaia na askim em long stori liklik moa long wari blong ol pipal blong en." Below the video is a caption: "Em foto blong Solomon Islands atolls (Credit: ABC)". At the bottom of the video player is another caption: "Mathew Faka-ia i stori long wari blong klaimat cheins long ples blong en (Credit: ABC)". On the right side of the page, there is a sidebar with a "Nau:" section titled "The Religion and Ethics Rep...", a "Ringim studio" section with a video player, and a "OI nambawan stori" section with a list of stories.

Fonte: <http://www.radioaustralia.net.au/tokpisin/radio/onairhighlights/klaimat-cheins-i-ronim-ol-solomon-islands-pipal/977162?autoplay=977164>

The screenshot shows the ABC Radio Australia website. The URL is [www.radioaustralia.net.au/tokpisin/news/topics/papua%20new%20guinea](http://www.radioaustralia.net.au/tokpisin/news/topics/papua%20new%20guinea). The page features a navigation bar with "Tok Pisin" selected, and other options like "Nius", "Lanim Inglis", "Redio", "Komuniti", and "Stori blong mipela". The main content area is titled "Papua New Guinea" and includes two news items: "Imigresin Minista i tok Australian ekonomist ino welkam long PNG" (Updated 8 November 2012, 12:40 AEST) and "Tripela pipol i dai long pait long Lae" (Updated 7 November 2012, 18:30 AEST - Sam Seke). On the right side, there is a "Painim" section with a search bar and a "Harim" section with a "Tok Pisin stream" player.

Fonte: <http://www.radioaustralia.net.au/tokpisin/news/topics/papua%20new%20guinea>

Pacific diseibol laen i toktok  
strong long halvim

Updated 4 October 2012, 13:26 AEST

Dispela wik long kapital blong Papua New Guinea, namba tu bikpela miting blong Forum Disability Ministers ibin hamarim planti long ol wari na halvim ol diseibol laini save bungim.

Wok blong kamapim gut laif blong ol pipol wantaim sampela bagarap long bodi blong ol insait long Pacific i wok long kamap strong moa.

Menija blong Papua New Guinea Assembly of Disabled Persons Organisation, Ipul Powaseu i tok igat planti wok i stap raun long Pacific em ol diseibol pipol ino iet lukim long ol sanis.

**Painim** ABC Radio Australia

Bikpela toktok **Painim**

Painim aut moa

**Harim**

**Tok Pisin stream**

Launch standalone player

**Nau:** Total Rugby

Olketa program taim

Sou strim

**Ol nambawan stori**

US President bai wokbung

Fonte: <http://www.radioaustralia.net.au/tokpisin/2012-10-04/pacific-diseibol-laen-i-toktok-strong-long-halvim/1025300>

Vanuatu PM Sato Kilman bai  
kamapim nupla gavman.

Postim 6 November 2012, 16:01 AEST  
By Sean Dorney, Port Vila

Vanuatu Care taker Praim Minista, Sato Kilman, itok nainpla narapla politikal pati i sapotim em long kamapim nupla gavman blong kantri.

Ol pipal blong Vanuatu ibin vout long ileksan long Tunde long wik igo pinis, tasol ilektoral komisin ino tokaut iet long ol risalt blong despla ileksan.

Sato Kilman ino toktok iet tu wantem ol wok nius, tasol wanpla tokman blong pati ibin toktok wantem Vanuatu Broadcasting na Television Corporation na emii tokaut olsem emi stret People's Progressive Party blong en ibin kamapim pinis tok oraet wantem nainpla narapla pati long kamapim nupla gavman.

**Painim** ABC Radio Australia

Bikpela toktok **Painim**

Painim aut moa

**Harim**

**Tok Pisin stream**

Launch standalone player

**Nau:** Saturday Night Country

Olketa program taim

Sou strim

**Ol nambawan stori**

PNG publik servants i wanpela sad stori: Gary Juffa

Fonte: <http://www.radioaustralia.net.au/tokpisin/2012-11-06/vanuatu-pm-sato-kilman-bai-kamapim-nupla-gavman/1042060>

The screenshot shows a web browser window with the URL [www.radioaustralia.net.au/tokpisin/2007-07-23/turis-industri-blong-fiji-i-wok-long-bungim-heve/114366](http://www.radioaustralia.net.au/tokpisin/2007-07-23/turis-industri-blong-fiji-i-wok-long-bungim-heve/114366). The page features the ABC Radio Australia logo and a navigation menu with options like 'Tok Pisin', 'Senis', 'Nius', 'Lanin Inglis', 'Redio', 'Komuniti', and 'Stori blong mipela'. The main article is titled 'Turis industri blong Fiji i wok long bungim heve' and is dated 'Postim 23 July 2007, 19:47 AEST'. The article text discusses the Interim Labour Minister of Fiji, Bernadette Ganilau More, and her efforts to promote the tourism industry. A sidebar on the right includes a search bar, a 'Painim' button, and a 'Tok Pisin stream' player showing 'Saturday Night Country'.

**Radio Australia**

Tok Pisin Senis Nius Lanin Inglis Redio Komuniti Stori blong mipela

Home | Nius

## Turis industri blong Fiji i wok long bungim heve

Printim

Serim displa stori

Postim 23 July 2007, 19:47 AEST

Interim Labour Minister blong Fiji, Bernadette Ganilau More i tok, mo pipal bai lusim wok blong ol insait long Turism industri, longwanem, heve i wok long kamap yet long industri.

Em i tok, ol hotels na resorts i painim i hat long holim i stap ol wokman-meri, longwanem namba blong ol turis ikam long kantri i stap daun yet.

Ms Ganilau i tok, oli no mekim bikpela wok long advertise longwanem ino gat moni, na oli laikim Finance Ministri i mas givim ol moni blong printim ol brochures na statim ken ol kempein blong kisim moa turis.

Interim Finance Minister Mahendra Chaudhry, husat i bin kam bek long Brussels aste ino mekim toktok yet long dispela heve. (wb)

**Painim** ABC Radio Australia

Bikpela toktok **Painim**

Painim aut moa

**Harim**

**Tok Pisin stream**

Launch standalone player

**Nau:** Saturday Night Country

Olkela program taim

Sou strim

Fonte: <http://www.radioaustralia.net.au/tokpisin/2007-07-23/turis-industri-blong-fiji-i-wok-long-bungim-heve/114366>